



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de inauguração da nova sede do Tribunal Superior do Trabalho**  
**Tribunal Superior do Trabalho, 01 de fevereiro de 2006**

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,  
Excelentíssimo ministro Nelson Jobim, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Excelentíssimo ministro Vantuil Abdala, presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro,

Senhor Jaime Montalvo Correa, presidente do Conselho Econômico e Social da Espanha,

Senhores ministros de Estado Márcio Thomaz Bastos e Luiz Marinho, do Trabalho e Emprego,

Meu caro governador Joaquim Roriz, governador do Distrito Federal,  
Senhores presidentes dos Tribunais Superiores, Regionais e de Justiça,  
Senhor Antônio Fernando Barros e Silva de Souza, procurador-geral da República,

Meus caros parlamentares, deputados e senadores,

Senhoras e senhores magistrados, procuradores-gerais e representantes de entidades de classe,

Senhor Roberto Antônio Busato, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, em nome de quem cumprimento todos os membros da OAB e todos os advogados aqui presentes,

Senhores palestrantes do Fórum Internacional sobre Perspectivas do Direito e do Processo do Trabalho aqui presentes,

Servidores e servidoras do Judiciário,

Meus amigos e minhas amigas,



Um dos principais desafios da democracia é colocar o Estado cada vez mais a serviço da cidadania. O aparelho público verdadeiramente livre e democrático é aquele que de fato abriga e acolhe os interesses legítimos de toda a Nação.

Estou falando de um Estado capaz de tomar decisões com equidistância e equilíbrio, habilitado a prestar serviços com eficiência e transparência. De um organismo pronto a responder às transformações da história com a presteza e a justiça que um povo exige.

A Justiça é um dos principais instrumentos dessa incessante busca de sintonia entre instituições modernas, governos legítimos e uma sociedade plena de direitos.

Exatamente por isso, uma das primeiras iniciativas da nossa gestão foi dar ênfase à reforma do Judiciário, em seus três níveis, o constitucional, o infra-constitucional e o de gestão. O primeiro, que transitava há 12 anos no Congresso Nacional, foi promulgado em dezembro de 2004, com a Emenda Constitucional 45. A infra-constitucional converteu-se, a partir de um pacto de Estado por um Judiciário mais rápido e republicano, em 26 projetos de leis processuais, civis, penais e trabalhistas, dos quais cinco já se tornaram leis. E no aspecto da gestão, criou-se o Prêmio Inovare, já na sua terceira edição, que visa identificar, premiar e difundir boas práticas no Judiciário.

Um dos capítulos relevantes dessa reforma é aquele que trata da ampliação das áreas de competência da Justiça do Trabalho.

Criada no início da nossa industrialização para equilibrar as relações entre patrões e empregados, a justiça trabalhista necessitava adequar-se às transformações da sociedade e da economia moderna.

Nos últimos cinquenta anos, e com maior velocidade nas décadas finais do século XX, o mundo do trabalho mudou. Hoje ele reúne relações mais complexas entre as partes. Os padrões de inserção no mercado passaram por enorme diversificação: incluem agora um novo leque de atividades autônomas e múltiplas formas de prestação de serviços.



Cabe à Justiça responder a essas mudanças estruturais que deslocam o patamar das demandas trabalhistas, redesenham o perfil dos seus personagens e de suas causas.

A Emenda Constitucional 45 modernizou a Justiça do Trabalho e ampliou sua competência para julgar ações relativas ao direito de greve, à representação sindical, a mandados de segurança e *habeas corpus*, bem como a infrações comprovadas pela fiscalização competente.

Num Estado democrático não fazia mais sentido manter pendências do mundo do trabalho num limbo jurídico entre a esfera comum e a trabalhista.

A Emenda Constitucional 45 prevê ainda a criação de um Fundo de Garantia de Execuções Trabalhistas, que está sendo analisado no âmbito do Poder Executivo. Trata-se de garantir aos trabalhadores maior agilidade no pagamento de direitos reconhecidos pelo Poder Judiciário, mas muitas vezes protelados por indisponibilidade imediata de recursos da parte acionada.

Por trás de todas essas mudanças há um entendimento republicano: a Justiça não pode reiterar as desigualdades de uma sociedade nem aderir à dinâmica que retarda a sua superação. Cabe a ela, ao contrário, contribuir para a correção de desequilíbrios intoleráveis que comprometem a emancipação de um povo. Tal esforço requer avanços de natureza institucional, mas também de ordem técnica e humana. Foi o que ocorreu neste caso, com a ampliação do poder de resposta do Tribunal Superior do Trabalho e a criação de mais dez vagas de Ministros – cinco dos quais já nomeados e sabatinados pelo Congresso Nacional.

Minhas senhoras e meus senhores,

Vivemos um momento auspicioso para acelerar a convergência entre a igualdade econômica e a igualdade social em nossa democracia. O Brasil se reencontrou novamente com a produção e o emprego. E isto está ocorrendo dentro de uma trajetória inédita: a que coloca o crescimento da economia como parceiro inseparável da justiça social.



Estou falando de uma dinâmica que já é refletida em resultados. Nossa sociedade registrou, no ano passado, a mais acentuada queda dos níveis de pobreza desde 1992. As seis maiores regiões metropolitanas do Brasil exibem a menor taxa de desocupação desde 2002. Em 2005, o número de pessoas ocupadas nas grandes metrópoles registrou um aumento de quase 12 por cento em relação ao emprego disponível em 2002. Mais de 80 por cento dos acordos salariais fechados em 2005 garantiram aumentos iguais ou superiores à inflação do período.

Com o novo salário mínimo de 350 reais o poder de compra do trabalhador humilde atinge o valor mais alto desde 1985. Trata-se de um ganho real de 13 por cento em relação ao ano passado, portanto, uma adição de pelo menos 16 bilhões de reais na economia já a partir de abril. Trata-se de mais empregos e melhores salários. E de inflação baixa com renda distribuída de forma mais justa.

A estrutura do desenvolvimento brasileiro foi corrigida e ampliada. Está pronta para alargar o horizonte do nosso crescimento e das nossas esperanças.

Este momento pede uma Justiça do Trabalho revigorada. O Tribunal Superior do Trabalho está habilitado e tem competência para ser um importante agente democrático deste novo ciclo de prosperidade nacional.

Tenho a certeza de que esta nova sede que inauguramos hoje será não só uma testemunha das mudanças que estamos vivendo, mas também um dos cenários onde o Brasil continuará progredindo.

Meu caro Presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Possivelmente não tenha no Brasil nenhuma instância do Poder Judiciário em que numa festa de inauguração a gente possa ver a pluralidade que a Justiça do Trabalho representa. Estou vendo aqui representantes do sistema financeiro brasileiro, estou vendo aqui representantes de vários setores empregadores, estou vendo aqui vários advogados trabalhistas, estou vendo aqui vários dirigentes sindicais, e isso me dá conta do que disse o presidente



Vantuil quando estava trabalhando na rua Jurubatuba, em São Bernardo do Campo.

Naquele tempo, meu caro Presidente, para que o prédio da Justiça funcionasse na Jurubatuba, o Sindicato foi obrigado, pela necessidade da Justiça, a doar máquinas de escrever, a doar mesa para o juiz trabalhar, muitas vezes a doar gasolina para que o juiz pudesse transitar e, muitas vezes, doar inclusive funcionários do sindicato, emprestados para que a Justiça pudesse funcionar. Não apenas a Justiça do Trabalho. O prédio da Previdência Social só funcionava porque o Sindicato colocava parte dos funcionários, e a Prefeitura, para que pudesse funcionar a Justiça.

Esse tempo era um tempo em que, certamente, a Justiça já tinha prestado muitos serviços à sociedade brasileira. Mas, certamente, uma Justiça que precisa de uma cadeira do sindicato, de uma máquina de escrever de uma prefeitura, tem menos independência do que uma Justiça que não precisa, porque conquistou o direito de ter a sua mesa, os seus funcionários e as suas varas.

Aliás, eu estou vendo aqui, na minha frente, o ex-ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Almir Pazzianotto Pinto que, por coincidência, naquela época era advogado do meu Sindicato. E eu me lembro de uma pequena vitória nossa que valeu como se fosse a maior vitória de todos os tempos, quando entramos na Justiça contra uma decisão do Tribunal Regional do Trabalho em São Paulo, que não permitia que o Sindicato representasse os trabalhadores e fazia com que nós mudássemos a nossa pauta para atender ao interesse dos outros 32 sindicatos da Federação.

Nós queríamos apenas o direito e o reconhecimento de que era o Sindicato o legítimo representante dos trabalhadores. E foi o Tribunal Superior do Trabalho que reconheceu, naquele momento, que a Federação representava apenas os trabalhadores inorganizados e que o sindicato era o legítimo representante dos trabalhadores brasileiros.

Ora, isso hoje parece uma coisa sem importância, mas naquele momento, quem acompanhou a briga política do movimento sindical da década



de 70 sabe que foi uma vitória extraordinária e que balizou o surgimento do chamado “novo sindicalismo” no final da década de 70.

Lembro-me também de uma pequena conquista obtida aqui, também era advogado o Almir Pazzianotto. Eu estou vendo outro advogado do Sindicato aqui, o Siqueira, que está lá atrás, como ele não foi ministro do Tribunal Superior, ele não pode estar aqui na frente.

Mas eu me lembro de uma conquista que também hoje parece pequena, mas que na época foi extraordinária, que foi a do salário substituto, ou seja, fazer com que as empresas pagassem para um trabalhador contratado, para exercer a mesma função, o salário daquele que tivesse sido demitido. Hoje parece irrelevante, mas naquele tempo era uma vitória tão importante quanto essa que nós estamos vendo nesse seriado “Roma”, de tão importante que era a guerra no movimento sindical.

Eu estou contando essas coisas porque aqui tem dirigentes sindicais importantes, advogados importantes, deputados importantes, aliás, tem muita gente importante aqui. E, de vez em quando, nós enveredamos pelo caminho do julgamento fácil.

Eu só queria fazer uma correção, se me permite um Presidente da República tentar corrigir o Presidente do Supremo Tribunal Federal. Nós não passaremos pela história apenas por aquilo que fizemos. Não! Não passaremos também apenas por aquilo que não fizemos. Muitas vezes, e a história já provou isso, nós passaremos para a história por aquilo que alguns mal-intencionados falarem que nós fizemos.

Lembro o presidente Juscelino Kubitschek, agora tem um capítulo especial contando a vida de JK, cinqüenta anos depois. Mas sabe Deus o que este homem passou durante o seu mandato de Presidente da República, para ser reconhecido 50 anos depois. Isso porque, muitas vezes, predomina a leviandade ao invés da verdade, muitas vezes predomina o jogo fácil das palavras do que a verdade, que sempre é mais difícil de ser dita.



E falo da Justiça do Trabalho com a convicção de um cidadão que foi criado junto aos trabalhadores, trabalhando desde o começo em harmonia com a Justiça do Trabalho, divergindo, exigindo mudanças, criticando, mas nunca perdendo de vista a importância histórica e a importância atual que tem a Justiça do Trabalho. A Justiça do Trabalho, de vez em quando aparece um empresário e diz: “nós precisamos acabar com a CLT, ela é que atrapalha o mundo do trabalho”. De vez em quando aparece um companheiro, dirigente sindical, e diz: “precisamos acabar com a CLT, ela atrapalha o contrato coletivo de trabalho”. Eu queria dizer, tanto àqueles, de um lado, que dizem que precisa acabar com a CLT, quanto do outro, que dizem que também precisa acabar com a CLT, que se nós quisermos medir o que representa a Justiça do Trabalho neste país, desde a sua criação até agora, eu queria lembrar a vocês que algumas categorias de trabalhadores poderiam sobreviver, mas o conjunto dos trabalhadores, ao invés de conseguirmos um avanço, certamente o resultado seria a barbárie e não uma conquista para os trabalhadores.

Se isso aqui não fosse um plenário – que deverá ter muitos e bons debates – se não fosse uma festa de inauguração de um prédio que foi construído sem que houvesse nenhuma acusação de desvio de dinheiro, numa demonstração de que a gente não pode julgar um pomar por uma laranja apodrecida; se não fosse tudo isso, se isso aqui fosse uma sala de reflexão ou de meditação, eu ia pedir para vocês: “Vocês querem ter a dimensão da importância da Justiça do Trabalho, mesmo os que criticam, os que aplaudem, os que querem mudança – e certamente precisa de mudanças – vocês querem ter noção do que significa a Justiça do Trabalho?” Se nós pudéssemos meditar 30 segundos de olhos fechados e começássemos a imaginar o mundo do trabalho no Brasil sem a Justiça do Trabalho, aí, quando nós abrísssemos os olhos, nós íamos estar pedindo para que fosse criada a Justiça do Trabalho.

Muito obrigado e boa sorte!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
solenidade de abertura do Ano Judiciário**

**Brasília-DF, 01 de fevereiro de 2006**

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,  
Excelentíssimo senhor ministro Nelson Jobim, presidente do Supremo  
Tribunal Federal,

Excelentíssimo senhor senador Renan Calheiros, presidente do Senado  
Federal,

Excelentíssimo senhor deputado Aldo Rebelo, presidente da Câmara  
dos Deputados,

Senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Senhores ministros de Estado,

Senhor Joaquim Roriz, governador do Distrito Federal,

Senhoras e senhores parlamentares,

Ministro Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de Justiça,

General-de-Exército Max Hoertel, presidente do Superior Tribunal Militar,

Ministro Vantuil Abdala, presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Senhor Antonio Fernando Barros e Silva de Souza, procurador-geral da  
República,

Senhor Adylson Martins Motta, presidente do Tribunal de Contas da  
União,

Senhores presidentes dos Tribunais Regionais Federais, Eleitorais, do  
Trabalho e dos Tribunais de Justiça, de Alçada e Militares dos estados,

Senhor Roberto Antonio Busato, presidente do Conselho Federal da  
Ordem dos Advogados do Brasil,

Senhoras e senhores representantes de entidades de classe da  
magistratura,



Meu caro ex-presidente José Sarney, hoje senador da República,  
Meu caro Maurício Correa, ex-ministro e presidente desta Casa,  
Servidoras e servidores do Judiciário,  
Senhoras e senhores,  
Jornalistas,  
Meus amigos e minhas amigas,

Participar de uma solenidade como esta, de abertura do ano Judiciário, é sempre uma honra para o Presidente da República e um exemplo da relação harmônica entre os Poderes. Mas, neste ano, posso dizer que a satisfação de comparecer a este evento tem um caráter especial.

Fui deputado constituinte quando o Brasil vivia a transição de um modelo político autoritário para uma sociedade democrática. Aquele Estado distante das preocupações populares, que vigorara durante duas décadas, dava lugar a outra realidade na qual a vontade soberana do povo passaria a ser predominante. Essa transição não se deu de maneira uniforme, mas a partir do choque entre duas tendências: a dos que defendiam a manutenção do modelo então vigente e a grande maioria da sociedade, ansiosa por mudanças há tanto tempo postergadas.

A Constituição que temos hoje é o retrato daquele momento. Apesar de ter assegurado grandes avanços democráticos, o conjunto de forças que contribuiu para a aprovação da nossa Carta Magna parece não ter sido capaz de consolidar mecanismos de aperfeiçoamento institucionais em relação à Justiça e às demandas da sociedade brasileira contemporânea. Tudo indica que apenas agora estamos atingindo um estágio de maturidade institucional entre os poderes da República que nos possibilita a retomada dessa questão, com mudanças significativas.

Senhores ministros,  
Senhores magistrados,  
Minhas senhoras e meus senhores,



Os últimos três anos foram marcados por um avanço extraordinário no debate sobre as relações entre o Judiciário e a sociedade. É curioso notar como, até então, o tema parecia reservado a debates entre juízes, advogados e promotores sem que a sociedade, real destinatária das reformas, conseguisse se envolver verdadeiramente com tal assunto. E isso ocorreu não apenas por se tratar de questão bastante técnica, mas também porque alguns setores criaram uma espécie de interdição ao debate, dificultando a participação da sociedade. Qualquer declaração mais incisiva vinda de outro poder podia ser vista como incursão indevida sobre assunto que é para poucos.

No entanto, a sociedade se deu conta de que a falta de acesso da população mais carente ao Judiciário limita o seu papel de promotor da justiça e acentua aspectos negativos de segregação e desigualdade social. Foi por isso que acertei com o ministro Márcio Thomaz Bastos que a Reforma do Judiciário seria um dos temas mais importantes de sua pasta.

Minha determinação foi a de que, quando terminasse o governo, pudéssemos olhar para o Judiciário brasileiro e perceber que ele estava mais rápido e mais acessível.

E o que notamos hoje é que o Judiciário de 2006 é sem dúvida diferente do que era em 2003. Os méritos dessas conquistas são de toda a sociedade brasileira, que se envolveu no debate e defendeu mudanças. São também do Parlamento, que nunca votou tantas modificações legislativas para a construção de uma Justiça melhor. Mas são, sobretudo, do Judiciário, que, como em nenhum outro momento, despiu-se de velhos preconceitos e vem se modernizando, fortalecendo a sua independência.

Também o Executivo teve um papel relevante nesse processo. Logo no primeiro ano de minha gestão foi criada a Secretaria de Reforma do Judiciário, tendo à frente o jurista Sergio Renault. Esta Secretaria empenhou-se na construção de agenda para as reformas, em especial de uma agenda nacional, que transcendesse em muito as ações do governo federal.



Essa agenda, constituída a partir de diagnósticos consistentes, compunha-se de três fases. A primeira era a aprovação da Reforma Constitucional, que tramitava por mais de uma década no Congresso Nacional. A segunda tratava da mudança nos códigos, para tornar o processo mais simples e diminuir o número de recursos protelatórios. A terceira era uma reforma gerencial, aproveitando as práticas bem-sucedidas do próprio Judiciário, para torná-lo mais moderno e eficiente.

É gratificante notar o quanto se avançou nos últimos dois anos. O Senado aprovou a Reforma Constitucional, instituindo o Conselho Nacional de Justiça. A partir disso, os três poderes da República, em atitude inédita, firmaram um pacto por um Judiciário mais rápido e republicano. Deve-se ressaltar o papel desempenhado pelo Supremo Tribunal Federal e por seu presidente, em especial, ministro Nelson Jobim, para viabilizar a concretização desse pacto.

Por causa desse pacto foi possível a aprovação, bastante célere, de cinco projetos de lei que constituem verdadeira revolução no Processo Civil brasileiro, tornando-o mais rápido e fechando espaços para recursos que pretendem meramente retardar a decisão final do juiz.

Por fim, o Ministério da Justiça criou, em conjunto com a sociedade civil e associações de juízes e promotores, o Prêmio Innovare, que está em sua terceira edição, sempre valorizando e divulgando práticas positivas ocorridas dentro do Judiciário.

Esses avanços demonstram que todo o país ganha quando o Judiciário se aperfeiçoa e aposta no diálogo e na sua permeabilidade a argumentos e reivindicações de outros setores.

Minhas senhoras e meus senhores,

A nossa Constituição é rica em instrumentos que oxigenam o Judiciário, como a possibilidade do Ministério Público e dos advogados indicarem membros para compor a magistratura. Outros instrumentos constitucionais importantes são o papel do governador na indicação de desembargadores, e o



do Senado, na sabatina de ministros dos tribunais superiores. E vale destacar a indicação de membros da mais alta corte do país, que é feita pelo Presidente da República e sujeita à aprovação do Senado.

O caminho, agora irreversível, que o Brasil escolheu para o seu Judiciário é o do aprofundamento destes mecanismos de democratização, que consolida o sistema constitucional de separação harmônica entre os poderes. Esta democratização, que vai do choque de eficiência ao corte de formalismos, passando pelo fortalecimento dos mecanismos de controle social, é a expressão maior desse processo de reformas.

Um processo que avançou muito nos últimos anos, mas que ainda está em curso e deve continuar merecendo a melhor atenção de todos nós. Felizmente, o Judiciário que estamos construindo hoje já está muito mais próximo daquilo que todos nós almejamos. Tudo isso, em benefício do Brasil e de todos os cidadãos e cidadãs do nosso país.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de contratos de compra de biodiesel do leilão da ANP**

**Palácio do Planalto, 03 de fevereiro de 2006**

Meu querido companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu querido companheiro Haroldo Borges Rodrigues Lima, diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, nossa conhecida popularmente Agência Nacional do Petróleo,

Meu caro Hildo Francisco Henz, diretor-presidente da Refap,

Meus amigos empresários,

Diretores da Petrobras,

Eu confesso a vocês que hoje é um daqueles dias em que a gente acorda dizendo: valeu a pena. É um daqueles dias em que nós nos sentimos orgulhosos de ser brasileiros e me sinto muito mais orgulhoso de estar exercendo o mandato de Presidente da República deste país e poder viver a assinatura de contratos que aqui foi feita entre a Petrobras e as empresas que estão produzindo biodiesel.

E por que motivo de orgulho? Porque entre a descoberta do professor Expedito, entre a data que ele patenteou o biodiesel e transformar isso em combustível de verdade, passaram-se 22 anos. E em apenas dois anos, com o trabalho extraordinário das pessoas que estão aqui, de muitos que estão neste plenário, mas também da ministra Dilma e do ministro Roberto Rodrigues nós,



em dois anos, com o apoio do Congresso Nacional, conseguimos transformar o produto patenteado pelo professor Expedito Parente numa nova matriz energética do nosso país na área de combustível.

Possivelmente para alguns, os números citados aqui da quantidade de milhões e milhões, não vai medir mais em barris, vai medir em litros de biocombustível que temos que produzir. Parecem poucos. Para mim, é muito e me chama à razão para chamar vocês à responsabilidade: Petrobras, Ministérios, Agência, empresários e pesquisadores. Me chama à razão para chamá-los à responsabilidade enquanto nós temos tempo, porque essa não é uma criança que está analfabeta aos 14 ou 15 anos. Nós estamos construindo esse projeto passo a passo, discutindo com empresários, trabalhadores, sindicatos, pesquisadores, cientistas e agora, com os números que foram citados, me chamou a atenção uma coisa: nós precisamos ter no investimento em pesquisa um dos fatores preponderantes para que o biodiesel possa ganhar a dimensão que nós já achamos que tem, mas precisamos convencer os outros a compreenderem que nós estamos produzindo um combustível da maior seriedade e da maior qualidade. O investimento em pesquisa pode, e deve, fazer a diferença para o Brasil no cenário mundial.

Eu mandei trazer isso aqui, esse kit fica do lado da minha mesa. Não tem um visitante estrangeiro que entre naquela sala que eu não tente explicar para ele o que é o biodiesel. Certamente que falta alguma oleaginosa, certamente que falta, mas eu pus as que eu tive acesso. E ainda ando, na minha mala, com uma fotografia da mamona, porque na América Latina, cada vez que você fala em mamona as pessoas não sabem o que é. Então, tem que ficar mostrando a folha, o cacho, ela verde, madura, para as pessoas saberem o que é. E agora eu vou fazer um kit, já falei para o Miguel Rossetto preparar, um kit com todas as oleaginosas que nós podemos usar para que a gente possa vender ao mundo.

Então, a pesquisa, meus companheiros ministros, meus amigos empresários, é condição *sine qua non* para o Brasil consolidar a sua posição



de país que apresenta no século XXI, ao mundo, a mais sólida alternativa para o trânsito dos nossos carros e ônibus e tantas outras coisas. Uma alternativa ao petróleo que é o biodiesel.

O álcool nós já temos consolidado, mas é importante lembrar que o álcool estava esquecido e voltou a conquistar cidadania, não apenas internamente, mas externamente também as pessoas já começam a perceber que, no preço que está o petróleo, nós mesmos brasileiros, que vamos ter a Petrobras anunciando a nossa auto-suficiência assim que a P-50 começar a fazer a sua primeira prospecção – e eu espero estar lá para ver – o fato novo é que eu ainda sonho com a Petrobras exportando muito mais do que está exportando hoje. Não sei se vocês atentaram para um fato na fala do Silas: “desde que a Petrobras foi criada, é a primeira vez que ela exporta mais do que importa”. Vamos ter um superávit na área de Petrobras na ordem de 3 bilhões de dólares. O que não é pouco, porque com a Argélia, nós tínhamos um déficit de quase 2 bilhões de dólares da compra de petróleo. Esse é um fato inusitado e marcante.

Então eu vou repetir, hoje é um daqueles dias que você se levanta e diz: valeu a pena. Primeiro, ser brasileiro; segundo, estar vivendo este momento que nós estamos vivendo e, terceiro, poder viver este momento como presidente da República. Imaginemos a situação dos últimos dois anos, para não pegarmos uma coisa profundamente histórica. No Brasil, as mudanças estão acontecendo muito rapidamente, todos vocês conhecem e sabem que a indústria automobilística tinha deixado de produzir carro a álcool e todos vocês sabem que foi nos últimos dois anos que a indústria automobilística tomou a decisão de produzir novamente o carro a álcool e foi criado o flex-fuel, que tem sido um sucesso extraordinário internamente e eu espero que seja um sucesso extraordinário para o mercado internacional.

Depois, nós vivemos um outro momento importante, vencendo o prazo do cumprimento do Protocolo de Quioto, todos os países signatários começaram a se apressar, a procurar uma nova matriz energética, sobretudo



menos poluente. E aí outra vez entra o Brasil na história. Quem pode competir com o Brasil na oferta de combustível renovável e não poluente? Quem? A verdade é que tem alguns países com um território maior do que o Brasil, a verdade é que tem países com mais conhecimento tecnológico do que o Brasil em várias áreas mas, humildemente, a verdade é que nenhum país do planeta Terra tem as condições que tem o Brasil para competir no combustível alternativo como nós temos. Não existe.

Quando eu penso no combustível alternativo, eu não sou ganancioso e não sou daqueles que pensam somente em nós. Não. Eu tenho dito nesses últimos três anos: o século XXI será o século do Brasil, ou será o século da América Latina, ou será o século dos países pobres. Não é possível que nós não tenhamos em algum século a nossa chance e a nossa chance é exatamente essa, porque são exatamente os países pobres que têm mais terra, portanto, mais condições de oferecer ao mundo uma alternativa ao petróleo ou, quem sabe, ao tão sonhado carro a hidrogênio, que eu não acredito que nada que se invente possa ser mais produtivo do que a facilidade, do que o homem cavar uma covinha com a sua mão, plantar uma semente e, poucos meses depois, estar produzindo óleo.

E eu acho que a África e a América Latina, sobretudo os países mais pobres, que não tiveram acesso à tecnologia e, portanto, estão muito atrasados se comparados ao mundo desenvolvido, têm no biodiesel, no biocombustível como um todo, a solução para oferecer ao mundo desenvolvido uma alternativa menos poluente, mais geradora de empregos, portanto, com mais distribuição de riqueza e, sobretudo, uma coisa que pode distribuir a riqueza no mundo com muito mais justiça.

Esse contrato que vocês assinaram hoje, eu não sei como é que vocês se sentiram. Mas como eu apostei um pouco da minha vida nesse Programa do Biodiesel e acreditei que era possível a gente fazer, montamos todos os grupos que deveríamos montar, discutimos com todas as pessoas que deveríamos discutir. E os empresários tiveram uma contribuição extraordinária porque



acreditaram naquilo que nós estávamos acreditando. E certamente o povo brasileiro agora está acreditando naquilo que todos nós acreditávamos. Ainda é um produto desconhecido de muita gente no Brasil, mas o dado concreto e definitivo é que o Brasil pode e deve se apresentar ao mundo com uma possibilidade única. Temos tecnologia, portanto, tecnologia vale um preço enorme nesse mercado, temos terra em abundância. Cuidado para não transformar o Brasil, nem num mamonal, nem num país do girassol, ou seja, nós temos que levar em conta a preservação ambiental, levar em conta a multifuncionalidade da nossa terra para que a gente possa não ter as nossas paisagens deformadas, não permitir que as pessoas deixem de produzir alimento para produzir mamona. Isso tem que ter juízo e equilíbrio, de trabalhadores, empresários e governo.

Essa é uma aventura boa, uma aventura com responsabilidade. É uma aventura que nós sabemos de onde partimos, por onde queremos passar e onde queremos chegar. As estimativas de todas as leis que nós fizemos são pessimistas. Chegar a 2% em 2008 e 5% em 2013, quando logo, logo, fugindo das nossas mãos, nós vamos ter carro utilizando mais, vamos ter ônibus utilizando mais, porque na hora em que o povo descobrir que é bom, nós vamos ver o sucesso que vai fazer o programa do biodiesel.

Em todas as conversas que eu tive com todos os presidentes da República nos últimos 24 meses, podem ficar certos que o biodiesel... era o programa Fome e Zero e o biodiesel, um do lado do outro. Um era a comida principal e o outro era a sobremesa.

Com o presidente Bush, eu conversei mais de 40 minutos sobre a importância do biodiesel. E sobretudo com a França, com a Alemanha, com a Inglaterra, porque são países dependentes ou de perfurar petróleo em outros países, de fazer prospecção, ou de serem grandes importadores. E tentar convencer essa gente de que as empresas deles podem fazer parcerias com as empresas brasileiras e que as empresas deles podem fazer parcerias com empresas de outros países para que a gente possa ir substituindo



gradativamente o petróleo, porque está ficando caro, o petróleo era muito maravilhoso quando era barato, mesmo assim, não há perspectiva de que o petróleo vá baixar, parece que as pessoas gostaram do preço alto, não há perspectiva.

Então, é nesse momento que o Brasil se apresenta ao mundo como uma nação que, ao invés de ficar chorando o preço do petróleo, fomos buscar com unhas e dentes, acreditando no potencial do país, dos trabalhadores e da sociedade, na nossa auto-suficiência. E ao mesmo tempo, não esperando que daqui a 30, 40 ou 50 anos alguém anuncie o fim do combustível fóssil, de que não tem mais petróleo. Nós não teremos medo, porque o dia que alguém disser: não tem mais petróleo, nós estaremos dizendo: pois bem, nós temos alternativa, pode começar a comprar que é nosso. É tão nosso quanto foi o petróleo brasileiro com a famosa campanha “O Petróleo é Nosso”.

Nós hoje poderíamos dizer: o biocombustível é nosso.

Muito obrigado e boa sorte para todos nós.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de embarque dos estudantes do Projeto Rondon**

**Base Aérea de Brasília, 03 de fevereiro de 2006**

Meu querido companheiro ministro de Estado da Educação, Fernando Haddad,

Meu companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu companheiro Luiz Dulce, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Minha companheira Marisa,

Deputados federais Paulo Delgado e Carlos Mota,

Generais Renato César Tibau da Costa, chefe do Estado-Maior do Exército,

Reinaldo Quincas Magioli, chefe do Estado-Maior da Defesa,

Rômulo Beni Pereira, secretário de Estado e Cooperação do Ministério da Defesa,

Gilberto Arantes Barbosa, diretor do Projeto Rondon do Ministério da Defesa,

Brigadeiro José Américo dos Santos, secretário de Logística e Mobilização, Ciência e Tecnologia,

William de Oliveira Barros, comandante-geral de Operações Aéreas e Antônio – eu soube baixar para você, mas não soube baixar para mim, porque eu penso que sou mais alto do que eu sou.

Antônio Gomes Leite Filho, comandante do VI Comando Aéreo Regional,

Vice-Almirante Nilton Cardoso, chefe do Estado-Maior da Armada,



Senhora Patrícia Nogueira, responsável da UNE pelo Projeto Rondon,  
em nome de quem cumprimento os estudantes aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Soldados,

Estudantes,

Professores,

Meus companheiros e companheiras,

Hoje, eu não poderia começar este ato sem dizer a vocês que a UNE teve um papel extraordinário para que acontecesse o 19 de janeiro do ano passado e para que acontecesse este dia de hoje, porque foi a UNE, através da sua direção, que em vários momentos, ainda no ano de 2004 pedia, reivindicava, exigia e nos convencia da importância de recriarmos o Projeto Rondon. E mais ainda, havia alguns que queriam mudar o nome do Projeto, que não se chamasse mais Rondon, e a própria UNE tomou a decisão de nos propor que não mudássemos o nome, porque o nome já é uma marca do nosso país, dos nossos estudantes e que, portanto, deveríamos manter o mesmo nome. Então, eu quero fazer o meu reconhecimento público do papel que a União Nacional dos Estudantes teve neste Projeto e em outros projetos.

Segundo, hoje é um dia extremamente feliz, não porque estou aqui com vocês, mas porque hoje de manhã nós participamos de um ato de assinatura de contratos de leilões entre a Petrobrás e as empresas produtoras de biodiesel. E, terminados os contratos, eu saio com a sensação de que o Brasil encontrou uma nova matriz energética, pensada por um brasileiro, professor Expedito Parentes, do Ceará, que criou o biodiesel em 75, que patenteou em 1980, e que nós transformamos numa matriz energética nova para o Brasil. Significa – eu disse hoje e vou repetir para vocês –, que o Brasil este ano se transforma num país auto-suficiente. Aliás, é importante lembrar que desde a fundação da Petrobrás, este é o primeiro ano em que a Petrobras exporta mais petróleo do que compra. Nós, que tínhamos um déficit na balança de petróleo



de quase 3 bilhões e meio de dólares, agora vamos ter um superávit de quase 3 bilhões e meio de dólares.

Se não bastasse isso na área de energia, que é uma coisa extremamente importante, ninguém vai conseguir competir com o Brasil na área do combustível renovável, na área do combustível menos poluente, tanto na questão do álcool quanto na questão do biodiesel. Ninguém tem a quantidade de terras, ninguém tem a quantidade de sol, ninguém tem a quantidade de coisas boas que nós temos para tirar de uma pequena cova um combustível para tocar a economia brasileira.

Mas esta semana foi uma semana produtiva. Finalmente conseguimos aprovar o Fundeb também no Senado. Finalmente vocês vão para a Amazônia. Ontem nós conseguimos aprovar a Lei das Florestas, o que vai permitir um manejo sustentável e a gente vai poder, não apenas manusear corretamente, mas preservar o que precisa ser preservado neste país. E também porque eu estou hoje aqui com vocês nesta despedida. Uma despedida curta, mas uma despedida que me lembra a despedida de janeiro. Vocês estão lembrados que a nossa primeira operação no Projeto Rondon foi em janeiro de 2005? Naquela época, 200 estudantes de todo o Brasil foram para a Amazônia após o governo federal relançar o Projeto Rondon. Hoje, a segunda operação. Já não são mais 200, já são 700, dos quais 200 já estão lá e 500 partem hoje. Jovens, estudantes, professores de 20 estados da Federação que vão atuar em oito estados da Amazônia Legal – Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Pará e Tocantins – cobrindo 42 municípios.

Essa operação é curta, quem sabe um dia a gente possa prolongá-la um pouco mais para que esses meninos e essas meninas possam conhecer um pouco mais... Um mundo que, muitas vezes, nós vemos pela televisão ou, muitas vezes, vemos pelo noticiário, do desmatamento ou da violência contra os índios, mas que tão pouco o conhecemos. Posso garantir a vocês que adentrarão um mundo que nunca mais vão esquecer, tanto do ponto de vista



das novidades que vocês vão conhecer, quanto do ponto de vista das coisas que vocês vão aprender.

Vocês sabem que, em cada município, atuarão duas equipes do projeto, cada uma de uma universidade diferente, integradas também por um professor. São estudantes, meu caro professor, meu caro Ministro da Educação, de 84 universidades brasileiras. A atuação de vocês se dará em quatro grandes áreas: cidadania, bem-estar, desenvolvimento local sustentável e gestão pública. Na cidadania, vocês vão ajudar a divulgar orientações sobre a obtenção de registro civil, ajudar a instalar conselhos municipais de educação, de saúde, conselho tutelar da criança e do adolescente, e ajudar a cuidar do meio ambiente. No bem-estar, vocês vão capacitar multiplicadores que dão informações sobre saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e prevenção de prostituição infantil, dentre outras coisas. No desenvolvimento local e sustentável, difundir tecnologia de interesse social para pequenas construções e também desenvolver o potencial turístico das localidades. Na gestão pública, auxiliar na capacitação dos servidores municipais e na elaboração do Plano Diretor do município, entre outras coisas.

Eu não sei se vocês perceberam. Se não perceberam, vão perceber, o dia de hoje não será um dia comum na vida de vocês, sobretudo, porque vocês vão conhecer um mundo diferente, de brasileiros iguais a todos nós, mas que muitas vezes, pelas circunstâncias, não tiveram acesso às coisas que nós temos, que vocês têm e que outra parte do Brasil tem. E, ao me dirigir a vocês, aqui – eu vinha só para dar um abraço, como tem muita gente, dar um abraço em cada um ficaria cansativo para todos nós, tanto para quem recebe quanto para quem dá – eu queria dizer que não há melhor pano de fundo para o Presidente da República falar à juventude brasileira, dedicada e cheia de entusiasmo, do que falar diante do verde da bandeira nacional, de que vocês tanto se orgulham. Não há melhor pano de fundo para a atuação solidária e cidadã de vocês do que o verde que vocês vão conhecer na Amazônia. Vocês são mais de 500 jovens vindos de 20 estados da Federação, cheios de



entusiasmo, cheios de esperança e cheios de coisas boas para oferecer aos nossos irmãos que serão visitados por vocês.

Agora que vocês estão partindo, eu queria dizer que vão prestar um serviço extraordinário ao nosso país e, sobretudo, à formação de vocês. Mas, além de prestar essa ajuda e esse trabalho cidadão, vocês vão conhecer e, como disse aqui o nosso General, certamente vão aprender tanto ou mais do que vão ensinar. O Brasil, hoje, no essencial, já está integrado, mas é preciso avançar na superação da desigualdade social, desbravando um futuro mais humano, abrindo cada vez mais oportunidades. É o que nós e vocês estamos fazendo. É para isso que vocês estão aqui nessa nova operação do Projeto Rondon, que é parte de um esforço gigantesco para interligar cada vez mais o Brasil pela ponte da solidariedade. Vocês estão dando continuidade, em outro nível, à integração que, por exemplo, o telégrafo simbolizou no passado, quando o marechal Cândido Rondon percorreu o país à frente da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas. Ele significa uma iniciativa conjunta do governo federal, sob a coordenação do Ministério da Defesa, com a participação integrada das Forças Armadas e de vários Ministérios, e seu método é participativo, incluindo entidades como a nossa querida UNE, que participa do Conselho.

Nós não poderíamos estar aqui se não fosse a vontade de vocês, a disposição das nossas Forças Armadas, a decisão política do governo e a colaboração de muitas empresas, dentre as quais a nossa querida Petrobras, que tem sido parceira na construção e execução do Projeto Rondon.

Eu quero dizer para vocês que tomo um avião agora para ir para Minas Gerais, confiante, muito confiante de que deixo, não para trás, porque vocês irão embarcar também, mas deixo aqui, na Base Aérea, um agrupamento de jovens, homens e mulheres, de educadores, que, quando voltarem, certamente serão mais brasileiros e brasileiras do que quando partiram.

Meus parabéns, boa sorte e bom proveito.

A estudante que me deu a camiseta disse que eu tenho que ler o que



está escrito na camiseta. Diz assim: “Vá ao encontro do seu povo, ame-o, aprenda com ele, sirva-o, planeje com ele, comece com aquilo que ele sabe, construa sobre aquilo que ele tem”. É de um índio (inaudível). É da Universidade Federal de Minas Gerais.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração dos novos prédios da Universidade Federal de  
Minas Gerais - UFMG**

**Belo Horizonte-MG, 03 de fevereiro de 2006**

Quero cumprimentar o nosso ministro da Educação, que acaba de falar aqui, o Fernando Haddad,

Quero cumprimentar o Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Quero cumprimentar o ministro Saraiva Felipe, ministro da Saúde,

Quero cumprimentar o nosso ministro das Comunicações, Hélio Costa,

Quero cumprimentar o ministro do Turismo, o mais entusiasta de todos os brasileiros que eu conheço, Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,

Quero cumprimentar o companheiro Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral,

Quero cumprimentar a minha querida companheira Marisa,

O nosso querido prefeito, Fernando Pimentel,

Nosso companheiro Nilmário Miranda, ex-secretário de Direitos Humanos,

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes, Carlos Mota, Isaías Silvestre, Leonardo Monteiro, Maria do Carmo Lara, Paulo Delgado, Virgílio Guimarães, Jaime Martins e Carlos Willian,

Quero cumprimentar a nossa querida magnífica reitora, Ana Lúcia Gazzola,

Quero cumprimentar o também magnífico reitor eleito para substituir a Gazzola, o Ronaldo Pena,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Bilac Pinto, secretário de Ciência e Tecnologia do estado de Minas Gerais,



Quero cumprimentar os deputados estaduais Rogério Correia, Jô Moraes – nossa companheira do PCdoB –, Weliton Prado, Elisa Costa e Carlos Gomes,

Quero cumprimentar a senhora Marília Campos, nossa querida – não sabia que era Campos – a nossa prefeita de Contagem,

Quero cumprimentar o prefeito de Nova Lima, o Carlinhos Rodrigues,

E cumprimentar os nossos professores, funcionários, e alunos que estão aqui presentes,

Bom, neste ato de visita à Universidade Federal de Minas Gerais, todos os oradores falaram muito bem de Minas Gerais e dos mineiros que estão no governo, eu não posso esquecer que tem mais um mineiro no governo, que é o vice-presidente da República, o nosso companheiro José Alencar, que tem sido um parceiro de extraordinária lealdade e que foi, durante a campanha, uma figura, eu diria, quase decisiva para a nossa vitória.

Também não posso citar nomes porque... mas aqui, nesta Universidade, tem gente mineira, não as pessoas, pessoalmente, mas Minas Gerais está pleiteando mais coisas e, como tudo passa por Minas Gerais, quem sabe...

Queria fazer justiça, também, porque o Fernando Pimentel, ao falar do ProJovem, eu acho que o ProJovem é o resultado, eu acredito, da mais importante pesquisa feita sobre a juventude brasileira, feita pelo Instituto Cidadania, o Instituto que eu presidia antes de ser Presidente da República, este Instituto fez uma pesquisa muito profunda sobre a juventude brasileira, apresentaram relatório ao governo e determinaram uma série de políticas públicas para a juventude, coordenada pelo companheiro Dulci até a implantação, e o ProJovem é resultado disso. O Dulci se empenhou, trabalhou, arquitetou junto com os movimentos, criamos a Secretaria da Juventude, ou seja, fizemos tudo que era necessário fazer até chegarmos ao ProJovem. Eu tive o prazer de participar do lançamento de um ProJovem em Recife. E eu saí de lá com a sensação de que os jovens estavam, parte deles, no fio da



navalha, caindo para um lado ou para o outro. E o que nós fizemos, enquanto Estado brasileiro, oferecer a mão para ele não cair do lado da desesperança, da criminalidade, e vir para o lado da esperança, vir para o lado da possibilidade de conquistar uma vida melhor.

Mas não é apenas este programa voltado para a juventude. Hoje nós temos uma quantidade de programas para jovens, que começa desde a Escola de Fábrica, que é uma parceria entre o MEC e algumas empresas que cedem espaço para a gente formar profissionalmente os nossos jovens, até vários cursos no Ministério do Trabalho, no Ministério da Educação, Consórcio da Juventude. E agora, recentemente, nós estamos repetindo uma experiência rica, que é a experiência do Soldado Cidadão. Estamos colocando 350 milhões de reais no Orçamento da União, para que a gente possa incluir 100 mil jovens a mais nas Forças Armadas Brasileiras, para aprenderem não apenas regras de disciplina, de hierarquia, como todos nós temos que aprender, mas, sobretudo, aprenderem uma profissão para poder adentrar ao mercado de trabalho com muito mais facilidade, eu diria até com mais vantagens. São inúmeros programas.

E eu penso que o tempo perdido com a juventude neste país foi tanto, que nós vamos precisar de alguns anos fazendo muito para que a gente possa recuperar a dívida que se tem com a juventude brasileira, com a esperança da juventude brasileira. E por isso, eu sei que o Fernando Haddad fica meio cismado, e falou: “Presidente, o senhor não pode falar do ProUni numa universidade federal”. Posso. Posso falar e vou falar, porque de todas as idéias na educação esta é uma idéia que eu acho genial.

Quando eu comecei a minha militância sindical as pessoas diziam: “não, o sindicato não pode fazer nada, porque é preciso mudar a estrutura sindical. Se não mudar a estrutura sindical você não vai fazer nada”. Eu entrei no sindicato, não mudou a estrutura sindical e nós fizemos tudo. Mudamos a história do sindicalismo brasileiro, a partir de 75, sem mudar a estrutura sindical.



Depois, quando eu pensei em entrar na vida política, diziam: “não, você não pode entrar, isso não vai dar certo, porque primeiro é preciso construir o Socialismo, depois é que vêm as outras coisas e tal, não está certo esse negócio de criar partido, esse negócio de trabalhador”. Criamos um partido e em 20 anos chegamos à Presidência da República deste país.

Também na questão da educação é um pouco isso. Nós não temos que esperar a gente poder construir universidade federal para todo mundo, ter todos os prédios no Brasil inteiro, para falar: “o pobre tem que entrar na universidade”. Não precisamos. Seria muito cômodo a gente ficar com o discurso que eu cansei de fazer, e não faço isso criticando ninguém, faço me criticando, cansei de fazer. Wagner Benevides está aqui, que fez comigo, Carlinhos Calazans está aqui, Paulo Funghi está aqui, estava Arnaldo Godoy, que está lá em cima, cansamos de fazer discursos: “universidade pública e gratuita para todo mundo”. E a gente fazia esse discurso na porta das universidades públicas e não tinha coragem de ir à porta das universidades particulares fazer isso para os estudantes que estavam pagando. Então, era um contra-senso do discurso. Você ficava dizendo a mesmice para quem já tinha pública e gratuita e não tinha coragem de ir na universidade particular dizer: “nós queremos garantir a escola pública para você”.

O que nós fizemos? E essa foi a idéia engenhosa. A idéia engenhosa foi a de utilizar uma parte daquilo que as universidades tinham que pagar – ou algumas não pagavam – ao governo, e transformar aquilo em bolsa de estudos para que os pobres da periferia pudessem ter chance de estudar. O sucesso é extraordinário, e só o estado de Minas Gerais, entre janeiro do ano passado e janeiro deste ano, já tem praticamente 21 mil jovens a mais na universidade por conta dessas bolsas. Vinte um mil jovens a mais. Ao todo, vão ser 203 mil até junho.

Obviamente que nós queremos, um dia, ter todas as universidades públicas que precisarmos ter, mas enquanto a gente não tem, nós vamos ter que ser criativos, inclusive tão criativos, meu caro Fernando Haddad e meu



companheiro futuro Reitor, que nós vamos ter que ocupar todas as carteiras das universidades públicas, para que não fique carteira vazia e estudante fora da universidade, porque nós tivemos problemas sérios, tivemos universidades em que alguns educadores não queriam colocar mais alunos na sala de aula porque dava trabalho. Já estava lá o quadro-negro, já estava lá o computador, já estava lá a cadeira, estava lá a mesa do professor, estava o professor: “Ah, não, tem 30 só, não vamos colocar mais 10, não, que é demais”. Num país em que estamos atrasados em relação ao restante do mundo, para competir nesse mundo globalizado, em que o conhecimento passa a fazer vantagem comparativa que nós precisamos ter para competir com o chamado mundo desenvolvido.

E, mais importante: nunca, em nenhum momento da nossa República, tantos jovens negros, mulheres e homens, entraram na universidade brasileira. Nunca! E nunca tantos índios fizeram universidade neste país. Ainda falta muito, mas nós também só estamos governando há 36 meses, o país tem 500 anos, ou seja, nós temos menos que 0,1% do tempo do Brasil.

Mas o dado concreto é que nós estamos fazendo, por conta de vocês, por conta da nossa relação com a sociedade, por conta da nossa origem, nós estamos tentando resgatar as dívidas históricas que foram se construindo neste país e que as pessoas sempre diziam que o econômico não permitia que se pagasse o social. Não é verdade.

Nós estamos fazendo uma política econômica, a necessária de ser feita, porque eu aprendi com a dona Marisa Letícia que a gente não pode gastar mais do que o que a gente ganha, e a gente só pode fazer dívida do tamanho que a gente pode pagar, porque senão a gente quebra (inaudível) com políticas sociais muito fortes.

Nós saímos de 7 bilhões de reais, em 2003, para 22 bilhões de reais em programas sociais, em 2006. Tudo isso... Se quiser mais pompa eu falo: saímos de 3 bilhões de dólares para 8 bilhões de dólares em políticas públicas.

Só o estado de Minas Gerais, do Ministério do companheiro Patrus



recebe, por ano, 1 bilhão, 760 milhões de reais em programas sociais. O estado mais rico da Federação, São Paulo, recebe, só de programas sociais, 2 bilhões de reais por ano. E eu acho que é pouco. A nossa dívida é tão grande que nós precisamos dar mais. Até porque não há hábito, neste país, de ter programas sociais na maioria dos estados. Muitas vezes são programas com nomes grandes com uma quantidade pequena de gente. O nosso programa é um nome pequeno e já temos 8 milhões e 700 mil famílias participando, ou seja, um nome pequeno, o programa grande, diferentemente do que muitas vezes aconteceu neste país.

Então, eu penso que vir aqui hoje, querida Reitora, e ver aqueles banner ali, com aquelas coisas prontas, dá um duplo prazer. Aliás, esta semana foi muito boa. Esta foi uma semana em que o Fundeb foi aprovado, foi aprovada a Lei das Florestas, logo, logo vocês vão aprovar o Orçamento. Hoje foi um dia excepcional porque nós assinamos o contrato dos leilões do biodiesel com a Petrobras, o que é uma revolução, que talvez os nossos jovens, daqui a 15 anos, vão poder comemorar com o mesmo significado que nós estamos comemorando a independência, a auto-suficiência do petróleo agora, se Deus quiser, em março. Então, as coisas estão acontecendo. E eu fico sempre fazendo as minhas imagens, as metáforas, que muitas vezes a imprensa não gosta, porque ela preferia que eu citasse grandes personalidades do mundo intelectual, e eu prefiro citar jogador de futebol, pé de laranja, “pé de coisa”, é o que eu acho que o povo brasileiro entende melhor. Mas o Brasil é assim. Quando a gente vê uma coisa dessas, eu fico com a impressão que é uma semente que a gente planta. E o pessimista passa perto: “ah, não vai dar nada, não estou vendo nada, não está acontecendo nada”. E você está lá, todo dia, pondo um pouquinho de água, regando aquilo, tirando as ervas daninhas que ficam ali perto, como azarão, não deixando dar certo. E aí nasce o primeiro, brota, vem um galhinho: “ah, mas ele não vai dar nada, ele é muito fraquinho, não sei das quantas, está tudo errado e tal”. Até que a gente possa tirar um fruto e colher o resultado daquilo que foi plantado.



O que nós estamos fazendo hoje é colhendo o fruto, é como se fosse um pequi das Minas Gerais. Nós estamos colhendo hoje para dizer em alto e bom som: é proibido no meu governo que qualquer centavo colocado em educação ou em política social... Porque habitualmente, no Brasil, você investia um bilhão numa indústria qualquer, às vezes ela fechava como aquele cemitério de fábricas que tem em Montes Claros, e você falava em investimento. Um real que você dá para o pobre, se fala em gasto. Não. Educação e pobres são investimentos que têm retorno mais do que muitas outras coisas que a gente possa fazer no país. Por isso nós estamos colhendo. Nós estamos colhendo aqui, em Minas Gerais, numa parceria entre a universidade e o governo federal, uma junção, ou seja, tentando colocar toda a inteligência da universidade federal num único espaço, para que se acumulem muitos fluidos positivos e saia uma força não dispersa como antes, para poder melhor abrilhantar a nossa querida Minas Gerais.

E este é um ano em que nós vamos colher grande parte das coisas que nós plantamos. Daqui a pouco, nossa querida Reitora, vamos a Juiz de Fora inaugurar o Hospital Universitário que está uma beleza e digno de Juiz de Fora, viu, meu caro Paulo Delgado, digno da cidade. E outras coisas que estão acontecendo.

Mas eu vim aqui hoje, porque eu sei que você está deixando de ser reitora. Lamentavelmente, no Brasil, os presidentes da República, não tinham sequer o hábito de receber reitores. Eu fui o primeiro Presidente da República, veja que absurdo, eu fui o primeiro Presidente da República a receber todos os reitores juntos. Nunca ninguém tinha recebido. E gente do mesmo meio. Gente que tinha sido reitor não recebia reitor. Precisou um estranho, que nunca tinha sido reitor, para dizer: “Venham”, como faz a Caixa Econômica Federal, e estabelecer uma relação de parceria. Porque o que a gente fizer não fica nem para o reitor, nem para o Presidente da República, fica para o povo brasileiro e fica para a sociedade brasileira.

Já fizemos duas reuniões – três – e nunca foi pedido a nenhum reitor



que não falasse alguma coisa, eles falam o que quiserem, reivindicam o que querem. E eu quero dizer para vocês: esta senhora que falou aqui, esta Magnífica Reitora, ela tem o hábito diferente de muitos de nós. Muitos de nós somos insaciáveis. Nós desaprendemos a agradecer as pessoas, muitas vezes desaprendemos a falar obrigado. As pessoas aparecem com uma pauta de reivindicação para um prefeito, para um deputado, para um governador, para um presidente da República, com 100 itens, você atende 99, mas eles saem fazendo crítica do um que você não atendeu. Os 99 ele já dá de barato, que era obrigação.

E esta mulher introduziu, na relação com as pessoas, a arte, que não é pequena, de agradecer. Agradecer a uma emenda parlamentar, agradecer a uma atitude do governador do estado, uma atitude do presidente da República, uma atitude de um ministro, dando uma demonstração que nós deixaremos como legado para as futuras gerações, não uma obra, porque ela pode ser desmontada e feita outra. Nós deixaremos é a mudança do padrão de relacionamento entre o Estado e a sociedade, a sociedade e o Estado. Parar de nos vermos como inimigos, parar de nos vermos... Por que os reitores, por que os presidentes não visitam universidades, os governadores não visitam? De medo, porque acham que vão ser vaiados. É verdade.

É verdade porque nós, quando viramos políticos, nós achamos que a democracia só tem um lado, que é o lado do aplauso. E a gente não se toca que a vaia é tão importante como o aplauso. O aplauso pode ser para afirmar, mas também pode ser puxa-saquismo. A vaia pode ser um protesto, mas também pode ser um alerta.

Então, quando Deus nos fez com dois ouvidos é para a gente ouvir aplausos em um e a vaia em outro, e a gente tirar dali as conclusões e nos transformar no caminho do meio, ou seja, escolher entre nem um e nem outro.

Por isso, minha querida, permita-me chamá-la não mais de magnífica, mas de companheira, é gratificante que o Brasil tenha uma universidade que tenha uma reitora da tua qualidade. E, neste momento em que nem sempre as



lideranças estão à altura dos seus liderados – e o que eu estou falando vocês conhecem, pelo Brasil afora – em que muitas entidades têm dirigentes muito aquém das necessidades das entidades, em que muitas vezes o debate ideológico toma lugar à representação da própria corporação, eu queria dizer que o meu orgulho, da convivência contigo, é que você nunca foi governo, nunca se colocou como governo, apesar de, muitas vezes, ser acusada: “Essa é muito governista”. Mas, também, nunca foi contra o governo.

O teu comportamento na Andifes, aqui nesta Universidade, era o comportamento que eu tinha quando era presidente do Sindicato: você nunca foi governo, mas nunca foi contra. Você foi tudo. Representante daqueles que te elegeram para cumprir o teu mandato.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de sanção de Projetos de Lei na área de educação**

**Brasília-DF – Ministério da Educação, 06 de fevereiro de 2006**

Na verdade, não tem discurso. Primeiro, Fernando, eu não poderia deixar passar esta oportunidade sem agradecer o trabalho do Ministério da Educação e de toda a equipe que trabalha com você. Vocês têm, ao longo desses meses, me causado enormes alegrias, possivelmente porque eu faço parte de um conjunto de brasileiros que na época em que deveria estudar não teve as oportunidades de estudar. Cada vez que nós tomamos uma atitude que significa aumentar um pouco a oportunidade das pessoas aprenderem um pouco mais, eu sinto que sou o próprio estudante que está entrando na escola, a própria criança que vai ter um ano a mais e o próprio professor que vai ganhar uma bolsa para poder se aperfeiçoar.

As coisas que foram feitas pelo Ministério da Educação são coisas que poderiam ter sido feitas há 20 anos atrás, há 15 anos atrás, mas as coisas também não acontecem, nem sempre as coisas acontecem no tempo que têm que acontecer. Tinha que acontecer agora, aconteceu agora. E eu acho que a educação brasileira está vivendo um momento auspicioso. Primeiro, porque o Fundeb foi aprovado na Câmara e todo mundo sabe o significado do Fundeb para o ensino básico no Brasil.

Segundo, porque a reforma universitária, ela certamente será, tanto quanto o Fundeb, levada muito em conta pelo Congresso Nacional, e eu não tenho dúvida nenhuma de que também será aprovada, porque nós precisamos fazer uma grande e necessária reforma universitária, onde a autonomia seja definitivamente uma conquista e não uma peça de discurso de campanha.

Terceiro, porque o MEC voltou a dizer à juventude brasileira que eles não podem perder a esperança por falta de aprender uma profissão, porque o



Estado voltou a assumir a paternidade pelo ensino técnico do país, ou seja, nós não precisamos saber se uma prefeitura ou se o estado vai ter dinheiro para gerenciar uma escola técnica, porque é da nossa responsabilidade e nós não fugiremos à nossa responsabilidade. Assumiremos a responsabilidade e, por isso, estamos aí, ainda este ano, para inaugurar 25 das 32 escolas técnicas que estamos fazendo.

Mas eu acho que tudo isso seria pouco se a gente não tivesse aprovado a lei que estabelece que as crianças vão ter nove anos de ensino. O que vocês produziram – eu digo o Congresso Nacional, que trabalhou de forma muito produtiva – o que vocês fizeram, na verdade, foi estender para milhões e milhões de crianças pobres, o direito que algumas outras crianças já tinham, de poder se preparar antes de entrar no ensino fundamental. Vocês estão dando agora a oportunidade para que todas as crianças do Brasil tenham a mesma oportunidade.

Com a aprovação do Fundeb e com esta lei agora, certamente daqui a alguns anos, quando começarmos a colher os frutos que estão sendo plantados agora, nós teremos o Brasil equiparado a qualquer país do mundo, em se tratando de ensino fundamental e também na questão da universidade.

E eu penso que não existe outra possibilidade para que, daqui a 20 ou 30 anos, a gente tenha o Brasil que nós queremos ter se não fizermos o que estamos fazendo agora. Se não acreditarmos na educação como o principal pilar que pode garantir ao Brasil as vantagens comparativas para disputar neste mundo globalizado.

Investir em educação, e veja que eu utilizei a palavra investir, porque está proibido as pessoas utilizarem a palavra gasto quando se trata de dinheiro para a educação. É uma questão conceitual, é uma questão política, mas habitualmente, no Brasil, com a saúde a gente fala gasto, com política social a gente fala gasto, com educação a gente fala gasto, com ciência e tecnologia se fala gasto e com outras coisas a gente fala investimento. E não existe, no planeta Terra, nenhum investimento mais importante do que a gente garantir



que as crianças comecem a estudar no tempo certo delas começarem a estudar.

Por isso, meus parabéns. Parabéns ao nosso ministro da Educação, parabéns a todo o corpo técnico do MEC, parabéns aos educadores do Brasil inteiro, que certamente contribuíram de forma extraordinária para que pudéssemos estar vivendo este momento. Se eu soubesse que fazia tanto tempo que não vinha um Presidente da República ao Ministério da Educação eu teria vindo antes, mas de qualquer forma tem sempre a primeira vez.

Um abraço.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento das medidas de apoio à habitação e construção civil**

**Palácio do Planalto, 07 de fevereiro de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras, ministros e ministras presentes a este evento,

Meus caros deputados e senadores,

Aloizio Mercadante, nosso líder do governo,

Empresários,

Trabalhadores,

Meu querido companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Guido Mantega, presidente do BNDES, espero que tenha vindo trazer boas notícias.

Eu acho que o que foi anunciado pelo ministro Márcio Fortes e pelo ministro Palocci é o resultado de uma vontade que há muito tempo, antes de sermos governo, ainda quando éramos simples militantes dos movimentos da sociedade brasileira, foi construída ao longo de muitos anos por todo o território nacional.

A habitação, saneamento básico e crédito são três coisas que caminham tão juntas que se não tiver as três no mesmo embrulho, na mesma medida, nós não teremos o ciclo completo de investimento na construção civil.

Vocês estão lembrados do aviso do ministro Márcio Fortes. Em junho do ano passado, por obra do Congresso Nacional e, por isso, meus agradecimentos a senadores e deputados aqui presentes, vocês aprovaram a primeira lei de iniciativa popular que foi dada entrada no Congresso Nacional. E



naquela lei, quando eu vim sancionar, eu lembrava ao povo que estava aqui, que a lei estava pronta mas precisaria colocar um dinheirinho para fazer o Fundo. Pois bem, no anúncio do ministro Márcio, vocês viram que nós começamos com 1 bilhão de reais nesse Fundo, para dar prioridade ao setor mais humilhado da sociedade brasileira, aquele que mora nas piores condições, dentre as piores em que moram muita gente neste país, a começar por aqueles que moram em situação degradante, em palafitas espalhadas por este país afora.

É preciso transformar essas pessoas em cidadãos e cidadãs, por isso todo esse dinheiro que vocês viram, para habitação neste país, uma parcela para quem pode pagar, setores médios da classe média baixa, que têm dificuldade de comprar casa; setores operários e trabalhadores que têm dificuldade, e o governo que muitas vezes não priorizava recursos para habitação. Pelos números vocês estão percebendo que não vai faltar dinheiro para que a gente resolva o problema da habitação.

A construção civil está me devendo um compromisso com a aprovação da Lei da Afetação. Eu me lembro que quando foi aprovada a Lei da Afetação, um empresário da construção civil me abraçou e me disse o seguinte: “Presidente, sabe qual é a preocupação que nós temos? É que a indústria da construção civil não está preparada para captar os recursos que vão ser disponibilizados por conta da Lei da Afetação.”

Como já faz um ano, eu espero que as pessoas estejam preparadas porque como também está crescendo a massa salarial, certamente uma parcela da população que trabalha vai ter possibilidade de comprar casa. O dinheiro, tem, e o crédito, tem. Vocês viram aí no anúncio do Palocci e do Márcio.

A segunda medida importante é vocês atentarem para o Conselho Monetário, que democraticamente colocou 8 bilhões e 700 milhões da poupança para ajudar no financiamento da casa própria. Essa é uma política, apesar do meu amigo Jorge Mattoso dizer: “Presidente, fique tranquilo porque



na Caixa Econômica nós nunca tivemos tanto dinheiro para financiamento de casa”.

Eu acho que essa medida é extremamente importante porque demonstra claramente que nós estamos com disposição de resolver um déficit habitacional que, eu me lembro que desde 1974, quando se começou a colocar a habitação como prioridade, naquela campanha que o dr. Ulisses Guimarães fez do anti-candidato, depois na campanha de 1974, aparecia um déficit habitacional de 6,5 milhões de casas. Ou seja, de lá para cá já se construiu tantas casas e o déficit ainda continua sendo, sem número exato obviamente, por volta de 6 ou 6 milhões. Nós precisamos em algum momento zerar esse déficit.

A segunda medida que eu acho que o movimento que está aí manifestou, é um desejo que vocês perceberam que nós não pudemos fazer no primeiro ano, porque o Brasil é um país que tem algumas coisas muito importantes e algumas coisas que criam um certo embaraço. Quando você ganha uma eleição, no primeiro ano você trabalha com orçamento do governo anterior, em que as metas já estão definidas. Você pode fazer muito pouco.

No ano seguinte, quando você pensa que vai fazer, tem eleição municipal, então, você... todo mundo sabe que no Brasil já virou cultura, que no ano de eleição o Brasil é como no carnaval, o pessoal dedica mais tempo à eleição. Depois, em 2005 vocês perceberam que as coisas estavam arrumadas e nós demos um salto de qualidade muito grande. Nós saímos de 3 bilhões para quase 6 bilhões, ou 5 bilhões e pouco, numa demonstração de que a casa estava arrumada para que a gente fizesse esse passo e agora outro passo importante. E por que isso? Porque as condições estão colocadas.

Agora, nada disso seria razoável se nós não priorizássemos o Fundo de Habitação Social, que é uma carência muito grande e uma reivindicação muito justa dos movimentos dos trabalhadores e da sociedade por moradia, sobretudo nos grandes centros urbanos do país.

Esse Fundo vai poder atender aproximadamente algumas dezenas de milhares de famílias que moram em situações desumanas, para dizer assim,



porque quem já passeou em cima de uma palafita, numa favela, em cima de um córrego, sabe a situação em que vivem as pessoas.

A terceira medida, que o Palocci anunciou, que eu acho importante, é o seguinte: 13 itens daqueles que o Palocci citou ali estão saindo de 5% para 0% e 28 produtos que tinham alíquota entre 10, 12 e 15%, estão caindo para 5%. Obviamente que num futuro muito próximo pode cair mais porque o que cai de 10 para 5% pode cair de 5% para zero%, isso é apenas uma questão de *time*, de ver como funciona, de ver qual é a reação, porque isso tem uma coisa importante para a sociedade.

Possivelmente os construtores que estão aqui, a Caixa Econômica Federal, saibam perfeitamente bem que uma medida como essa não ajuda apenas a construção a baratear um pouco a casa, porque no Brasil todos os estudos indicam que nós temos por volta de 60% das casas construídas no Brasil, são casas construídas pelo próprio povo, que não tem dinheiro para financiar. Ele vai comprando tijolo, telha, areia e vai fazendo um quarto, fazendo uma sala, fazendo um banheiro, muda sem rebocar, depois vai comprando um vitrô, depois vai comprando e vai cuidando da sua casa. Sessenta por cento das casas feitas no Brasil são assim. Nós temos casos históricos em que prefeitos entregaram casas para o povo e antes de receber a casa o povo já estava reformando, porque na hora em que ele tem possibilidade, ele faz isso.

Então, o que está acontecendo, na verdade? O que está acontecendo é que nós estamos possibilitando que tanto os empresários, mas sobretudo a sociedade espalhada por este país afora, possa entrar no depósito de material, por menor que seja, na sua vila, e possa dizer: espera aí, o governo anunciou que tal produto caiu o imposto em 10%. Vamos baratear um pouco o preço aí, porque a sociedade, ela tem de ser co-participante para cobrar dos vendedores que reduzam o preço. Porque, obviamente que nós não temos a intenção de fazer com que o fim das alíquotas, a redução, seja apenas o ganho para uma parte. O que nós queremos é que a cadeia como um todo ganhe com a



redução que estamos anunciando aqui.

E essa medida certamente vai permitir que milhões e milhões de brasileiros... porque todo brasileiro quando ele tem um terreninho, é só pegar uma favela como exemplo, dê o título de terra para a mulher ou para o homem que um mês depois você passa lá e ele já está fazendo uma casinha de alvenaria.

Então, essas medidas visam ajudar a construção civil como um todo, mas visam, sobretudo, fazer com que o povo que autoconstrói a sua casa possa ter acesso a produtos... Teve um cidadão numa discussão, um tempo desses, que disse para mim: “mas vamos tirar imposto de azulejo, porque azulejo é coisa chique.” É coisa chique para você, porque Joãozinho Trinta dizia: “quem gosta de miséria é rico, pobre gosta de luxo.”

Então, o pobre, quando ele vai construir a casa dele, ele quer colocar azulejo da melhor qualidade, ele quer colocar vaso sanitário da melhor qualidade, ele quer colocar... Ele não vai comprar nada de segunda, ele só compra se não tiver condições de comprar.

Então, essas medidas vão possibilitar que todos, ricos ou pobres, possam entrar num depósito de material de construção e ver que estão mais baratos vários dos materiais que são utilizados para comprar a sua casa.

Essas medidas, sem dúvida nenhuma, vão possibilitar que a construção civil volte a ser uma parte significativa no crescimento do Produto Interno Bruto brasileiro, vai possibilitar que a construção civil volte a ser a grande geradora de empregos que sempre foi no nosso país, e vai possibilitar que o povo brasileiro possa ter acesso, com mais facilidade, à sua primeira casa, que é um sonho. Não tem um ser humano que não sonhe em ter uma casinha.

Se você perguntar para o pobre, para a classe média também, até para rico, qual é a principal prioridade de uma pessoa? Ele vai dizer: “é uma casa.” Ele tendo a casa e tendo saúde, o resto ele se vira. E agora veja, ele tendo a casa, tendo a saúde, tendo crédito e material mais barato, vai ser tudo que ele precisa para poder fazer jus àquilo que eu disse no dia em nós assinamos aqui



a lei, sancionei a lei de iniciativa popular, quando disse o seguinte: que essa é um pouco a história das cidades brasileiras, a história de milhões de pedreiros de fim de semana, gente que descansa batendo laje nos domingos e feriados, gente que faz das tripas coração para transformar madeira em barraco, barraco em alvenaria e alvenaria em abrigo, aconchego, dignidade e, portanto, num verdadeiro lar.

Eu quero concluir dizendo a todos vocês: se não fizemos isso antes é porque não podíamos fazer antes. Estamos fazendo agora porque agora o Brasil está mais preparado do que estava ontem, do que estava antes de ontem para ter um futuro de crescimento duradouro, ter a inflação controlada de verdade, ter a massa salarial crescendo e ter o desenvolvimento que é um desejo de todos nós.

Os empresários aqui presentes e os trabalhadores sabem que essa condição não é criada com discurso e não é criada com facilidade. Todos aqueles que imaginaram que poderiam resolver os problemas do Brasil com discurso fácil, nós sabemos o que aconteceu no Brasil. Nós preferimos o discurso da sobriedade, o discurso da possibilidade, sabendo que antes da palavra tem que vir a construção para dar razão à palavras que vamos proferir. E quando viemos aqui, anunciar essas medidas, é para dizer para todos vocês: a construção civil, certamente teremos que fazer outras coisas, aprimorar muitas coisas, mas em poucos momentos da história do Brasil a construção civil teve e tem o destaque que está tendo no nosso governo. Interpretem como quiserem.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do almoço oferecido pelo presidente da República Argelina Democrática e Popular, Abdelaziz Bouteflika**

**Argel - Argélia, 09 de fevereiro de 2006**

Agradeço ao querido amigo Bouteflika as tantas mostras de atenção e carinho dispensadas na minha chegada a Argel. Sua saudação, em particular, expressa a amizade que nos une. Simboliza os profundos laços que aproximam argelinos e brasileiros.

Desde os primeiros dias da heróica luta pela independência deste país, o povo brasileiro aprendeu a admirar uma Nação determinada a tomar seu destino nas próprias mãos. Admiração que só fez crescer diante da generosidade da Argélia ao acolher brasileiros perseguidos durante os tempos sombrios da repressão e autoritarismo que meu país atravessou. Relembro aqui, em particular, e com gratidão, a acolhida que a Argélia deu a este grande brasileiro que foi Miguel Arraes.

Amigo Presidente,

O retorno de Vossa Excelência, em plena saúde, à frente da Nação é garantia de que a Argélia continuará a desempenhar um papel central na política internacional, que continuará sendo referência obrigatória na luta dos povos pelo desenvolvimento e pela soberania.

Suas qualidades pessoais estiveram à mostra durante a visita de Estado que fez ao Brasil, em maio último, e que tenho hoje orgulho em retribuir. Marcaram sua atuação na Cúpula Árabe-Sul-Americana, que tive o privilégio de co-presidir a seu lado. Pudemos contar com sua visão de estadista nesses dois grandes momentos que marcaram o relançamento das relações Argélia-Brasil.

A Cúpula Árabe-Sul Americana foi uma iniciativa pioneira e ousada. Ela afiançou nossa vontade coletiva de transformar uma longa história de



convivência em uma aliança entre blocos decididos a forjar seu lugar num mundo mais justo e solidário.

Temos a convicção coletiva de que o diálogo e o conhecimento mútuo são nossas principais armas para aproximar regiões, superar diferenças e unir gentes.

Num momento em que o Mundo Árabe e a América do Sul vivem etapa decisiva na construção da democracia e na conquista do desenvolvimento, a comunidade internacional tem seus olhos voltados para nossas regiões. Por essa razão, é fundamental a parceria entre a Argélia e o Brasil.

A visita de Vossa Excelência ao Brasil motivou propostas e oportunidades concretas de cooperação que expressam o potencial de povos desejosos de se conhecer melhor e explorar complementaridades.

Em sua visita ao Brasil, Vossa Excelência viu um país que avança no caminho da maturidade política e da abertura econômica com estabilidade, credibilidade e confiança. Um Brasil que tem o compromisso de conferir ao Estado a responsabilidade de promover as melhorias sociais e regionais, removendo obstáculos que ainda retardam nosso progresso rumo ao bem-estar coletivo. Um Brasil engajado na articulação de coalizões internacionais para promover os interesses dos necessitados e marginalizados.

Argélia e Brasil têm uma agenda comum: o combate à fome e à pobreza, a reforma das Nações Unidas, a cooperação Sul-Sul. Essa parceria é fundamental para revalorizar o multilateralismo. Queremos que nossa voz coletiva seja mais forte na arena mundial, que seja mais efetiva nossa participação nas organizações e nos processos internacionais de tomada de decisão. Temos uma contribuição a dar na construção de um mundo mais estável e solidário, engajado na superação das causas reais dos conflitos e da desesperança em que está mergulhada parte da humanidade.

Senhor Presidente,

Não cremos em conflitos de civilizações. Creamos, isto sim, na tolerância e na justiça social, nos planos interno e internacional. Creamos na igualdade de



oportunidades, no respeito à autodeterminação dos povos e na solução pacífica dos conflitos.

O terrorismo é um mal que deve ser combatido com energia e tenacidade. Mas povos livres, bem alimentados, senhores dos seus destinos não terão por que recorrer ao terrorismo.

Temos que convencer os demais líderes do nosso mundo que é mais barato e mais eficaz combater a pobreza e as injustiças do que construir arsenais milionários, que apenas agravam a insegurança. Temos que construir nosso futuro comum não com base no medo, mas na esperança.

Por meio do G-20, no âmbito da OMC, onde esperamos brevemente acolher a Argélia, lutamos por um comércio internacional livre do protecionismo agrícola, que nega aos trabalhadores dos países mais pobres o direito de viver dignamente.

Nas Nações Unidas, devemos juntar esforços para fazer valer as aspirações dos países em desenvolvimento a uma participação mais igualitária nos principais foros da Organização, como o Conselho de Segurança e a Comissão de Construção da Paz.

O apoio da Argélia à iniciativa brasileira “Ação contra a Fome e a Pobreza” reforçou minha convicção de que é possível mobilizar os recursos necessários à erradicação dos bolsões de fome e de pobreza que ainda afligem milhões ao redor do mundo. Na reunião que teremos neste mês, em Paris, aprovaremos propostas concretas capazes de assegurar recursos adicionais em bases estáveis e previsíveis para os mais necessitados, sobretudo na África. Argélia e Brasil estão decididos a colaborar, cada vez mais, em favor do desenvolvimento desse Continente que faz parte da identidade argelina e da alma brasileira.

A Argélia que eu visito hoje é um país que renasceu para o mundo, graças ao esforço e à determinação da sua liderança e, em particular, do seu Presidente. País africano, árabe e mediterrâneo, a Argélia ganhou a admiração e o respeito de seus parceiros ao pacificar-se, ao voltar a ter uma ativa política



internacional e regional e ao engajar-se em um amplo programa de reformas políticas e econômicas.

Vossa Excelência tem sido um incansável promotor dessas reformas, da reinserção plena da Argélia na comunidade internacional e da pacificação interna. O povo argelino expressou, no referendo de setembro último sobre a “Carta para a Paz e a Reconciliação Nacional”, seu apego à convivência pacífica e democrática, repudiando a violência e o terrorismo.

A parceria entre Argélia e Brasil tem sólidas fundações. Nosso comércio bilateral alcançou, em 2005, três bilhões e duzentos milhões de dólares. Argélia é nosso primeiro parceiro árabe, o segundo africano e o sétimo entre os países em desenvolvimento. É também nosso primeiro fornecedor de petróleo e nafta.

O Brasil é o sexto cliente da Argélia e, no comércio global, seu primeiro parceiro dentre os países em desenvolvimento. Esse relacionamento pode aprimorar-se e expandir-se, conforme ficou patente durante a recente missão chefiada por meus Ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, e de Minas e Energia.

O Brasil oferece condições de competitividade e oportunidades de cooperação com transferência de tecnologia. Abrem-se oportunidades para empresários brasileiros engajarem-se em projetos decisivos para o desenvolvimento argelino e na exploração de terceiros mercados. A parceria entre a Randon e a Cevital na construção de reboques rodoviários mostra o caminho. Vejo com satisfação que o projeto de reforma e ampliação da infraestrutura argelina marca a volta dos serviços brasileiros de engenharia a este país, como na Barragem de Boussiaba.

Convido os empresários argelinos a irem ao Brasil para conhecer o mercado brasileiro ou buscarem parcerias que os ajudem a ganhar competitividade e produtividade.

O Brasil dispõe de instituições de serviços de excelência aptas a fomentar a cooperação técnica entre nossos dois países em amplos setores onde temos potencial de complementaridade: agricultura, vigilância do



território, pequena e microempresa, proteção ambiental, saúde, energia, serviços públicos.

As duas gigantes do petróleo e do gás, a Petrobrás e a Sonatrach, têm vocação e meios para, em suas parcerias, construir relações sólidas.

Este é o compromisso do governo brasileiro. Queremos que a Argélia seja sócia do Brasil na construção de um mundo à altura das aspirações de nossos povos, que lutaram pelo direito de sonhar com um futuro melhor.

Meu amigo, caro presidente Bouteflika,

Sei que 33 milhões de argelinos vão juntar-se aos brasileiros nesta Copa do Mundo. Sei que argelinos e brasileiros olham com fascínio a beleza plástica de movimentos das construções arquitetônicas de Oscar Niemeyer neste país. São muitos os laços que nos aproximam na luta pelo desenvolvimento econômico e social. Somos dois países que muito têm a oferecer um ao outro nesse empreendimento único que dá um sentido humano e digno à história que estamos construindo.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a visita à casa do senhor Chacha de Souza**

**Ouidah-Benin, 10 de fevereiro de 2006**

Queria dizer aos homens e às mulheres de Benin que aos poucos estamos mudando a prática política do Brasil com relação à África. O povo brasileiro tem a marca do povo africano na nossa cor, na nossa alegria, na nossa dança, na nossa música, tem muito a ver com tudo o que vocês representam ao mundo.

O Brasil deve muito ao povo africano. Homens e mulheres livres, neste Continente, eram escravizados e vendidos para as Américas. E lá, com o seu sofrimento e o seu trabalho, ajudaram a construir o meu país. Mas não adianta agora ficar apenas chorando o que aconteceu no passado, é preciso pensar em construir o futuro. Todos nós, no Brasil e em Benin, desejamos para os nossos filhos e os nossos netos um mundo muito melhor do que aquele que nós herdamos dos nossos pais.

Nós já visitamos, em três anos, praticamente 17 países africanos. Estamos agora em Benin, vamos a Botsuana e à África do Sul. Nós não queremos que a nossa passagem por Benin, por essa parte que marca profundamente a história do nosso país, seja esquecida. Não é apenas mais uma passagem. O Brasil decidiu abrir a sua embaixada em Benin. Uma parte do Estado brasileiro estará presente, agora, no cotidiano da vida do povo de Benin.

E o Brasil tem muito, muito para ajudar o povo africano. Na questão da saúde, na questão da agricultura, na questão da educação, o Brasil pode ajudar muito mais do que vocês possam imaginar. Podemos ajudar levando jovens para estudar no Brasil; podemos ajudar mandando pesquisadores virem a Benin; podemos ajudar com muita atividade cultural entre os dois países



mas, sobretudo, queremos ajudar no desenvolvimento do continente africano.

Eu quero dizer para vocês que é com alegria e emoção que chego aqui e encontro muita gente pertencente à família Silva. Mas, também, os Silva devem ao que os Souza fizeram por nós ao retornar a Benin. Portanto, eu quero que vocês saibam que nós temos o povo de Benin e o povo africano na nossa consciência e no nosso coração. E a forma mais objetiva de sistematizar o reconhecimento que temos pela nossa relação é, como Presidente do Brasil, poder dizer para vocês: nunca mais o Brasil voltará as suas costas para o povo africano.

Obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do almoço oferecido pelo Presidente da República da Botsuana, Festus Mogae**

**Gaborone-Botsuana, 11 de fevereiro de 2006**

Excelentíssimo senhor Festus Mogae, presidente da República de Botsuana,

Senhores ministros brasileiros,

Ministros de Botsuana,

Embaixadores,

Empresários,

Jornalistas e convidados,

É uma honra visitar este belo país, com o qual o povo brasileiro se sente profundamente irmanado. Minha vinda a Botsuana – a primeira de um Presidente brasileiro – dá seguimento ao gesto de Vossa Excelência, que visitou meu país no ano passado. Sua presença no Brasil deu um impulso às nossas relações, que agora queremos aprofundar.

Brasil e Botsuana são países que compartilham valores e afinidades políticas. Enfrentamos problemas semelhantes com a mesma coragem e determinação. Já cooperamos no plano multilateral em favor da paz e do desenvolvimento. Devemos agora estender essa cooperação nos planos nacional e regional.

Senhoras e senhores,

Em Botsuana encontramos uma síntese das condições necessárias para a construção de um futuro melhor para os povos da África. Esta é uma nação próspera e socialmente coesa, com uma democracia vibrante que vem realizando as aspirações de seus habitantes.



A estatura internacional de Botsuana se mede por sua notável estabilidade política e econômica, pela qualidade de suas lideranças políticas, por uma administração pública transparente, por um saudável ambiente de negócios. Os resultados se vêem no crescimento econômico consistente de várias décadas.

Botsuana é modelo para o continente africano. O Brasil deseja que a parceria que está sendo construída aqui também possa ser um exemplo de cooperação solidária entre nações, de dois continentes, que estão unidas na determinação de alcançar o desenvolvimento e o bem-estar de seus povos.

Senhor Presidente,

Com base no Acordo-Quadro de Cooperação Técnica que assinamos quando da viagem de Vossa Excelência ao Brasil, avançamos em diversos projetos de interesse direto para nossas populações.

O instrumento que assinamos em matéria de combate ao vírus do HIV/AIDS sinaliza a importância da parceria que estamos desenvolvendo. Unindo as experiências bem sucedidas de Botsuana e do Brasil no combate ao vírus da AIDS, ofereceremos um modelo de cooperação para outros países africanos. Antecipamos o dia em que medicamentos anti-retrovirais possam ser distribuídos gratuitamente para amplas camadas da população, preservando vidas e reacendendo esperanças.

O segundo ato que assinamos hoje também tem como objetivo criar oportunidades para nossa juventude, por meio da cooperação esportiva, com repercussões nos planos dos serviços sociais e profissionais.

Queremos fundar nossa parceria em bases econômicas firmes. A realização, ontem, aqui em Gaborone, de importante encontro de homens de negócios atesta esse potencial. Estou seguro de que nesse evento foram identificadas importantes oportunidades de investimentos brasileiros no promissor mercado de Botsuana.

Temos o desafio de elevar o nível ainda muito modesto de nossas trocas comerciais. A tecnologia e os produtos brasileiros, por serem mais adaptados



às condições do mercado africano, podem ajudar Botsuana a diversificar seu parque industrial, sobretudo no campo de couros, calçados e processamento de carne.

Estou convencido de que nossas iniciativas muito se beneficiariam de uma aproximação entre a Comunidade Sul-Americana de Nações e a Comunidade de Desenvolvimento da África Meridional. Ambas organizações se voltam para a coordenação política e a integração regional como indutores de desenvolvimento econômico e social. Na qualidade de sede da Comunidade da África Meridional, quero encorajar o governo de Botsuana a tomar a dianteira nesse processo de aproximação entre países do Sul.

Outro elemento que facilitará nossa tarefa será a criação de uma futura área de livre comércio entre o Mercosul e a SACU. A assinatura de um acordo de preferências comerciais foi um primeiro passo nessa direção.

Nossa parceria econômica também se estende ao campo das negociações multilaterais de comércio. No âmbito do G-20, o Brasil e outros países em desenvolvimento vêm combatendo os subsídios agrícolas, que resultam no empobrecimento de nossas populações.

O compromisso de Botsuana com a democratização dos mecanismos multilaterais explica por que seu país, senhor Presidente, foi escolhido pela União Africana para negociar a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O Brasil é profundamente agradecido pelo apoio de Botsuana à sua candidatura a membro permanente do Conselho.

Contamos, também, com o apoio de Botsuana à iniciativa “Ação contra a Fome e a Pobreza”, lançada há cerca de um ano e meio em Nova York.

Senhoras e senhores,

É uma honra visitar o país de Seretse Khama, líder do processo de independência e Presidente que soube compreender o profundo apego de seus concidadãos pela democracia e pela concórdia. Esses são valores que compartilhamos e que dignificam a aliança que estamos celebrando.



Estamos determinados a construir uma ponte de solidariedade e cooperação entre a África e a América do Sul. Esta idéia-força ganha contornos mais concretos com a proposta do presidente Obasanjo, da Nigéria, de organizar encontro dos Chefes de Estado e de Governo da América do Sul e da África.

Convido nossos parceiros africanos a engajarem-se na viagem de descoberta mútua que me trouxe hoje a Botsuana e já me levou, nos últimos três anos, a 16 outros países do continente africano.

Meu caro presidente Festus Mogae,

Senhores ministros,

Cada vez que embarco em uma viagem para a África é como se estivesse voltando para a minha própria casa. Estamos trabalhando para construir uma consciência do nosso povo de que somos devedores ao povo africano. Não devedores de dinheiro, porque não teremos como pagar, mas devedores da nossa riqueza cultural, devedores da alegria do nosso povo, devedores da nossa ginga e da nossa dança e devedores da beleza do nosso povo. A mistura de brancos, negros e índios produziu, (inaudível) mas eu quero dizer para vocês que, modéstia à parte, uma parcela dos seres humanos mais alegre e mais bonita do que (inaudível).

E quando falamos de integração, logo olhamos o Oceano Atlântico. Me parece impossível estarmos tão perto, com tanta água salgada e profunda pela nossa frente. Entretanto, meus amigos, o ser humano não é medido por quilômetros. As distâncias, às vezes, (inaudível) medidas por quilômetros, porque não há mar e não há distância que possa separar dois povos e dois continentes quando as suas consciências e os seus corações estão irmanados em torno de um objetivo. Podemos (inaudível) e podemos ser francos, podemos morar em Botsuana ou morar no Brasil, mas todos nós trabalhamos para criar um mundo mais justo, mais solidário, em que (inaudível), em que homens e mulheres sejam tratados com a dignidade que aquele que nos criou espera que sejamos tratados.



Quero terminar, senhor Presidente, afirmando uma palavra que eu disse ao povo do Benin. Durante muitos anos no século XX, o Brasil virou as costas para a América do Sul, olhava para a Europa sem enxergar a África, e olhava para os Estados Unidos. Às vezes, queria até enxergar o Japão sem querer enxergar a África.

E eu tenho um compromisso de vida que, possivelmente, não possa ser cumprido por um governo, possivelmente, por algumas gerações. É o compromisso de que nunca mais o Brasil olhará o mundo sem enxergar o continente africano.

Com essas palavras, eu quero pedir a todos que comemoremos essa nossa passagem por Botsuana, com um brinde em homenagem ao presidente Mogae e ao povo de Botsuana.

Muito obrigado.



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Congresso Nacional, pela instalação da 4ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura**

Senhoras e senhores membros do Congresso Nacional,

O Brasil de hoje é um país com mais desenvolvimento e menos desigualdade. Um país no qual o econômico e o social, longe de ser excludentes, caminham lado a lado.

Ao prestar contas das ações do Executivo em 2005 e apresentar nossas metas e desafios para 2006, quero reafirmar que a construção deste Brasil melhor se deve ao esforço conjunto do Executivo, do Legislativo e do Judiciário e ao engajamento de toda a sociedade brasileira.

A mais recente Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), divulgada pelo IBGE em novembro de 2005, confirma que estamos avançando na superação de injustiças históricas, com a redução da pobreza e da concentração de renda.

Nestes últimos três anos, foram criados 3,4 milhões de novos postos de trabalho, todos com carteira assinada. Além disso, mais de 80% dos acordos salariais fechados em 2005 resultaram em reajustes iguais ou superiores à inflação.

Pela primeira vez em décadas, uma ampla negociação entre o governo e as centrais sindicais definiu o valor do novo salário mínimo, que já foi encaminhado ao Congresso Nacional na forma de um projeto de lei.

Ganha o trabalhador, que receberá um salário mínimo mais digno, mas ganha também o país como um todo, com os R\$15 bilhões que irão aquecer a economia graças ao aumento do poder de compra de significativa parcela da população brasileira.

Estamos, todos juntos, mudando o Brasil, mas sem perder de vista a



estabilidade econômica, uma vez que inflação alta penaliza duramente os mais pobres e inviabiliza qualquer projeto de desenvolvimento de longo prazo.

Nossos esforços conjuntos e nossa disciplina na condução da política econômica permitiram a devolução antecipada dos recursos emprestados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), economizando US\$900 milhões em juros.

Não mais devemos ao FMI. Podemos caminhar com as próprias pernas, condição para avançar neste novo ciclo de desenvolvimento sustentável.

Estamos também retomando as grandes obras industriais e de infraestrutura. Além de gerar milhares de empregos e reforçar as bases para o desenvolvimento do país, obras como a ferrovia Transnordestina, o Pólo Siderúrgico do Ceará, a duplicação da BR-101 e a refinaria Abreu e Lima consolidam a industrialização do Nordeste, corrigindo desigualdades regionais históricas.

Fruto da parceria entre Brasil e Venezuela, a refinaria Abreu e Lima é um dos muitos símbolos da integração do continente, que temos buscado desde o primeiro dia de nosso governo, assim como o Gasoduto do Sul, que une Venezuela, Brasil e Argentina.

Enquanto avançamos na integração da América do Sul, nosso comércio exterior nos aproxima cada vez mais da Ásia e África, sem perder de vista parceiros tradicionais e importantes como os Estados Unidos e a Comunidade Européia.

Nossas exportações continuam crescendo e chegaram ao patamar histórico de US\$118,309 bilhões em 2005, com um saldo comercial de US\$44,764 bilhões. As exportações continuarão a se expandir em 2006, gerando mais emprego e renda.

Ao mesmo tempo em que se prepara para atingir, em breve, a tão sonhada auto-suficiência em petróleo, o Brasil torna-se pioneiro na produção de uma alternativa energética menos poluente. Fortemente vinculado à agricultura familiar, o biodiesel é mais um exemplo de como a economia e a conquista de direitos sociais estão andando de braços dados no Brasil de hoje.



Estamos também criando condições para uma vida mais digna no campo. O Luz para Todos já leva energia elétrica a mais de 2,2 milhões de brasileiros que vivem na zona rural. Os empréstimos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) subiram de R\$2,4 bilhões na safra 2002/2003 para R\$6,2 bilhões na de 2004/2005. Para a safra 2005/2006, foram disponibilizados R\$9 bilhões.

Mas o Pronaf não apenas cresceu em volume de recursos. Antes concentrado na região Sul, o programa nacionalizou-se e hoje chega a todos os estados e a 5.360 municípios do país, também contribuindo para a redução das desigualdades regionais.

Superadas as dificuldades iniciais, o ritmo da reforma agrária se acelerou e, em 2005, assentamos 127.506 famílias. Nosso esforço tem sido para fazer uma reforma agrária de qualidade, com crédito, assistência técnica, educação, habitação, estradas e cisternas para assentamentos novos e antigos. Em 2006, pretendemos novamente ultrapassar a meta anual, avançando no cumprimento do estabelecido com os movimentos sociais do setor.

Queremos continuar avançando, e muito, na implementação das mudanças que o país precisa.

Ampliamos fortemente os investimentos sociais, que vêm crescendo a cada ano. Em 2003, investimos R\$11,4 bilhões em programas vinculados ao Ministério do Desenvolvimento Social. Em 2004, R\$14 bilhões. Em 2005, R\$17,8 bilhões. Este ano, vamos investir R\$21,2 bilhões.

O Programa Bolsa Família já chega a 8,7 milhões de famílias, o equivalente a 77% daquelas que vivem abaixo da linha de pobreza. Nossa meta é chegar ao final de 2006 beneficiando 100% das famílias que vivem em extrema pobreza. Não se trata apenas de fazer transferência de renda, – mas de resgatar cidadanias.

Se o Bolsa Família visa o combate imediato à extrema pobreza, cabe à Educação criar oportunidades para o futuro, sobretudo em benefício dos mais jovens.



Com a contribuição do Congresso Nacional, na apreciação e aprovação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), a educação deverá receber R\$21 bilhões a mais já em 2006.

Ao mesmo tempo, estamos criando dez novas universidades federais e 40 pólos universitários em várias regiões do Brasil. Estamos, também, possibilitando o acesso maciço de alunos de baixa renda ao ensino superior, por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni), que este ano já concedeu 203 mil bolsas.

O ProUni oferece a milhares de jovens vindos da rede pública a oportunidade, antes remota, de chegar à universidade. Da mesma forma que o ProJovem, outro importante programa voltado para a juventude brasileira está assegurando a inserção social de 200 mil rapazes e moças que vivem em situação de risco nas regiões metropolitanas.

Trata-se, enfim, de continuar construindo hoje o Brasil de amanhã, tarefa que tem no Congresso Nacional um dos atores essenciais, apreciando, debatendo e aprovando medidas indispensáveis ao desenvolvimento do país.

Quero destacar que, em 2005, saíram aprovados do Congresso – entre muitas outras iniciativas – o Programa Nacional de Microcrédito Orientado, a MP do Bem, a Lei de Falências, além do ProUni, do ProJovem e do Programa Nacional do Biodiesel.

Em 2006, temos novas conquistas pela frente: o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, a Política Nacional de Saneamento Básico, a organização e o controle social das Agências Reguladoras, o Conselho Nacional de Bioética, o Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência, entre outras.

Tenho certeza de que continuaremos trabalhando juntos, governo, Congresso e sociedade, na construção de um Brasil cada vez mais desenvolvido e menos desigual – para nós, nossos filhos e as futuras gerações.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia por ocasião da 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas**

**Porto Alegre-RS, 17 de fevereiro de 2006**

Sua santidade Aram I, moderador do Conselho Mundial de Igrejas,  
Senhora Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil.

Senhor Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Minha querida companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Doutor Samuel Kobia, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas,

Senhores deputados Adão Pretto, Beto Albuquerque, Henrique Fontana,  
Marco Maia, Maria do Rosário, Orlando Desconsi, Pastor Reinaldo, Paulo  
Pimenta, Tarcísio Zimmermann,

Professor Joaquim Clotet, reitor da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul,

Meus amigos, ex-ministros do meu governo, Tarso Genro, Olívio Dutra e  
Benedita da Silva,

Senhores membros do Conselho Mundial de Igrejas,

Senhoras e senhores participantes da 9ª Assembléia do Conselho  
Mundial de Igrejas,

Senhores jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Os convidados devem estar percebendo que a democracia respira forte  
do lado de fora. Para um país que viveu 23 anos subordinado a um regime  
autoritário, não tem barulho mais gostoso do que o barulho do povo gritando  
contra ou a favor, não importa. O que importa é que ele esteja gritando.

O Brasil tem muito orgulho em receber esta 9ª Assembléia do Conselho  
Mundial de Igrejas, iniciada nesta terça-feira.



Pela importância deste evento, abre-se para nós, não apenas um excelente momento de diálogo intenso, mas também a oportunidade de apresentarmos, em nome do nosso governo, uma síntese do que temos feito nesses três anos para transformar a realidade do Brasil.

Muito do que nos une hoje em termos de valores, de princípios e de prática efetiva começou lá atrás, em tempos muito difíceis. Quando lutávamos, por exemplo, décadas atrás, pela democracia em nosso país, encontramos no Conselho Mundial de Igrejas, não apenas incentivo moral e espiritual, mas solidariedade ativa e apoio efetivo para prosseguirmos confiantes naquelas batalhas.

Foram anos de duras lutas em defesa da liberdade e da dignidade humana. E muitos são os exemplos que poderia citar para dar testemunho da nossa gratidão para com este Conselho. Mas vou me ligar a apenas um caso que condensa, por sua força simbólica, todos os outros. Foi o Conselho Mundial de Igrejas que acolheu, entre 1970 e 1980, um dos brasileiros mais respeitados na área da educação em todo o mundo, que foi perseguido e obrigado a deixar o nosso país, o saudoso companheiro Paulo Freire. Trabalhando como consultor na sede do Conselho, em Genebra, Paulo Freire soube desenvolver importantes projetos de educação libertária na Europa, Ásia, América, Oceania e, sobretudo, nos países africanos de língua portuguesa.

A democracia e a liberdade conquistadas pelo povo brasileiro devem muito à participação solidária das igrejas.

Nesta Assembléia, os valores que dignificam a existência humana continuam mais vigorosos do que nunca. O engajamento deste Conselho na luta mundial contra a fome e a pobreza, por exemplo, tem enorme significado para esta causa da qual nós, brasileiros, temos muito orgulho de participar.

Em 2004 organizei, junto com meus colegas da França, Chile e Espanha, reunião de alto nível para promover a ação internacional contra a fome e a pobreza. Sessenta chefes de Estado e de Governo e mais de 100



delegações, durante a Assembléia-Geral da ONU, responderam positivamente a essa iniciativa, que conta agora com a adesão da Alemanha e da Argélia ao grupo técnico inicial. Desde então, propusemos mecanismos inovadores de financiamento internacional para os fundos de combate à fome e a pobreza e estamos discutindo, na Comunidade das Nações, a melhor forma de implementá-los.

Sabemos que posturas firmes e ações concretas por parte dos Estados são indispensáveis para que alcancemos os resultados esperados. Mas a participação da sociedade civil nacional e internacional têm sido e é imprescindível para que avancemos neste caminho e quero destacar aqui o importante papel que o Conselho Mundial de Igrejas vem tendo no combate à fome e à pobreza em todo o mundo. Isso faz com que continuemos hoje tão próximos como estivemos no passado, em busca de justiça social, lutando pela liberdade, pela democracia e pela dignidade humana.

Todos aqui acreditamos que a força espiritual é imprescindível para impulsionar uma militância solidária e incansável, individual e coletiva, em favor do bem comum. As mentes, os corações e as mãos operosas que comungam valores de amor e respeito ao próximo são, com certeza, indispensáveis na construção de um reino de justiça neste mundo de desigualdades.

Minhas amigas e meus amigos,

Estes são os valores e princípios que buscamos, desde o início do governo, colocar em prática. E essas nossas ações, graças a Deus, já contribuíram nesses três anos para mudar, e muito, a vida de milhões de brasileiros e brasileiras. Todo o esforço tem sido no sentido de promover o desenvolvimento e diminuir a desigualdade social em nosso país.

Hoje, mais de 8 milhões e 700 mil famílias – 77% da população que vive abaixo da linha da pobreza – estão recebendo o Bolsa Família, o principal instrumento de ação do programa Fome Zero, mantendo, em contrapartida, seus filhos na escola e cuidando regularmente da saúde.



Com a renda do Bolsa Família, essas pessoas, cerca de 40 milhões, antes praticamente esquecidas pelo Poder Público, estão podendo fazer três refeições por dia e olhar com outros olhos o seu próprio futuro.

Estamos combinando programas emergenciais de amplo alcance com mudanças estruturais que vão possibilitando, cada vez mais, o surgimento de novas oportunidades de emprego e geração de renda para milhões de brasileiros.

O empenho do governo em promover a reforma agrária, por exemplo, já apresenta resultados significativos. Em 36 meses assentamos 245 mil famílias e levamos infra-estrutura e assistência técnica à grande maioria dos assentamentos.

Para muitos das senhoras e dos senhores, talvez seja inimaginável supor que milhões de famílias em nosso país ainda vivam sem ter acesso à energia elétrica. Pois saibam que eram cerca de 12 milhões, 12 milhões de pessoas no Brasil que não tinham acesso à energia elétrica. Mas hoje, felizmente, através do programa Luz para Todos, mais de 2 milhões e 200 mil dessas pessoas, principalmente nas zonas rurais, inclusive remanescentes de quilombos, já contam com energia elétrica pela primeira vez em suas vidas. E até 2008, de acordo com o cronograma estabelecido, esperamos que não tenhamos mais ninguém no Brasil vivendo sem energia elétrica.

Outro exemplo que gostaria de destacar vem sendo realizado em conjunto com a sociedade civil na região que mais sofre com a seca em nosso país, o semi-árido do Nordeste brasileiro. Já foram construídas 113 mil cisternas que captam e armazenam a água da chuva possibilitando a essas famílias uma vida digna, apesar do secular problema da seca.

Na educação, estamos democratizando o acesso, dando oportunidade a quem nunca teve condições de estudar e melhorando a qualidade do ensino em nosso país. Criamos, inclusive, políticas públicas efetivas para reduzir a desigualdade racial.



Hoje, jovens afrodescendentes e indígenas contam com uma política de cotas para ingresso nas universidades federais. As cotas também fazem parte do programa Universidade para Todos, o ProUni, um programa inédito que criamos e que já concedeu em instituições de ensino superior privado, 203 mil bolsas de estudos a alunos de baixa renda. Este número equivale a mais de uma vez e meia o número de vagas anuais nas universidades públicas brasileiras. Ter estudo de qualidade no Brasil não é mais um privilégio de poucos e esta é a verdadeira revolução da democratização do ensino e de um futuro de oportunidade.

Quero dizer aos participantes desta 9ª Conferência: o Congresso Nacional brasileiro acaba de aprovar uma lei fundamental para o Brasil, o Fundo Nacional de Educação Básica, o que vai permitir que o governo brasileiro, a partir de 2008, tenha 4 bilhões e 300 milhões de reais a mais na educação para cuidar das crianças de zero até o ensino médio, permitindo que os filhos dos pobres tenham a oportunidade de chegar ao ensino fundamental, à primeira série, tão preparados quanto outros setores da sociedade que podem pagar uma escola particular para os seus filhos.

Aumentamos de oito para nove o número de anos de freqüência em escola do ensino fundamental, e trouxemos para o Estado brasileiro a responsabilidade de fazer três coisas fundamentais na educação. Eu estou improvisando e o (inaudível) deve estar nervoso. Tranqüilidade aí, meu querido.

Três coisas fundamentais na educação. Primeiro, o processo de reforma universitária que deve ser votado este ano no Brasil, para dar autonomia às universidades brasileiras. Segundo, a extensão universitária. Só para vocês terem idéia, nós estamos criando neste governo quatro universidades federais novas, estamos transformando cinco faculdades em cinco novas universidades federais e estamos fazendo 32 extensões de universidades federais – que normalmente estão na capital – para o interior do país, para dar oportunidade



às cidades médias e pequenas de terem os seus filhos estudando, não precisando ir à capital sem ter, muitas vezes, como pagar ou como morar.

Mais importante ainda é que, no Brasil, o governo federal tinha deixado de assumir a responsabilidade pelo ensino técnico. Tinha uma lei no Congresso Nacional que dizia que só podia ter nova escola técnica se a cidade ou o estado assumisse a responsabilidade pelo gerenciamento daquela escola.

Nós tomamos a decisão, através do companheiro ministro Tarso Genro que está aqui, e do seu sucessor Fernando Haddad, de assumir para o governo federal a responsabilidade pelo ensino técnico no Brasil. E estamos construindo este ano 32 novas escolas técnicas, das quais inauguraremos 25 até junho deste ano.

Evidentemente uma das conquistas das quais mais nos orgulhamos, e que revela o alcance social das mudanças que temos feito em nosso país, é a geração de quase quatro milhões de novos empregos com carteira assinada, empregos formais, em apenas 36 meses, sem contar com os postos de trabalho informais.

No Brasil nós criamos a maior política de crédito para os trabalhadores que já aconteceu na história de um país na América do Sul. Crédito com juros pela metade do juro normal, para que o trabalhador possa pagar em 24 meses ou em 36 meses, descontado no seu salário. Isso possibilitou, em 17 meses, entrar no mercado brasileiro 31 bilhões de reais, como crédito para o trabalhador brasileiro. E isso tem possibilitado a geração de empregos e a melhoria da vida das pessoas.

Esta nova situação do Brasil já se refletiu na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, feita pelo IBGE, cujos dados demonstram que, entre 2003 e 2004, três milhões de brasileiros saíram da condição de miséria absoluta, deixando a linha da pobreza e conquistando o início de uma nova cidadania.

É preciso, porém, deixar claro que muitas das ações e iniciativas do nosso governo têm origem na mobilização da sociedade, em suas propostas,



em suas reivindicações. Esse é um dado importante. Como Presidente da República, nesses 36 meses, eu participei de 17 conferências nacionais: conferência de trabalhadores sem-terra, conferência de saúde, conferência de portadores de deficiência, conferência para discutir a educação. Dezesete conferências nacionais, em que parte das coisas que estamos fazendo são resultado dessa participação popular e desse exercício da democracia que, muitas vezes, é fácil falar e muito difícil colocar em prática.

Em muitos casos é a presença nacional e a capilaridade das instituições religiosas que têm possibilitado ao Estado levar, através de convênios e parcerias, os benefícios à população. Tanto na conscientização de setores populares como na organização de cadastros com fins sociais, ou mesmo na fiscalização dos programas do governo, as entidades religiosas têm desempenhado um papel insubstituível neste processo de transformação do Brasil. E confiamos que esta colaboração se estreite cada vez mais.

Quero fazer mais do que um reconhecimento público à efetiva participação do Conselho Mundial de Igrejas nas ações sociais no Brasil. Quero conclamar o Conselho a continuar atuando junto conosco na construção de uma sociedade cada vez mais justa e solidária.

Meus amigos e minhas amigas,

O ecumenismo cristão representado por este Conselho é um exemplo na busca de um mundo de paz. Tenho certeza de que ele deve continuar a ser promovido e ampliado.

Felizmente, o povo brasileiro desenvolveu ao longo de sua história uma característica da qual muito nos orgulhamos: a liberdade e a tolerância religiosa, apesar dos muitos preconceitos que herdamos do passado. Somos um país multirracial e multireligioso. O nosso Estado laico garante, pela Constituição, que cada um professe sua fé segundo sua própria consciência.

Um exemplo recente reforçou, na prática, a liberdade religiosa em nosso país. O novo Código Civil Brasileiro, no que se refere à constituição jurídica de templos e entidades religiosas, definiu claramente direitos e deveres, e



simplificou os processos administrativos para sua abertura. Com isso, garantimos a todas as religiões, e em especial às muitas denominações evangélicas, o suporte jurídico necessário para o seu funcionamento. Paralelamente, nosso governo intensificou o diálogo com a sociedade e adotamos ações educativas, buscando promover cada vez mais o convívio saudável e respeitoso entre todas as religiões.

Quero agradecer ao Conselho Mundial de Igrejas por ter escolhido para a realização de sua 9ª Assembléia o Brasil e a nossa querida Porto Alegre, berço do Fórum Social Mundial, expressão dos ideais e da diversidade da sociedade civil contemporânea.

Aqui, compartilhando idéias, assumindo decisões em comum, trocando experiências e nos fortalecendo espiritualmente, estamos também, e isso é o mais importante, dando continuidade à sagrada tarefa de manter viva a chama da fraternidade e da solidariedade entre todos os povos do mundo.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de abertura da 26ª Festa Nacional da Uva**

**Caxias do Sul-RS, 17 de fevereiro de 2006**

Senhor Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,  
Senhor Michele Valensise, embaixador da Itália no Brasil,  
Senhora Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,  
Senhor Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,  
Senhor Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,  
Tarso Genro, ex-ministro da Educação,  
Olívio Dutra, ex-ministro das Cidades,  
Minha companheira Marisa,  
Senhora Cláudia Rigotto,  
Deputado Fernando Záchia, presidente da Assembléia Legislativa do  
Estado do Rio Grande do Sul,  
Deputados federais aqui presentes,  
Senhor José Ivo Sartori, prefeito de Caxias do Sul, em nome de quem  
saúdo os demais prefeitos da região,  
Vereador Pedro Incerti, presidente da Câmara,  
Senhores secretários estaduais,  
Senhores deputados estaduais,  
Senhor Gelson Palavro, presidente da Festa da Uva,  
Rainha Julia de Carli,  
Princesa Marcela,  
Princesa Natália,  
Senhoras e senhores,  
Embaixatrizes,  
Meus amigos,



Minhas amigas,

Na verdade, os organizadores da Festa da Uva um dia vão ter que meditar que a Festa da Uva será muito melhor no dia em que não se precisar ouvir discursos. Mas, de qualquer forma, faz parte do ritual, faz parte da liturgia da Festa falarem as autoridades aqui presentes.

Eu já vim muitas vezes a Caxias do Sul. E esta é a segunda vez que eu venho numa Festa da Uva. Confesso a vocês que cada vez que a gente vem, a gente nota uma motivação a mais, uma coisa a mais, uma novidade a mais. Isso dá a todos nós a esperança que Caxias, uma cidade portentosa, extraordinária pela qualidade da sua gente e pela beleza da sua gente mas, sobretudo, pela pujança do seu desenvolvimento... Uma cidade em que, ao entrar numa feira, a gente encontra dois monstros sagrados, como a Rondon e a Marcopolo, a gente fica imaginando do que este estado e do que esta cidade são capazes.

Mas, ao mesmo tempo, esta cidade vive também por conta dos pequenos produtores desta região e deste país. Pequenos produtores que, às vezes, no anonimato... Pequenos produtores que, individualmente, são pequenos mas, juntos, formam a maior produção de vinho deste país, a melhor qualidade de vinho do país e, porque não dizer, depois de muito tempo esperar, um dos melhores espumantes que o mundo conhece.

Então, sempre que venho a Caxias do Sul, como na Festa da Uva de 2004, constato a força da identidade cultural, a pujança empreendedora e a capacidade de trabalho dos homens e mulheres da Serra Gaúcha.

Como cidadão brasileiro e Presidente da República, orgulho-me da qualidade das uvas, dos vinhos e dos muitos produtos das agroindústrias familiares e das empresas aqui da região e de todo o Brasil, várias de dimensão internacional. Agora está virando moda: em muitos países que eu chego, ou você encontra a Gerdau virando multinacional, a Marcopolo



multinacional, a Rondon multinacional. E quem sabe, daqui a pouco, a gente vai estar andando pelo mundo e vai estar encontrando vinho do Rio Grande do Sul oferecido entre os melhores vinhos do mundo. Como eu sou jovem, só tenho 60 anos de idade, eu espero viver o suficiente para chegar em Paris e pedir um vinho brasileiro. Aí, quem sabe, vai ser o top do vinho produzido aqui, neste país.

Também quero cumprimentar a rainha e as princesas – a Julia, a Natália e a Marcela – que, com sua simpatia, elegância e beleza, conferem um brilho especial a esta festa.

Mas quero lembrar que duas questões chamaram muito minha atenção em 2004, e se renovam aqui hoje. Primeiro, a alegria estampada na cara de cada homem e de cada mulher, demonstrando imensa satisfação com a colheita, fruto do seu trabalho e resultado de tantos esforços. Todos fazem desta festa um momento ímpar para apresentarem as riquezas aqui produzidas e para brindarem o início de mais uma colheita, de mais uma vindima.

Em segundo lugar, lembro-me bem das reivindicações que naquela ocasião vocês apresentaram. A variedade de problemas apontados demonstrava, de forma evidente, a necessidade de políticas públicas mais eficazes para o setor, além da Câmara Setorial da Uva e do Vinho, que criamos no início do nosso governo.

Foi então, como vocês se recordam, que terminei o meu discurso naquela oportunidade, dizendo que voltaria em dois anos para prestar contas do que tivéssemos feito em atenção ao setor. E é para isso que estou aqui hoje.

Entre as várias medidas que tomamos, começo citando a negociação entre os setores privados do Brasil e da Argentina, com o apoio do governo federal, sobre as cotas de entrada para os vinhos daquele país no mercado brasileiro. Os efeitos positivos dessas cotas, que vigoram desde 2005, já são sentidos no mercado interno e têm o objetivo de pôr fim a uma situação que



colocava em risco o setor e as mais de 20 mil famílias produtoras de uva. Há 20 mil aqui, o governador Rigotto falou 15 porque 15 são do Rio Grande do Sul e cinco são de outras localidades.

Outra medida importante foi a redução drástica do principal imposto federal incidente sobre os espumantes. Com a redução da alíquota do IPI, de 30 para 10 por cento, atendemos uma antiga reivindicação do setor, o que já permitiu a ampliação das vendas de espumantes no mercado interno em 2005. Continuamos estudando a adequação tributária no âmbito do Mercosul. Várias outras medidas foram tomadas. E o diálogo franco entre o governo federal e o setor continua rendendo ações importantes.

Quero destacar o acordo de cooperação assinado hoje em Flores da Cunha, entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Ministério do Comércio Exterior e o Ibravin. O acordo trata da implantação do Programa de Extensão Industrial Exportadora para o setor, que prestará assessoria às pequenas e médias cantinas e vinícolas, criando condições para que elas possam disputar tanto o mercado nacional quanto o mercado externo com mais qualidade e competência. Esse programa vem se somar à ação do Ministério da Ciência e Tecnologia, que desde o ano passado atende o setor, por meio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), já tendo liberado recursos para a inovação produtiva e tecnológica em empresas, tanto na Serra Gaúcha quanto na Metade Sul do estado.

Hoje, também, foi assinado, com o setor privado Vitivinícola, um convênio para melhor controle e fiscalização do vinho brasileiro, tendo em vista a qualidade do nosso produto. É uma ação exemplar de parceria entre os setores público e privado pelo bem do nosso país. Esse convênio se deve ao trabalho da Câmara Setorial do Ministério da Agricultura e se soma a muitas outras ações positivas que foram demandadas pelos produtores.

Sempre buscando a crescente qualidade e a conseqüente valorização do vinho gaúcho e brasileiro assinamos hoje, por exemplo, convênio de R\$ 1



milhão para a aquisição de um espectrômetro de massa, a ser instalado no Laboratório de Enologia de Caxias do Sul.

Mas, acima de tudo, quero aqui reiterar o compromisso feito com produtores e vinícolas em novembro passado, na reunião realizada com a cadeia produtiva em Flores da Cunha, que beneficia 20 mil famílias. Por esse acordo, inédito na história da uva e do vinho no nosso país, estabelecemos conjuntamente o preço mínimo de 42 centavos por quilo de uva comum, com o compromisso, assumido pelas vinícolas, de pagamento aos produtores até 30 de junho de 2006. A novidade, que tenho a honra e a satisfação de anunciar aqui hoje, é que o governo federal está destinando R\$ 200 milhões para crédito de comercialização da safra. É o maior volume de recursos já destinado a este setor.

Esses recursos do Empréstimo do Governo Federal (EGF) estarão disponíveis no Banco do Brasil e na rede bancária privada já a partir da próxima segunda-feira, com taxa de juros de 8,75% ao ano.

E tem mais: atendendo antiga reivindicação do setor, ampliamos o prazo de vencimento desses contratos. Os valores tomados agora, nesta safra, terão vencimento apenas em dezembro de 2007, possibilitando às vinícolas aguardarem a maturação do vinho e sua comercialização, para só depois quitarem os contratos. Sem essa decisão política do nosso governo, vocês sabem que continuariam as divergências, entre produtores e vinícolas, com os pagamentos dependendo da venda da safra para só então o dinheiro chegar ao bolso dos produtores e suas famílias.

Com essa medida esperamos, conforme o acordo assinado, que o dinheiro chegue aos produtores até o dia 30 de junho deste ano. Esperamos, também, que haja um maior aquecimento das economias locais, o que vai gerar mais empregos na indústria e no comércio.

Se vocês não batem palmas, eu não tomaria água nunca. Obrigado pela compreensão aqui atrás.



Quero terminar agradecendo o diálogo franco e a parceria propiciada pelas entidades setoriais, como o Ibravin, a Comissão Interestadual da Uva e seus sindicatos de trabalhadores, a Agavi, a Uvibra e a Câmara Setorial da Uva e do Vinho. Todas essas entidades nos auxiliaram a efetivar esse conjunto de ações, dentro de uma parceria que nos estimula a procurar manter e a expandir essa cooperação.

Eu queria dizer a vocês que eu não poderia deixar de agradecer o trabalho de dois ministros do meu governo, o ministro Miguel Rossetto e o ministro Roberto Rodrigues, que trabalharam horas e horas atendendo, muitas vezes, os setores. O Zaneti, que está ali no meio, representando uma parte do setor, gastou um sapato inteiro, uma sola inteira, indo a Brasília para fazer esse acordo, o acordo está feito.

Eu só lamento profundamente – ao agradecer a todos vocês que organizaram esta festa, ao agradecer aos empresários, agradecer à Rainha, às Princesas e às Embaixatrizes, ao agradecer às mulheres e aos homens que estão aqui – quero dizer para vocês que é muito lamentável que eu vá embora e não tenha recebido, ainda, nenhuma outra pauta de reivindicação para o ano que vem. Significa que, ou nós atendemos tudo, ou vocês estão inibidos em reivindicar mais.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
almoço com agricultores**

**Flores da Cunha-RS, 17 de fevereiro de 2006**

Eu quero cumprimentar o governador do estado, Germano Rigotto,

O nosso Embaixador da Itália,

Os ministros aqui presentes,

Os ex-ministros presentes,

Os deputados federais, estaduais,

E quero cumprimentar o povo de Flores da Cunha e do estado do Rio Grande do Sul,

Duas coisas me chamaram a atenção aqui, duas coisas importantes. Primeiro, eu ouvi falar tanto desse espumante que quando o Prefeito, na sua eloquência falou: “vamos brindar”, eu pensei que ia ter o espumante e até agora o espumante não apareceu na mesa. Toda vez que nós falamos “vamos brindar a alguma coisa”, nós pelo menos brindamos com água, e o Prefeito está devendo o espumante.

Segundo, as duas vezes que houve mais aplausos aqui foram as vezes em que se falou em dinheiro. Eu não vou falar em dinheiro, eu vou dizer outra coisa para vocês. Em várias atividades econômicas, no nosso país, nós estamos adquirindo consciência e maturidade de que o Brasil deixou de ser um país que produzia para si mesmo, que produzia vinhos no Rio Grande do Sul para vender em São Paulo ou Rio de Janeiro, que produzíamos carne em alguns estados para vender em outro estado. Hoje, o Brasil ganhou envergadura internacional, faz parte do processo de globalização do Planeta e, portanto, nós temos mais competitividade, temos mais interesses disputando o mesmo espaço de comércio e de investimentos. Isto posto, o governo federal, o governo estadual, os prefeitos e os produtores de quaisquer produtos no



Brasil levam a sério que os investimentos para criarmos as condições de competitividade e os investimentos em tecnologia para criarmos as condições de qualidade deixaram de ser de interesse de uma única pessoa, de uma única entidade, instituição ou de um ente federativo.

Essas coisas têm que ser pensadas agora, como um conjunto de entidades de governo que começa a se preocupar com o futuro das coisas que nós produzimos. Eu acho importante que a Argentina esteja competindo conosco, acho extremamente importante que o Chile esteja competindo conosco porque isso nos leva a tomar uma atitude de coragem, isso nos leva a aumentar a responsabilidade coletiva. Nem vocês podem ficar pensando que tudo depende de uma ação do governo, nem o governo pode ficar pensando que tudo depende da vontade individual de cada um. Nós, então, temos que assumir a responsabilidade coletiva de que cada um tem uma função a cumprir e, portanto, o conjunto do cumprimento das nossas funções é que vai permitir que o Brasil não tenha medo de competir com a Argentina, que o Brasil não tenha medo de competir com o Chile, que o Brasil não tenha medo de competir com a França, com a Itália, com qualquer outro país produtor de vinho, ou produtor de champanhe, ou produtor de carne, ou produtor de móveis, ou produtor de carros.

Essa é a condição que está colocada. E é por isso que os depoimentos do Rossetto e do Roberto Rodrigues sobre a questão das câmaras setoriais, independentemente do resultado a que chegaram, elas por si só são um avanço da co-responsabilização coletiva para a solução dos problemas que nós vivemos no nosso país.

O Brasil entrou na era em que exportar, para nós, já não é uma coisa de exportação de excedentes, porque no Brasil era assim: nós exportaremos apenas o que sobrar. Acontece que, muitas vezes, as pessoas não querem comprar de nós apenas o que sobra. As pessoas querem comprar antes de sobrar. Daí a necessidade do aumento da nossa produtividade, combinado com a qualidade e combinado com os preços competitivos que nós temos que



colocar no mercado. Nós não iremos levar nenhuma vantagem, em nome do nacionalismo, se alguém apresentar produtos iguais, ou de melhor qualidade, a preços mais baratos que os nossos. Até na casa de um produtor é capaz de comprar um, se aparecer essa chance.

O que nós temos que fazer, claramente, é termos em conta que no mundo dos negócios, hoje, ninguém tem pena de ninguém. Isso é como uma disputa do Grêmio e do Internacional. Os jogadores à noite se encontram, vão às festas comemorar a vitória, mas dentro de campo eles dão canelada, pisam no tornozelo, chutam o joelho, porque eles querem ganhar. No mundo dos negócios é exatamente isso que está acontecendo hoje.

A nossa exigência está cada vez maior. Aos agricultores que têm me procurado em Brasília, eu tenho dito: tem que levar em conta que a nossa responsabilidade hoje é tão grande que qualquer denúncia que aparecer contra o Brasil, na OMC, nós vamos pagar alguns preços que ainda não pagamos. Sobretudo quando o Brasil resolve brigar com as grandes nações, sobretudo quando o Brasil resolve enfrentar a União Européia na OMC, sobretudo quando o Brasil resolve enfrentar os Estados Unidos na OMC, sobretudo quando o Brasil cria o G-20, sobretudo quando o Brasil cria as condições dos partidos, dos países pequenos se fazerem ouvir, nós ficamos mais vigiados. A febre aftosa nos traz problema, determinado tipo de soja nos traz outro problema e nós, então, precisamos... os nossos móveis nos trazem problema se alguém denunciar que a gente está desmatando, como acontece habitualmente na região Norte do país. Por isso nós aprovamos a Lei das Florestas, que vai permitir a geração de 100 mil empregos, em torno da BR-163, só na produção de móveis, de forma cuidadosa, com manejo adequado.

Então eu acho que, na questão do vinho, o Brasil tem que ser competitivo. O Brasil, ao invés de ficar lamentando o vinho argentino no Brasil, nós temos que colocar o nosso vinho na Argentina, temos que colocar o nosso vinho no Chile, temos que colocar o nosso vinho em todos os lugares que nós pudermos colocar. Eu acho que nós já temos tradição, já temos cultura, já



temos conhecimento tecnológico, que precisamos aperfeiçoar. E o que disseram o ministro Roberto Rodrigues e o ministro Rossetto é que a nossa disposição é fazer o que for necessário para que a gente não dê um passo atrás, para que a gente dê um passo à frente.

Fizemos algumas coisas? Fizemos. Fizemos tudo? Não. Precisamos fazer mais coisas? Precisamos. Então, quem sabe no ano que vem, na Festa do Vinho, independentemente de quem seja o governo neste país, venha-se a esta região anunciar mais um passo, mais outro passo, e daqui a pouco nós estaremos construindo o fim de uma grande caminhada, que é tornar o Brasil um país, não apenas grande produtor de vinho, mas um país capaz de produzir vinhos e espumantes de qualidade capaz de competir com os grandes produtores de vinho do mundo. E isso não acontecerá de graça. Se um prefeito achar que pode ficar na sua cidade xingando o governo do estado, se o governo do estado achar que pode ficar xingando o governo federal, se o governo federal achar que não pode atender os pequenos produtores, e cada um jogar para a sua platéia, quem perde é aquele que sonha em melhorar a qualidade do produto que nós produzimos, quem perde é exatamente esse.

Pensar no vinho é pensar no Brasil, é pensar no Rio Grande do Sul, agora um pouco no Vale do São Francisco, lá entre a Bahia e Pernambuco, mas eu acho que nós estamos no caminho certo. Eu acho, Roberto Rodrigues e Rossetto, que qualquer que seja o investimento necessário para que a gente aperfeiçoe os investimentos em tecnologia e aprimoramento da espécie da uva e da qualidade do vinho, vale a pena.

Vocês sabem que, no Palácio da Alvorada, todas as recepções que nós damos são com vinho brasileiro. E, obviamente, que, de vez em quando, você vê gente de outro país botar na boca e não sentir o mesmo gosto que ele sente se ele antes passou na França para tomar um vinho francês de qualidade. E nós poderemos chegar, senão igual ou melhor, poderemos chegar muito próximo. E por que não chegar igual? Isso vai depender de nós. Ou seja, se nós avançamos muito nos últimos cinco anos, nos últimos dez anos, daqui para



a frente é exigência a gente avançar a cada mês, a cada bimestre. Eu acho que nós vamos cumprir a nossa parte, enquanto governo federal, nós vamos cumprir porque entendemos que é uma necessidade urgente.

Nós queremos fortalecer o Mercosul. O fortalecimento do Mercosul pressupõe que a gente cada vez se entenda com os países vizinhos. O Mercosul não vai diminuir, vai aumentar, porque vai entrar toda a América do Sul no Mercosul. O México está pleiteando a sua inscrição no Mercosul. Isso significa, meus amigos e minhas amigas, que daqui para a frente é o seguinte: não há tempo para lamentar. Há tempo para trabalhar cada vez mais, para a gente, cada vez mais, tomar vinho de melhor qualidade.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Aeroporto Internacional do Recife/Guararapes “Gilberto Freyre”**

**Recife-PE, 21 de fevereiro de 2006**

Eu quero cumprimentar o companheiro governador do estado de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos,

Quero cumprimentar o meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Quero cumprimentar o meu companheiro Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,

Quero cumprimentar, aqui, os meus companheiros ex-ministros, da Saúde, Humberto Costa, e da Ciência e Tecnologia, Eduardo Campos,

Quero cumprimentar o deputado Ciro Nogueira,

Quero cumprimentar o deputado Nazareno Fonteles, do Piauí – você está vendo, Governador, que aqui tem gente de outros estados porque, na verdade, está aqui o deputado Paes Landim; está o deputado Paulo Rubem Santiago; o Simplício Mário; está aqui o deputado Fernando Ferro; está o meu ex-ministro da Educação, Tarso Genro; está o presidente da Assembléia Legislativa, Romário Dias; está o desembargador Fausto Freitas, presidente do Tribunal de Justiça; o nosso querido João Paulo, prefeito de Recife; o nosso companheiro Luciano Siqueira, vice-prefeito de Recife; o nosso Josenildo Sinésio, presidente da Câmara dos Vereadores,

Quero cumprimentar os prefeitos, as prefeitas,

Quero cumprimentar o senhor Milton Coelho, presidente estadual do PSB,

Quero cumprimentar o senhor Dilson Peixoto, presidente do PT,

O senhor Alimir Cardoso, presidente estadual do PCdoB,



Quero cumprimentar o senhor Heleno Araújo, presidente estadual da CUT,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, que está viajando conosco, que é o nosso Gustavo Petta, presidente da União Nacional dos Estudantes, que tem prestado um trabalho extraordinário na construção dos projetos que estamos construindo para mudar as universidades brasileiras,

Quero cumprimentar os empresários aqui presentes,

Os trabalhadores,

Quero cumprimentar os jornalistas,

Quero cumprimentar a nossa querida dona Madalena, que está ali,

Bom, eu não vou fazer discurso, porque eu acho que já foi falado o que tinha que ser falado. Eu queria apenas lembrar a vocês o seguinte: esta parada minha em Recife, para inaugurar este aeroporto, ela está quebrando, na verdade, a minha programação.

Esta semana nós dedicamos à educação brasileira. Então, nós estamos viajando: nós já fomos a Juazeiro, já fomos a Petrolina, fomos a Arapiraca e estamos indo a Parnaíba, no Piauí; e depois a Imperatriz, no Maranhão; depois a Marabá, no estado do Pará, só esta semana, ou para lançar a pedra fundamental ou visitar obras de extensões universitárias que nós estamos fazendo pelo interior do nosso país.

E estamos fazendo isso porque nós estamos convencidos, não apenas na teoria, mas na prática, de que se o Brasil quiser entrar definitivamente no rol dos países desenvolvidos, o Brasil precisa investir na educação de qualidade. E educação de qualidade precisa sair do Centro-Sul do país. Não sair porque nós queremos tirar de lá, mas porque nós queremos estender a educação de qualidade para todo o território nacional. Não apenas para as capitais, mas para as cidades médias do interior deste país, para que a gente mude, definitivamente, aquela história de que é o estudante que mora a 800



quilômetros da capital que tem que abandonar, praticamente, a sua vida, a sua relação de amizade, os seus companheiros, a sua família para vir morar numa república na capital para tentar a sorte e para ser um doutor. Não. Num país republicano e democrata, não é o estudante que anda 600 quilômetros para encontrar a universidade, é a universidade que anda 300 quilômetros para tornar mais perto o caminho desse estudante.

Então, nós estamos fazendo algumas coisas importantes na educação brasileira. Primeiro, nesta quinta, nós vamos terminar o projeto da reforma universitária, vamos mandar para o Congresso Nacional, e eu tenho certeza de que os deputados e senadores vão aprovar o nosso programa de reforma universitária.

Segundo, a Câmara e o Senado vão aprovar o Fundeb, que é o Fundo Nacional de Educação Básica, que vai permitir que a gente tenha 4 bilhões e 300 milhões de reais a mais para a educação, a partir de 2008, incluído no orçamento da educação, permitindo, sobretudo, que parte desse dinheiro resolva um problema crônico de disparidade entre o Nordeste brasileiro e o Norte e o Centro-Sul e o Centro-Oeste. Ou seja, tornar o Brasil mais equânime no que diz respeito às oportunidades de investimentos na educação, para que a gente possa garantir aos estados mais pobres o acesso à educação de qualidade desde o ensino fundamental, do ensino básico, até a universidade.

O que é o Fundeb? Com o Fundeb nós vamos cuidar da criança – isso é uma coisa paulatina, não dá para dizer como se fosse um toque de magia, amanhã está tudo funcionando, não. Paulatinamente nós vamos introduzir o ensino básico no Brasil, cuidando da criança, teoricamente, desde que nasce até ela se transformar ou terminar o ensino médio, que é essa a obrigação do Fundeb.

Mas o mais importante é que nós mandamos um projeto de lei para a Câmara, ele foi aprovado, foi aprovado no Senado, eu sancionei semana passada, que é a extensão do tempo de escolaridade das crianças, de oito



para nove anos, para garantir que as crianças mais pobres – as crianças que moram na periferia, aquelas que não têm oportunidade de pagar –, uma pré-escola antes de entrar no ensino fundamental. Porque tem criança que com cinco anos já vai para a pré-escola, com quatro anos e meio vai para o parquinho e tal. E tem outras, coitadas, que, pela situação financeira da família, às vezes porque a prefeitura não pode, porque o estado não pode, essa criança só vai entrar na escola quando tem sete anos de idade. E se essa criança entra na sala de uma que fez a pré-escola, essa criança já vai entrar defasada. Aí começam a dizer: “não, porque tal criança teve eficiência, tal criança é muito inteligente”. Não é verdade. É que elas tiveram iniciação diferenciada e oportunidades diferenciadas.

O que nós queremos é garantir que essas crianças tenham a mesma oportunidade. E isso está consagrado – obviamente que eu devo isso ao trabalho do meu Ministro da Educação, tanto do atual quanto do ex-ministro, Tarso Genro, que fizeram, em três anos, o que eu acho que muita gente não fez em muitos anos neste país – falar menos e trabalhar mais.

E depois, também, nós estamos resolvendo um problema crônico no Brasil. Eu não sei se o governador Jarbas sabe, se o pessoal... O Mozart, seu secretário de Educação, tem sido um parceiro extraordinário em toda essa luta nossa pela educação, é um quadro excepcional, não sei se ele está aqui. É até melhor estar falando bem dele sem ele estar presente. Porque falar na frente é fácil, duro é falar bem por trás, quando normalmente a maioria fala mal. Ele tem contribuído de forma extraordinária nesse processo todo. Quando se reúnem os secretários de educação, ele tem sido um parceiro da reforma universitária, tem sido um companheiro de primeira qualidade. E nós estamos tentando resolver um problema crônico agora. Qual é? O problema crônico é que no Brasil havia uma decisão de o governo federal não investir mais no ensino técnico. Havia uma decisão de que o governo só poderia fazer se houvesse, por parte da prefeitura, ou por parte do governo do estado, disposição em



assumir. Conclusão: como ninguém tem dinheiro, ninguém assumia, então não se fazia.

Nós tomamos uma decisão: o corpo humano só é perfeito porque ele tem cabeça, tronco e membros. Se a gente o fizer só com cabeça e membros, não vai dar certo. Ou só com membros e tronco, não vai dar certo, vão faltar coisas essenciais. Então, se a gente tem o ensino fundamental ótimo e universitário ótimo, vai estar faltando o tronco, que é o ensino médio. Então, nós resolvemos fazer um grande investimento no ensino médio. Estamos construindo 32 escolas técnicas neste país, das quais 25 serão inauguradas no mês de junho.

Mas nós, agora, estamos nos debruçando sobre o Proep. O Proep é um grande Programa de Educação Profissional, que começou em 98, mas que com aqueles “vai, não vai, vai e não vai, vai e não vai”, não foi. Então, nós resolvemos fazer agora. Resolvemos pegar o Proep – nós temos muitas coisas para inaugurar até o final do ano –, fazer as parcerias e terminar os prédios. Mas tem 18 ou 19 prédios – porque hoje já apareceu mais um –, que eram comunitários, que não podem ser geridos, que nós estamos transformando em escola técnica federal para que a gente possa dar vazão a uma coisa que o Brasil esqueceu durante muito tempo.

Na medida em que a economia brasileira cresce, nós estamos nos dando conta de que não temos mão-de-obra qualificada para muitas atividades, inclusive atividades novas, que estão acontecendo, que não faziam parte da nomenclatura profissional de 20 ou 30 anos atrás.

Então, meu caro Prefeito, meu caro Governador, nós estamos fazendo isso porque o Brasil precisa de mão-de-obra. Nós, inclusive, vamos fazer apelo aos empresários. Nós aprovamos a Lei do Aprendiz, no Congresso Nacional, e o que nós gostaríamos era que os empresários contratassem jovens, agora, para que a gente pudesse prepará-los, porque tem muito jovem no Brasil, de 17 anos, que já abandonou a escola.



Nós criamos o ProJovem, que é um sucesso aqui, em Recife, e em várias cidades, para tirar esse jovem que está no fio da navalha. Ele desistiu da escola, ele não tem uma profissão, ele não tem emprego, ele fica naquela dúvida se cai na marginalidade ou se não cai. Ou seja, o que nós fizemos, com o ProJovem, nós estamos dizendo: “Companheiro e companheira, venha para cá que tem um espaço para você na sociedade contemporânea. Você pode trabalhar, você pode estudar e você pode ser um cidadão de bem, constituir sua família e ser uma figura respeitada neste país”.

E tudo isso leva tempo para implementar. Às vezes é mais fácil a gente pensar, é mais fácil a gente fazer um discurso que a gente fazer essas coisas, porque essas coisas precisam de lei, precisam de compreensão da Câmara, do Senado, depois regulamentação, depois tem muitas outras coisas.

O dado concreto é que as coisas, agora, desabrocharam. Eu quero dizer ao Governador, ao Prefeito, aos meus companheiros e aos convidados: não existe nenhuma razão para o Brasil voltar atrás. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. As coisas estão dadas, a economia está sólida, o Brasil ganhou credibilidade e respeitabilidade, a massa salarial está crescendo, o crédito está crescendo. Quem está acompanhando o jornal está vendo, é o maior crescimento de crédito nas classes C, D, e E, da história deste país. São pobres que estão tendo acesso ao consumo de coisas que eram proibidas para eles. E isso vai continuar. Isso vai continuar porque é uma necessidade do Brasil não perder esta chance.

Então, eu dei esta parada na educação para inaugurar este aeroporto. Porque este aeroporto, também, a gente estando aqui, não deixa de ser uma aula de como é gostoso a gente ver as pessoas fazerem opção por uma coisa bonita. Este aeroporto, ele não apenas é confortável, como é didaticamente correto, intelectualmente correto. E é um aeroporto do tamanho do discurso do Carlos Wilson. Você viu? Três quilômetros e 305 metros a pista. Dá até para o “sucato” sair daqui sem bater muito as asas, quando tivermos que voar no



nosso “sucatão”.

Então, eu não poderia deixar de vir aqui. Não poderia deixar de vir aqui participar desta inauguração. Acho que é importante para Pernambuco. E eu não penso apenas em Pernambuco. A minha cabeça de nordestino pensa o Nordeste. E pensa o Nordeste, porque eu acho... eu inclusive queria fazer um apelo para os deputados e senadores do estado de Pernambuco. Nós estamos há dois anos tentando criar um fundo de desenvolvimento, mas eu queria que o fundo de desenvolvimento fosse para a Sudene. A Sudene tem história, ela tem experiência. Então, ao invés de você dar 20 milhões, ou 15 milhões, ou 30 milhões para o governador de estado, que vai se diluir num gasto normal do estado, você coloca dois bilhões e meio na Sudene. A Sudene tem história, tem competência técnica para pensar o desenvolvimento deste país. Lamentavelmente, muitas vezes não prevalece a coisa certa, muitas vezes prevalecem as coisas erradas. Você vê, agora, que foi aprovado no Senado um negócio da dívida da agricultura, em que 590 fazendeiros vão deixar de pagar seis bilhões de reais. É tudo que eu dou para o Bolsa Família. Então, quer saber de uma coisa, se vai gostar de mim ou não vai, eu vou vetar esse projeto. Vou vetar porque não é justo.

Há uma coisa importante, que é o seguinte: olhe, eu descobri agora, Governador, que tem gente honesta neste país de monte. Tem gente que vai ao banco, pega dinheiro, faz a dívida, depois paga a dívida. Faz outra dívida, paga. Agora, tem gente que não paga, Dr. Armando. Tem gente que não quer pagar. E sabe o que está acontecendo? As pessoas pegam dinheiro, não pagam. Quando vai chegando no ano de pagar, aparece um deputado e apresenta um projeto de lei para anistiar. Aí fica todo mundo favorável à anistia. E vai acumulando dívida, vai acumulando dívida. Daqui a pouco, o Tesouro está arcando com 25, 30, 40 bilhões de reais, que faltam para melhorar a vida dos pobres deste país.



Então, veja, não é que nós não queremos negociar. As pessoas têm direito de negociar, mas não pode ser uma anistia, as pessoas têm que ir ao banco negociar. E nós precisamos cuidar daqueles que são menores, que têm mais dificuldade, os pequenos. O Brasil não pode continuar do jeito que está. A agricultura brasileira precisa de apoio, mas as pessoas precisam assumir a responsabilidade. Se eu tomei um dinheiro emprestado no Banco do Brasil e não posso pagar, eu não posso fazer uma lei para me anistiar, não. Eu tenho que ir ao banco e negociar como pagar, até para ser detentor de credibilidade para ter outro empréstimo. Olha, tem casos de pessoas que não pagam desde 1981.

E aí, a cada eleição – eu não sei se vocês estão percebendo, é sempre perto de eleição que aparecem essas coisas – aí todo mundo fica com o coração mole. Todo mundo. Até porque não é dinheiro deles, é dinheiro do povo que não sabe, é dinheiro do Tesouro. Então, vamos anistiar. Não, não é possível. Aí aprova hoje para quatro anos. Quando vencer, está próximo da outra eleição. Um outro projeto, uma outra aprovação. Aí não é possível. Da minha parte não falta vontade de conversar, vontade de dialogar, vontade de encontrar a solução negociada. Agora, o que não dá é para a gente não levar mais a sério este país. Se a gente quiser que os outros confiem na gente, nós temos que, primeiro, demonstrar que nós confiamos em nós, que nós somos sérios, porque senão não passa.

Então, eu queria dizer para vocês que a inauguração deste aeroporto é a demonstração de que, primeiro, está se levando a sério o desenvolvimento do Nordeste. O Nordeste tem uma vocação, a vocação turística é uma coisa importante, porque Deus não fez essa beleza do Nordeste à toa, gente. Não é possível que Deus tenha colocado água aqui e não tenha colocado em Caetés um pouquinho. Não é possível! É porque isso aqui tem uma vocação que não tem em outras partes do mundo. Agora, nós temos que aproveitar a vocação que Deus deu para esta região e apenas aperfeiçoá-la, mantê-la limpa, cuidar



um pouco da beleza, porque se a gente só suja, só polui, não cuida do esgoto... sabe, aí é um negócio...

Por isso, querido João Paulo, por isso vou lhe dizer uma coisa: a experiência de Brasília Teimosa. Nós agora acabamos de aprovar 1 bilhão de reais para o Fundo de Moradia Popular, para que a gente possa tentar resolver o problema de 100 mil famílias que moram em palafitas neste país. E o meu exemplo é Brasília Teimosa. Demonstra que, com pouco dinheiro e com muito cuidado, a gente consegue transformar uma visão chocante numa coisa agradável, bonita e motivo de orgulho para todos nós, porque quando a gente vê uma coisa bonita, é motivo de orgulho.

Então, este aeroporto, isso logo, logo, vai virar cartão postal. Você vai ver logo, logo, Jarbas, um monte de candidato aí fazendo cartãozinho com a fotografia do aeroporto. Se fosse feio, não fariam. Mas é bonito, vão fazer.

E eu quero terminar agradecendo a parceria com o governo do estado. Quero agradecer, de coração, o trabalho prestado pelo companheiro Carlos Wilson. Eu digo que o Carlos Wilson... eu conheci o Carlos Wilson em 89, o Jarbas eu conheci em 78. E eu digo sempre: eu conheci o Jarbas quando eu não era ninguém, era apenas um grevista do ABC, chamado de comunista, com ficha no DOPS todo dia, ele foi a São Bernardo me visitar.

O Carlos Wilson, eu conheci quando ele era governador, no lugar do doutor Miguel Arraes. Eu fui conversar, porque precisava do apoio do Carlos Wilson e ele, mal-encarado, não sei se era meio “anti-comunista” naquele tempo, mal-encarado, e eu falei: “Esse baixinho não vai me apoiar, não. Esse baixinho, acho que não vai me apoiar”.

E é engraçado porque, de lá para cá eu, se dependesse só daquele encontro, a gente – me desculpe a sua esposa – a gente não tinha namorado tanto. Porque daquele encontro para cá... Ou seja, o Carlos Wilson virou o meu companheiro, antes de entrar no PT, porque ele foi companheiro nas atitudes dele, no comportamento dele, na ajuda que ele nos deu, nas conversas que a



gente tinha. E, agora, esse companheiro foi para a Infraero e se revelou uma surpresa extraordinária. Trabalhou, assumiu compromissos, fez, está mostrando. Quase todo aeroporto que a gente vai tem uma obra nova, tem uma coisa bonita e as pessoas estão vendo o que está acontecendo.

Então, eu quero dizer o seguinte: ele vai ter que sair, porque ele fez um discurso, aqui, todo pomposo e tal, não sei das quantas, mas eu falei, se ele acreditasse nos discursos dele, ele não estaria querendo sair da Infraero, ele ficava na Infraero. Ele está com alguma dúvida aí...

De qualquer forma, eu só tenho que agradecer ao Carlos Wilson. Ele sai, esta semana, junto com ele, eu vou escolher o novo presidente da Infraero, a Infraero vai continuar fazendo o que fez aqui. E se tiver mais obra, vamos arrumar mais dinheiro e fazer mais obra, porque Deus queira que todo o problema do Aeroporto de Recife seja que a gente atinja os 7 milhões logo e que seja logo preciso fazer mais coisas. Duro é como aconteceu com o Aeroporto Tancredo Neves, lá em Minas Gerais, que fizeram o aeroporto mais moderno do Brasil e ficou quase 15 anos desativado, porque não tinha passageiro, ficou abandonado, ficou lá, as coisas enferrujando. Agora parece que está sendo reativado. Então, este aqui, nós queremos que usem. Pelo amor de Deus, viagem para poder ajudar o Aeroporto a se manter.

Muito obrigado, Carlos Wilson. Muito obrigado, Jarbas Vasconcelos. Muito obrigado a todos vocês e que Deus nos abençoe.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de visita às futuras instalações do campus da Univasf em Juazeiro-BA**

**Juazeiro-BA, 21 de fevereiro de 2006**

Meus amigos e minhas amigas de Juazeiro da Bahia, do estado da Bahia e do nosso querido Nordeste,

Meu caro Paulo Souto, governador da Bahia,

Meu caro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu caro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Deputados federais Colbert Martins, Fernando Ferro, João Caldas, João Lira, Josias Gomes, Nazareno Fonteles, Paes Landim, Simplício Mário, Eduardo Campos, Gonzaga Patriota, Jorge Cury, Paulo Rubens Santiago, Paulo Rangel, Edson Duarte e Luis Bassuma,

Meus queridos companheiros Tarso Genro, ex-ministro da Educação e Humberto Costa, ex-ministro da Saúde. Quero lembrar que o Eduardo Campos também foi meu ex-ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Professor José Weber Freire Macedo, magnífico reitor da Universidade Federal do Vale de São Francisco,

Senhor Misael Aguilár Silva, prefeito de Juazeiro,

Senhor Fernando Coelho, prefeito de Petrolina,

Meu caro Petta, presidente da UNE,

Deputados estaduais,

Prefeitos,

Vereadores,

Professores e estudantes da Univasf,



Meus companheiros da Bahia e companheiros de Pernambuco,

Eu não estava pensando em fazer um pronunciamento aqui, porque eu achava que era extremamente importante a gente ouvir o nosso Magnífico Reitor e o nosso Ministro da Educação. Entretanto, como o governador Paulo Souto quis economizar as palavras, eu falei: deixa eu gastar um pouco as palavras para dizer algumas coisas para vocês.

Na área da educação nós tivemos algumas boas e agradáveis surpresas nesses últimos anos. Eu me lembro que no final de 2004 o Tarso Genro era ministro da Educação e o Fernando Haddad era o seu chefe de Gabinete. Eu me lembro que eu recebi um grupo de alunos de Matemática de alguns estados brasileiros que tinham participado da Olimpíada da Matemática. Até então, era um concurso que utilizava, praticamente, alunos da rede particular de ensino, poucos da rede pública. E eu fiquei tão entusiasmado com aquelas crianças que tinham ganhado medalha de ouro nas Olimpíadas, algumas internacionais; um menino de 16 anos já fazendo pós-graduação em Matemática, que eu desafiei o atual Ministro e o ex-Ministro: por que a gente não tomava a decisão de fazer uma Olimpíada da Matemática na escola pública?

Vocês sabem que quando a gente pensa na escola pública sempre aparece alguém para dizer assim: “Não, mas os alunos das escolas públicas são pobres, eles não vão se interessar, eles não vão entrar e não vai dar certo essa Olimpíada”. Pois bem, o Tarso e o Fernando assumiram o desafio. Governador, qual não foi a nossa surpresa quando se inscreveram para participar da Olimpíada, 11 milhões e meio de crianças da escola pública brasileira. E desses, participaram da Olimpíada 10 milhões e meio de crianças. Agora, no mês de março, vai ter entrega dos prêmios aos melhores colocados.

Agora, vejam que coisa fantástica, o primeiro colocado da Olimpíada é um menino de Brasília, cego, que anda numa cadeira de rodas porque não consegue se mexer, entrou na escola aos 10 anos de idade e está com 16 anos agora, e ouve muito mal, é quase surdo. Então, vejam vocês, um menino



que entrou na escola aos 10 anos de idade, cego, cadeira de rodas e quase surdo, foi o primeiro colocado das Olimpíadas.

O mais importante é que as nossas instituições que cuidam da matemática no Brasil já detectaram que desses 10 milhões e meio de crianças que participaram, nós já detectamos pelo menos 30 mil gênios no Brasil. Dessas crianças, pelo menos 30 mil têm propensão a ser gênios, se nós continuarmos a fazer aquilo que o Estado brasileiro tem que fazer e, quando eu digo Estado, é o governo federal, é o governo estadual e é o governo municipal, porque quando se trata de cuidar da educação, não tem partido político, não tem cor e não tem credo religioso. Se nós cuidarmos disso com carinho, nós poderemos levar o Brasil a dar um salto de qualidade que temos tentado há tantos e tantos anos e não conseguimos. Agora já estamos preparando uma nova Olimpíada da Matemática, mas não só matemática. Eu já pedi ao meu Ministro que cuide de fazer, além da Olimpíada da Matemática, fazer a Olimpíada de Português, porque nós precisamos que o nosso povo cuide corretamente da língua portuguesa, porque ela é cada vez mais importante no cenário internacional.

Pois bem, eu estou dizendo isto aqui em um grande galpão, que era uma fábrica e agora vai virar um outro tipo de fábrica. Antes, o Projeto era uma fábrica para produzir suco de tomate, agora é uma fábrica para produzir conhecimento, para produzir inteligência, para produzir mão-de-obra qualificada, para produzir coisas que vão elevar, e muito, o potencial desta região, porque atrás da Universidade, vêm alunos de muitos lugares do estado, vêm professores, vêm hotéis, vem comércio e logo, logo, algumas empresas começarão a perceber qual é o local da Bahia em que a gente pode levar um projeto, um projeto de indústria de ponta, um projeto que precisa de mão-de-obra qualificada, sofisticada. Aí eles vão lembrar: “em Juazeiro da Bahia tem uma universidade, em Petrolina tem universidade, então é para lá que a gente vai levar a nossa fábrica”. E aí virão os empregos, virá o desenvolvimento, e quem ganha com isso é o povo de Juazeiro, é o povo de Petrolina, é o povo da



Bahia, é o povo de Pernambuco, por que não dizer, é o povo brasileiro que ganha quando vocês estiverem com esta Universidade funcionando, porque ao invés de alguém de Juazeiro pegar um ônibus para ir para São Paulo tentar uma vaga na universidade, quem sabe alguns paulistas virão para cá tentar uma vaga na Universidade Federal.

E estamos fazendo isso porque acreditamos que o Brasil tem uma vocação, uma vocação que, durante muito tempo, não foi levada à sério, porque não é possível que um país que recebeu a bênção de Deus, que recebeu o Brasil, com o seu tamanho, com a sua riqueza de fauna e floresta, com a herança que recebemos da mistura de europeus, índios e negros que deu essa miscigenação extraordinária ao povo brasileiro, não é possível que a gente não utilize isso como vantagem comparativa para a nossa relação com outros países, para tratar de cultura, para tratar de comércio, para tratar de desenvolvimento. E este país não vai jogar fora essa oportunidade, não vai e não pode jogar fora essa oportunidade.

É por isso que estamos tomando essa decisão. É uma decisão histórica, é uma decisão que não serve para um governo, que não serve para dois governos, porque um governante que não seja medíocre não pensa no seu mandato, pensa na sua geração e na futura geração que vier depois dele. Nós, ao terminar o ano de 2006, vamos estar construindo um quinto de tudo o que foi feito de curso universitário em toda a história de cursos universitários neste país. Mas não é apenas um curso universitário. Da forma como era feita antigamente, as universidades eram feitas nas capitais, os adolescentes pobres que moravam nas cidades do interior, meninos e meninas, às vezes eram obrigados a deixar a sua família e ir para uma cidade grande: Salvador, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, para tentar a sorte, às vezes ficando longe da família.

Então, nós decidimos que não é o jovem que tem que ficar perambulando o Brasil atrás da universidade, é a universidade que tem que ir atrás do jovem brasileiro onde ele está. E ele está na sua cidade pequena, na



sua cidade média e é por isso que nós decidimos fazer essa quantidade de extensões que estamos fazendo, são 41. São quatro universidades novas, são seis faculdades que estamos transformando em universidade, e são mais 32 escolas técnicas, das quais 25 serão inauguradas até junho deste ano. E estamos fazendo porque não tem maior legado, não tem maior dívida que um pai ou uma mãe pode deixar para o seu filho do que a sua formação. Não tem legado. Ofereça dinheiro para um filho e ofereça um curso, a mãe vai preferir que o filho faça o curso do que ter dinheiro fácil, que ele pode gastar numa semana e depois continuar pobre. Com um aprendizado profissional, com um curso universitário, ele adquirirá conhecimento para o resto da vida e nunca mais será um “zé-ninguém”, nunca mais será um anônimo no mundo do conhecimento ou no mundo do desenvolvimento.

E é por isso que nós achamos que a educação é fundamental para este país. É por isso que nós estamos apelando para que o Senado da República aprove o Fundeb. Com o Fundeb, nós vamos cuidar das crianças desde quando nascem até o ensino médio. Agora, acabamos de aprovar de oito para nove anos o ensino fundamental, porque até agora os filhos da classe média, como os meus filhos, como os filhos do Ministro da Educação, poderiam fazer uma pré-escola e chegar ao ensino fundamental mais preparados. O filho da dona de casa mais pobre não podia, ele entrava com sete anos, junto com o menino que tinha feito pré-escola, e entrava defasado. Aí queriam dizer que ele era mais burro. Ele não era mais burro, ele não tinha tido era a mesma oportunidade que os outros tiveram. E agora as nossas crianças vão entrar na escola em igualdade de condições, todos vão entrar com seis anos de idade e todos vão estudar nove anos, para dizer a quem quiser nos ouvir, para dizer ao povo brasileiro, para dizer ao povo estrangeiro que este país fez uma opção. Não é uma opção pela sobrevivência, como historicamente nós fazíamos, não é opção pela subserviência, como historicamente nós fizemos. Este país aprendeu a andar de cabeça erguida, este país aprendeu a se respeitar e este país aprendeu que somente o conhecimento poderá nos dar muito mais



autoridade para crescermos muito mais, para nos desenvolvermos muito mais, para gerar muito mais empregos e para ganhar mais do que nós ganhamos hoje.

É por isso que eu estou aqui, alegre, com o coração transbordando de alegria, porque estou na minha querida Bahia. Todo mundo sabe que eu sou pernambucano de nascimento, sou de São Paulo porque foi em São Paulo que eu aprendi tudo na minha vida, mas sou nordestino porque o sangue que corre na minha veia é sangue de matuto do Nordeste brasileiro. E há muito tempo, lá na Praça Castro Alves, um dia eu disse: possivelmente na outra encarnação eu fui baiano em algum momento da minha vida. E disse isso pelo carinho com que eu sou tratado na Bahia. Não adianta um político falar mal de mim, eu sinto no olho do povo, em cada cidade em que eu vou, seja em Salvador ou seja no interior, eu sinto o carinho, eu sinto que há uma extensão de cada um de nós em nós mesmos, na construção deste grande povo nordestino que muitas vezes foi esquecido.

E é por isso que nós fazemos tanto para a Bahia como estamos fazendo. A Bahia nunca teve a quantidade de contratos do Pronaf que tem no meu governo. Nunca. Nós saímos de alguns poucos contratos – é importante dizer – nós saímos, Governador, na safra 2001/2002, de apenas 87 mil contratos, com um gasto do Banco do Brasil, um financiamento, de apenas 111 milhões de reais. Na safra 2005/2006 nós pulamos de 87 mil contratos para 158 mil contratos, e nós pulamos de um financiamento de 111 milhões para um financiamento de 434 milhões de reais, aqui, no estado da Bahia. Aqui na Bahia, por conta de investimento da Caixa Econômica Federal, foram investidos 744 milhões de reais, de 2003 a 2005, construindo 78 mil casas para as pessoas que ganham até cinco salários mínimos. Aqui na Bahia, o programa Luz para Todos já chegou a 71 mil famílias, quando o governo federal coloca 174 milhões de reais na parceria com o governo do estado, que colocou 24 milhões de reais. Já são 355 mil famílias atendidas, 350 mil pessoas atendidas pelo programa Luz para Todos.



Mas não é apenas isso. Neste estado aqui, nós cuidamos dos pobres. Só o Bolsa Família atende, aqui na Bahia, 1 milhão e 70 mil famílias, e isso tem um repasse do governo federal, do Ministério do Desenvolvimento Social, de 844 milhões de reais por ano. Eu estou aqui na frente do Governador, na frente de autoridades da Bahia, de Pernambuco, na frente da imprensa e na frente do povo. Eu duvido que desde o dia em que o Brasil foi descoberto, teve algum governo que cuidou mais dos pobres da Bahia do que nós estamos cuidando neste governo. Duvido. E fazemos isso para provar que o que norteia a nossa cabeça não é a visão mesquinha ou pequena da disputa menor, o que permeia a minha cabeça e a cabeça do meu governo é a visão republicana. Nós não queremos saber de que credo religioso é o Governador, de que partido é o Governador, para que time que ele torce, Governador ou Prefeito, nós queremos saber que, independentemente de ter divergência entre presidente e governador, presidente e prefeito, o povo merece o respeito de todos os entes federativos.

É assim que nós vamos construir uma pátria verdadeiramente republicana, sem preconceitos, sem perseguições e fazendo pelo povo, dando prioridade àqueles mais necessitados. Eu sei que falta muita coisa a fazer no Brasil ainda, muita e muita coisa, mas eu também sei que na sabedoria popular o povo sabe que não é possível fazer em quatro anos aquilo que não foi feito em 500 anos pelo nosso país.

Portanto, saio da Bahia, saio de Juazeiro, para atravessar a ponte e ir para Petrolina fazer o mesmo discurso, eu nem sei se vou falar. Mas saio com a alma limpa para dizer ao governador, dizer ao prefeito, aos deputados e a vocês: não estamos fazendo nenhum favor, estamos apenas fazendo aquilo que é obrigação do Estado brasileiro fazer pelo seu povo.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de visita às futuras instalações do campus da Univasf em Petrolina-PE**

**Petrolina-PE, 21 de fevereiro de 2006**

Meus companheiros e companheiras de Petrolina, companheiros e companheiras de Pernambuco. Eu não sei quem foi que colocou esta grade tão grossa aqui na frente... De qualquer forma, depois que a Universidade estiver funcionando, nós vamos ter um engenheiro para fazer um parapeito que obstrua menos a comunicação da gente com o povo.

Mas eu queria cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O meu companheiro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

O nosso magnífico reitor da Universidade Federal do Vale do São Francisco, professor Weber Freire Macedo,

Queria cumprimentar o nosso querido prefeito, Fernando Coelho,

Queria cumprimentar o nosso querido Gustavo Petta, presidente da Une, que falou agora com vocês,

Queria cumprimentar os meus três ex-ministros, o ex-ministro Tarso Genro, da Educação, o ex-ministro Humberto Costa, da Saúde, o ex-ministro Eduardo Campos, da Ciência e Tecnologia,

Queria cumprimentar o companheiro Carlos Wilson, nosso presidente da Infraero,

Cumprimentar os deputados de vários estados que estão comigo, da Bahia, de Alagoas, do Piauí.



Eu saio daqui agora e vou a Arapiraca inaugurar a Universidade. Depois eu vou a Parnaíba, no Piauí, depois eu vou a Imperatriz, no Maranhão, depois eu vou a Marabá, no Pará, e estou voltando amanhã à noite para São Paulo.

Eu vou cumprimentar os professores, os funcionários da nova Universidade, cumprimentar os estudantes daqui, desde o ensino fundamental. E depois cumprimentar os vaqueiros, porque depois os vaqueiros vão vir aqui para trás para a gente tirar um retrato juntos.

Bem, eu queria que vocês, sobretudo as pessoas jovens, compreendessem o que significa a Universidade do Vale do São Francisco. Este braço que estamos construindo aqui – porque já fomos lá em Juazeiro – vai ter curso de Medicina, Enfermagem, Psicologia e Administração, vai ter Zootecnia em um lugar mais à frente. Eu queria que vocês compreendessem o que significa isso. A construção de uma universidade significa dar ao lugar em que ela vai ser implantada uma possibilidade de desenvolvimento extraordinária, porque atrás de uma universidade vem a inteligência de uma parte do país, do estado e da própria cidade. Vem o conhecimento e atrás do conhecimento vêm os interesses de investimentos empresariais. Vocês sabem que quando um empresário quer fazer um investimento em uma indústria, normalmente ele procura uma região que tem mão-de-obra capacitada, mão-de-obra bem formada. E uma universidade nada mais é do que capacitar o povo brasileiro para a sua grande formação profissional para que a gente possa desenvolver a cidade, a região, o estado e o país.

Nós estamos fazendo aqui o que estamos fazendo nos 27 estados da Federação. Nós estamos pegando as universidades federais existentes, as universidades federais rurais e estamos levando braços delas para as cidades do interior, para que o jovem não tenha que sair de Petrolina e ir para Recife, ir para Salvador, ir para São Paulo e para o Rio de Janeiro. Ele vai ter universidade aqui na sua cidade, vai se formar e quando ele se formar ele poderá, aí sim, viajar para fazer aperfeiçoamentos, para procurar novas possibilidades de melhorar sua vida. É por isso que esta Universidade é de



extrema importância para esta região, que já é uma região rica, que já é uma região próspera, se compararmos a outras regiões do Nordeste brasileiro, mas precisava de um braço de universidade federal.

Bem, o nosso Ministro da Educação já falou, o Presidente da UNE já falou, o nosso Magnífico Reitor já falou e já falou, aqui, o nosso Prefeito. Eu, na verdade, vim aqui para fazer uma visita porque, muitas vezes, a gente determina a feitura de uma obra, você pensa que a obra está sendo feita, e depois você vai se informar e a obra não está sendo feita porque aconteceu um problema no Congresso, porque aconteceu um problema no Ministério, no Tribunal de Contas da União. Então, eu vou percorrer cada obra que nós anunciamos para saber se ela está andando porque primeiro a gente anuncia e depois nada acontece. Aliás, no Brasil é habitual isso, no Brasil é habitual as pessoas anunciarem as coisas e as coisas não acontecerem.

Eu quero dizer para vocês que esta Universidade, mais a de Garanhuns, mais a de Serra Talhada, mais a de Arapiraca - onde eu vou daqui a pouco – são a possibilidade de dar ao Nordeste brasileiro o respeito que muitas vezes os governantes brasileiros não tiveram com o Nordeste brasileiro. E não tiveram por quê? Fernando, Reitor e Ministro da Educação, há uma coisa que sempre me inquietou, desde o tempo em que eu era presidente do Sindicato. Eu, às vezes, achava que era presunção da minha parte, mas hoje eu vejo que é uma realidade. Muitas vezes, uma pessoa que nunca sofreu problema de educação, uma pessoa que já nasceu com condições de estudar, que não conheceu o sacrifício de estudar porque o pai pôde lhe oferecer de tudo, a quem nunca faltou dinheiro para comprar um caderno, nunca faltou dinheiro para ter acesso às informações, nunca faltou dinheiro para viajar para o exterior para fazer curso de pós-graduação, essa pessoa pode ser muito culta, pode ser muito inteligente, mas essa pessoa não tem a sensibilidade e o sentimento dos outros milhões e milhões de brasileiros que não conseguem chegar à universidade.



Ora, por que que eu não fiz universidade e outros milhões não fizeram? Era por que não queríamos fazer? Ou por que nós não tínhamos condições objetivas de fazer? Nós não tínhamos condições objetivas de fazer, era uma coisa de poucas vagas, as chances eram poucas, as oportunidades eram poucas. O que nós estamos fazendo? Estávamos tirando a universidade da capital e levando braços dela para o interior para permitir que as crianças, por mais pobres que sejam, tenham um ensino fundamental de qualidade e possam chegar à universidade.

Imagine, Fernando, você como Ministro da Educação, poder chegar aqui daqui a dois ou três anos e ver um companheiro com aquela roupa de boiadeiro se formando doutor aqui, na Universidade Federal do Vale do São Francisco. Quem é que disse a ele que o destino lhe reservou montar num cavalo a vida inteira para correr atrás de uma rês perdida pela caatinga afora? Quem é que disse que esse é o destino dele? Esse, na verdade, é o destino provocado por uma elite que nunca se lembrou dos pobres e, muito menos, que tinha vaqueiro no meio de pobre.

Nós estamos dizendo que o Brasil não são aqueles que já conquistaram a sua cidadania, o Brasil tem uma maioria igual a vocês, o Brasil tem uma maioria pobre, o Brasil tem uma maioria sertaneja, o Brasil tem uma maioria que não fez universidade, o Brasil ainda tem milhões de crianças que não terminam o ensino fundamental e, quando terminam, não têm sequer oportunidade de chegar a uma escola técnica. O que nós estamos fazendo? Nós não estamos fazendo nada mais, nada menos do que repartir para o povo pobre o dinheiro que nós arrecadamos dos ricos. Apenas isso, é pegar o imposto e dividi-lo de forma mais justa para trazer para a parte mais necessitada da população aquilo que é o básico, sem o qual nenhum país vai para a frente, que é a educação.

Eu já visitei 17 países da África em 36 meses, já visitei todos os países da América do Sul e já conheço muitos outros países do mundo. Não tem, na história contemporânea, nem na história da Humanidade, nenhum país que se



desenvolveu sem antes ter investido no conhecimento. É a educação a base do desenvolvimento de um povo, de uma comunidade, de um estado e de um país. E nós estamos fazendo isso porque isso significa fazer história. Daqui a 40 anos esta meninada vai se lembrar que, um dia, participou de um ato em que o Nordeste brasileiro teve os reparos que precisava ter do governo federal para não ser considerado a zona atrasada do Brasil. Quando a gente fala do Nordeste, eles falam: “o Nordeste é lugar de gente pobre, o Nordeste...” Quem é que forma doutor? É o Sul do país que tem mais formação de doutor. Quem é que faz os cursos de pós-graduação? É o pessoal do Sul. O que nós estamos fazendo? O Brasil é o Sul, é o Centro-Oeste, é o Norte, mas é também o Nordeste brasileiro.

E tem outras coisas para a gente fazer, não é apenas isso, meus amigos. O nosso Prefeito está sequioso para eu anunciar aqui o fim da ponte, ou seja, a construção desta ponte que está aí há muito tempo. Eu quero dizer que eu sei que ela está sendo construída e quando eu chegar a Brasília vou conversar com o meu Ministro dos Transportes para ver se consegue acelerar um pouco, para a gente fazer. Eu já ouvi a reivindicação do Projeto Salitre, do Projeto Pontal, são duas coisas importantes para a região. Estão aqui os companheiros do Sem-Terra com as bandeiras deles, levantando aí...

Agora, gente, quem é membro de uma família grande sabe que, muitas vezes, a gente não pode dar o benefício para todos os filhos ao mesmo tempo. Você não pode colocar todos na universidade. Você vai colocando um, depois você vai colocando outro. Nós estamos tentando fazer, em pouco tempo, aquilo que não foi feito em 30 anos, em 40 anos. Leva tempo para a gente consertar este país. Uma coisa eu reconheço, com muita humildade: ainda falta muito para a gente fazer. Falta muito, mas vocês têm que reparar o que nós estamos fazendo e o que já foi feito.

A Refinaria para o Nordeste brasileiro, a Siderúrgica em Fortaleza, para o Nordeste brasileiro, a Transnordestina para o Nordeste brasileiro e mais ainda, ninguém falou aqui, o programa do Biodiesel que é, na minha opinião, a



grande revolução. Vai chegar um dia em que eu já vou estar bem velhinho – hoje eu estou mais ou menos jovem, com 60 anos – e vou ver esta menina sair para trabalhar e dizer para o pai ou para a mãe: “ô mãe, sabe aonde eu vou hoje? Eu vou plantar petróleo”. Não precisa mais cavar buraco de 4 mil metros de profundidade, se bem que a gente vai continuar cavando porque a Petrobras precisa, cada vez mais, achar petróleo. Nós vamos atingir a auto-suficiência agora em março, mas o biodiesel da mamona, do girassol, do pinhão manso, do caroço de algodão, do dendê é, na verdade, plantar petróleo. Com uma covinha de 30 centímetros a gente vai produzir uma planta que, com um metro e pouco de altura, qualquer um de nós pode colher, moer, fazer óleo, fazer a transesterificação – essa palavra é difícil, demorei para decorar e falar.

Vou dizer para vocês uma coisa, o Brasil... escutem o que eu estou dizendo para vocês, sobretudo os mais jovens aqui: o século XIX foi o século da Europa. A Europa conquistou o seu espaço no mundo no século XIX. Depois veio o século XX: guerra, destruição. Recuperou outra vez. Os Estados Unidos conquistaram seu espaço no século XX. Depois da guerra os Estados Unidos se mostraram essa potência que são hoje. Por que nós, brasileiros, orgulhosos do que nós somos, não levantamos a cabeça e assumimos o compromisso conosco de dizer: a Universidade do Vale do São Francisco e as outras que estamos criando estão garantindo que o século XXI não terá para ninguém, será o século do Brasil, será o século do desenvolvimento do nosso país, será o século em que a gente vai se transformar numa nação rica, numa nação desenvolvida, em que o nosso povo vai poder viver condignamente?

Por isso, meus companheiros, minhas companheiras, estudantes, jornalistas, quero dizer para vocês que o que está acontecendo na Educação, neste país... eu não falei de escola técnica ainda, mas no Brasil tinha uma lei que criava dificuldade do governo atender o ensino médio, porque só podia fazer se a prefeitura assumisse a administração, ou o estado. Este ano, nós vamos inaugurar 25 escolas técnicas neste país, para capacitar a juventude brasileira para o mercado de trabalho, para capacitar a nossa juventude para o



mundo do trabalho. Bem, tem muito mais coisas que o Ministro da Educação deveria ter anunciado e não anunciou, eu espero que ele anuncie em Arapiraca porque também, se anunciar tudo numa única cidade ele não tem discurso para fazer em outra.

Mas eu queria chamar a atenção do meu Ministro da Educação, ele tem que aprender o seguinte: toda vez que ele vier a Petrolina, ele só não vai confundir Petrolina com Juazeiro se, pelo menos, ele passar uma vez no “bodódromo” e experimentar o que é a carne de bode feita aqui em Petrolina.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio do programa de Interiorização da Universidade Federal do Piauí e expansão do campus de Parnaíba**

**Parnaíba-PI, 22 de fevereiro de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Piauí, da cidade de Parnaíba,

Eu nem vou tirar essa comenda porque ela é tão bonita. E é com muito orgulho, Wellington, que eu recebo essa comenda e com muito mais orgulho ainda que eu ouvi o teu relato e o relato do Prefeito da cidade, do que o governo federal está fazendo pelo Piauí.

Eu conheço o Piauí desde 1980. Por aqui já andei de ônibus muitas vezes para tentar ajudar o movimento sindical, para tentar ajudar o movimento social, para tentar ajudar o meu partido. E já participei da campanha de muita gente aqui. E quero dizer a você, Wellington, quero dizer aos prefeitos aqui presentes, que um presidente da República que queira deixar o seu mandato com a consciência tranqüila do dever cumprido, ele precisa governar a partir dos mais pobres. Embora ele possa ser o presidente de todos, o governador de todos, o prefeito de todos, eu sigo sempre o exemplo de uma mãe. Uma mãe, não tem nada mais responsável do que uma mulher com seus filhos. E se ela tiver dez filhos e tiver um mais frágil, é àquele que ela vai dedicar maior atenção, mais tempo e muito mais esforço.

É assim que o governo tem que proceder. Não apenas com a razão da sua consciência, mas com a emoção do seu coração, para que ele possa cuidar de quem precisa ser cuidado. Então, o que nós fazemos pelos estados independe de ser Piauí ou ser São Paulo. Eu dizia ao governador Wellington, que o estado de São Paulo, que é o mais rico da Federação, só de programas



sociais o meu governo passa para o estado de São Paulo, 2 bilhões de reais por ano, para cuidar dos pobres de São Paulo, porque na maioria dos estados, Wellington, os governadores não têm programa social, na maioria dos estados são poucos os que têm. E nós temos porque achamos que é assim que tem que ser. Não basta dizer que a economia está crescendo, é preciso dizer que o crescimento está indo para onde, porque o Brasil já cresceu durante muitos anos a 7% ao ano, a 10% ao ano. E o que aconteceu é que o rico ficou mais rico e o pobre continua mais pobre.

Nos nossos três anos de governo os últimos dados da PNAD demonstraram o quê? Que em apenas 24 meses nós reduzimos no Brasil, três milhões de pessoas saíram da linha da pobreza porque passaram a ter um rendimento mínimo, a tomar café de manhã, almoçar e jantar. Isso ainda é pouco. Nós precisamos fazer muito mais.

Mas então eu queria dizer que eu fico agradecido a você, ao Prefeito, pela honestidade, pela sinceridade com que falaram aqui, porque não são todos os governadores que colocam as coisas que o governo federal faz na sua propaganda ou nos seus discursos. Tem muitos espertos no Brasil que recebem dinheiro do governo federal e faz propaganda na televisão como se o dinheiro fosse dele, como se a obra fosse dele, sem citar sequer o dinheiro do governo federal. Portanto, eu quero agradecer a honestidade, a sinceridade tua, por obrigação, porque é do meu partido. Mas o Prefeito, que eu só tive o prazer de conhecer hoje, demonstrou para mim, que quem tem caráter fala a verdade, quem não tem caráter mente.

Mas eu quero – voltando à liturgia do cargo – cumprimentar o meu companheiro Wellington Dias, governador do estado do Piauí,

O meu ministro da Educação, Fernando Haddad,

O meu companheiro Tarso Genro, ex-ministro da Educação,

Quero cumprimentar o senhor Osmar Júnior, vice-governador do estado do Piauí,

Quero cumprimentar o deputado Themistocles Filho, presidente da



Assembléia Legislativa do Piauí,

Quero cumprimentar o nosso querido amigo, senador Alberto Silva,

Quero cumprimentar os deputados Nazareno Fonteles, Paes Landim,  
Simplício Mário,

Quero cumprimentar José Hamilton Castelo Branco, prefeito de  
Parnaíba, o nosso querido Zé Hamilton,

Quero cumprimentar o nosso querido Luiz de Sousa Santos Júnior,  
magnífico reitor da Universidade Federal do Piauí,

Quero cumprimentar o professor José Duarte Baluz, diretor do Campus  
Ministro Reis Velloso de Parnaíba,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Gustavo Petta,  
presidente da União Nacional dos Estudantes do Brasil,

Quero cumprimentar os deputados estaduais, os prefeitos da região,

Quero cumprimentar os educadores deste país, os professores, os  
estudantes,

Quero cumprimentar os jornalistas.

Eu não vou fazer discurso, eu vou apenas... como já faz tempo que o  
nosso ministro da Educação falou, e eu tenho medo que vocês já tenham  
esquecido o que nós viemos fazer aqui, eu vou repetir. Eu vou repetir, porque  
senão alguns companheiros da imprensa vão dizer que eu estou fazendo  
campanha. Eu queria dizer para vocês o seguinte: um homem público não  
precisa de época de eleição para fazer campanha. Ele faz campanha do dia em  
que acorda, da hora em que acorda à hora em que dorme, 365 dias por ano.  
Segundo, se ele não fizer, os adversários farão, porque os adversários só se  
incomodam quando você está fazendo as coisas certas. Quando você está  
fazendo as coisas erradas, eles não se incomodam, eles colocam na  
propaganda de televisão deles, eles falam mal do governante, seja do prefeito,  
do governador ou do presidente, porque é mais fácil destruir do que construir.

Eu perguntava para o Prefeito há quanto tempo estão plantados estes



eucaliptos aí? Possivelmente há cinco anos, seis ou mais. Agora, para destruir um eucalipto deste, que nós esperamos alguns anos para fazer uma sombra, basta pegar uma moto-serra e, em 30 segundos, a gente derruba uma árvore desta. Às vezes o pobre constrói um quarto e cozinha e vem um temporal, ele demorou 10 anos para construir e vem um temporal que, em um minuto, acaba com a casa e acaba com a família. Hoje a gente vê na televisão a implosão de um prédio que levou anos para ser construído, ser derrubado em dois minutos. Agora, para construir é difícil. Para construir você tem que semear, você tem que regar e você tem que ter paciência de esperar brotar, nascer, crescer para você poder colher.

E o que é que nós estamos fazendo? Nós amargamos o pão que o diabo amassou no primeiro ano de governo e comemos o pão silenciosamente. Vocês nunca me viram falar mal de ninguém, de nenhum adversário, porque eu não fui eleito para falar mal deles. Eu fui eleito para fazer aquilo que eu acreditava que era preciso fazer neste país. E hoje nós plantamos e quem está colhendo? É o povo brasileiro que está colhendo aquilo que nós plantamos.

Então, nós não estamos preocupados com o discurso fácil daqueles que querem destruir, daqueles que governaram este estado durante décadas e nunca se importaram que este estado só aparecesse na imprensa do Brasil como o estado mais pobre da Federação. Nunca se preocuparam. É por isso que eu sinto o respeito que vocês têm por um homem de 80 anos com a cabeça de 40, como tem o senador Alberto Silva.

É por isso que eu sinto o respeito de vocês por um prefeito que vocês acabaram de eleger para não deixar a cidade ser destruída. É por isso que eu sinto o carinho de vocês por este menino, porque posso chamá-lo de menino, o Wellington, que pegou este estado aqui, e vocês sabem a herança que ele recebeu, vocês sabem que passou um *tsunami* neste estado antes dele governar. Passou e ele teve paciência, teve que ter a crença em Deus e muita fé, muita compreensão da sua mulher e dos seus filhos, às vezes a incompreensão de companheiros, porque nós também temos gente no nosso



meio que é aquela pessoa que só é amiga quando as coisas estão boas e a mesa está farta, mas quando as coisas não estão boas e a mesa não está farta, ela vira as costas para a gente e é a primeira a criticar.

Eu digo sempre que a gente conhece quem é amigo da gente quando a gente está vivendo uma situação grave. Quando a gente está bem, a gente não precisa de amigo, quando a gente está trabalhando, não precisa de amigo. A gente precisa de amigo quando a está doente, internado num hospital, a gente quer saber quem é que gosta da gente e quem é amigo da gente. E são com esses amigos, Wellington, que a gente vai vencer, são com esses amigos que a gente vai governar este país e são com esses amigos que você está colhendo hoje o que você plantou.

Eu não esqueço nunca, eu tinha 15 dias ou menos de governo, eu vim ao Piauí, e quando eu cheguei ao aeroporto do Piauí, eu vi uma greve contra o Wellington, uma passeata de protesto de companheiros nossos. E eu voltei para casa pensando: meu Deus do céu, esse rapaz não tem nem dez dias de governo e as pessoas já estão cobrando dele como se ele tivesse dez anos. É como se a gente tivesse um filho e na hora em que ele saísse da barriga da mãe, a gente já quisesse que ele saísse andando, correndo e falasse papai e mamãe. Tem que ter paciência.

Quem planta, e os lavradores brasileiros sabem disso, tem que ter paciência, porque às vezes alguém passa em cima do roçado da gente, a semente está enterrada e as pessoas falam: “aqui não tem nada, isso não vai dar em nada, isso não presta.” Aí nasce o primeiro brotinho: “ah, mas é fraquinha, não vai dar nada, não vai crescer.” E quando dá o fruto, eles querem chupar no lugar da gente. Não. Esses frutos são de vocês, esse fruto é do povo brasileiro, esse fruto é da parte mais pobre da população brasileira, porque aqueles que não são tão pobres agüentam. Quem não tem fome, quem está de barriga cheia, quem toma café da manhã, almoça e janta, pode esperar, mas quem está vendo a lombriga maior comer a menor, não espera, não tem tempo de esperar.



Então, meus companheiros, eu estou aqui feliz, porque viemos anunciar, não uma fábrica, uma fábrica de mandioca, uma fábrica de roupa, nós viemos anunciar uma extensão de uma fábrica de inteligência, uma fábrica de conhecimento, uma fábrica de capacitação do nosso povo, do nosso homem e da nossa mulher, do pobre brasileiro, do estudante filho de família pobre, que sabe que não tem oportunidade de fazer universidade. Nós viemos dizer, meu querido jovem: “Não perca a sua esperança, porque educação é obrigação do Estado.” Independente da origem social, você tem que ter direito à escola de qualidade, do ensino fundamental à universidade.

E é por isso que nós estamos aqui, Prefeito, na sua querida Parnaíba. E eu estou chateado porque eu venho aqui desde 80, é a primeira vez que visito Parnaíba. Eu vou levar essa mágoa dos companheiros do meu partido aqui, porque só me levavam para Picos, para Oeiras, para Floriano, e aqui, que tem praia nunca me trouxeram, mas hoje eu me vinguei deles, levantei às 5:30h da manhã e às 6:30h da manhã, sem chamar o Wellington, eu fui para a praia sozinho, tomar um banho de praia. Pois bem, mas não é só o Piauí não, eu vou ao Rio de Janeiro há mais de 30 anos, eu nunca consegui colocar os pés na praia de Copacabana, porque é só reunião, reunião. Meus Deus do céu, tem que ter uma hora de lazer, tem que ter uma hora de prazer, senão a gente morre. Mas sempre tem a primeira vez.

Foi bom, viu Prefeito, foi uma pena que eu levantei muito cedo e não tinha nem um homem e nem uma mulher na praia, só eu. Então, na outra vez, quando eu não for mais presidente, aí eu vou entrar na praia às dez horas da manhã e aí vou encontrar a praia cheia de gente.

Mas eu queria repetir para vocês, porque para mim esses dados são muito significativos, ou seja, na verdade o que nós estamos fazendo aqui é a criação de campus do Bom Jesus, de Picos e de Parnaíba. Ao todo nós vamos começar criando poucas vagas, vão ser 50 em cada curso, mas já para o ano que vem vão ser 100 em cada curso. E nós vamos criar novos cursos, nós vamos criar depois... serão criados os cursos. Nós vamos começar com o



curso de turismo, que é muito importante para esta região; engenharia de pesca, que é muito importante para esta região, e ciências biológicas. A partir de 2007, nós vamos começar a criar biomedicina, fisioterapia, psicologia e licenciatura em matemática, com 100 vagas cada um. Depois, quando os cursos estiverem plenamente implantados, a gente vai estar atendendo a dois mil e 500 alunos aqui, nesta região.

Poderia dizer para vocês: por que nós estamos fazendo isso? E eu estou vendo uma moça com uma placa ali dizendo: melhorias para a educação infantil. E a placa dela, não sei se ela é educadora, esta placa tem razão de ser, porque não adianta a gente criar universidade se na base a criança não for bem formada para fazer a universidade. É por isso, minha querida educadora, que nós mandamos para o Congresso Nacional a lei do Fundeb, Fundo Nacional de Educação Básica. Essa lei já foi aprovada na Câmara, ela está no Senado e, certamente, o senador Alberto Silva vai brigar para que ela seja aprovada logo para que a gente possa colocar, já este ano, no Orçamento, mais 1 bilhão e 300 milhões para a educação. Mas este ano, educadora – permita-me chamá-la só educadora, porque não sei o seu nome – mas, Fernanda, este ano, professora Fernanda, este ano nós fizemos um projeto de lei, que já foi aprovado e que eu já sancionei, que aumenta para nove anos o tempo de permanência na escola das crianças brasileiras.

Por que é que nós fizemos isso, Wellington? Para garantir que a criança pobre, quando completar seis anos, já possa entrar na escola, porque antes só entrava na escola com seis anos quem tinha família que pudesse pagar uma escola particular para fazer uma pré-escola. E uma criança que estuda um ano antes de completar os sete anos e entra no ensino fundamental, junto com outra que nunca tinha entrado na escola, vai dar a impressão que aquela que nunca tinha estado na escola é burra e que a outra é inteligente. Negativo. As duas são inteligentes, só que uma teve mais oportunidade que a outra e nós queremos dar oportunidade para que as pessoas pobres possam estudar.



Agora, o que significa isso? O que significa este investimento em educação? São quatro universidades novas, são seis faculdades que estamos transformando em universidades e já são 41 extensões universitárias, tirando as universidades das capitais e levando braços delas para o interior do país para garantir que o jovem do interior não tenha que andar 500 quilômetros ou 600 para estudar. Não é o jovem que tem que andar o Brasil atrás da universidade, é a universidade que tem que andar atrás do jovem, onde ele estiver, para que ele possa estudar.

E eu faço isso, Wellington, faço isso, Prefeito, porque tenho consciência de que não existe, na Humanidade, nenhum momento da história e muito menos no planeta Terra, qualquer país que tenha se desenvolvido sem que tivesse, antes, havido um forte investimento na educação. Por detrás de uma universidade vem o conhecimento, vem o desenvolvimento, vem a fábrica, vêm os empregos, vem o comércio, vêm os hotéis, vem a melhoria da cidade, porque quando uma fábrica quiser procurar uma cidade no Piauí para investir ou para construir uma empresa, ela vai falar “espera aí, onde tem mão-de-obra qualificada?” Ela vai mapear as cidades e é naquele lugar que tem mão-de-obra qualificada que ela vai se implantar. E esta cidade aqui tem duas vocações que não dependem do Prefeito, não dependem do Governador e não dependem do Presidente, foi Deus quem deu: a pesca e o turismo. O mar e a beleza desta região são dádivas de Deus. Portanto, o que Deus espera de nós é que não sejamos incompetentes para estragar o que Ele fez, apenas melhorar, aperfeiçoar e fazer aquilo que Ele não pôde fazer porque, também, era moleza demais Ele fazer tudo. Ele teve que deixar um pouquinho para testar a nossa sapiência, a nossa competência e a nossa vontade de fazer as coisas.

Então, eu estou otimista, Wellington, porque não é apenas o ensino fundamental e a universidade, é o ensino técnico. Só para você saber, nós estamos fazendo 32 novas escolas técnicas profissionais, das quais 25 nós vamos inaugurar até junho. Isso deixa as pessoas que não gostam de nós



muito nervosas. “Por que eles vão inaugurar? Não pode inaugurar. Este é um ano que tem eleição, então o Lula não pode viajar, ele tem que ficar sentado na cadeirinha dele, de Presidente, esperando as pessoas irem lá pedir dinheiro”. Não vou, vou sair para a rua porque é exatamente na rua que está a compreensão das coisas que nós fazemos.

Meus queridos companheiros e companheiras, vou terminar dizendo duas coisas aos nossos companheiros temporais da PEC 54/99. Na semana passada foi aprovado na Câmara o reconhecimento de todos os agentes de saúde como funcionários públicos. Vejam, nós temos muitas distorções no governo, e já pedi para o meu assessor ir conversar com vocês, eu vou tratar com carinho para ver esse negócio: o que é? Quanto custa? O que a gente pode fazer.

Também recebi uma pauta de reivindicações do Prefeito, que diz que as reivindicações já estão junto aos ministros. Eu vou apenas alertar. Vi aqui o Senador falar das ferrovias. Senador, eu vou lhe contar uma coisa, esses dias algumas pessoas ficaram nervosas comigo porque eu disse que nós fizemos, em quatro anos, 21% das extensões de rede elétrica que foram feitas em 122 anos. Nós fizemos 21% de tudo que foi feito em 122 anos neste país. No começo de março, Senador, eu vou dedicar uma semana à ferrovia brasileira. Não vou prometer fazer essa ou aquela ferrovia, eu vou dar início às obras na Transnordestina, que pega o porto de Suape, o porto de Pecém e Eliseu Martins, aqui, no estado do Piauí, e que depois vai ter braço para a Bahia, para a Paraíba, para o Rio Grande do Norte. Eu vou inaugurar o trecho de um gargalo da Brasil Ferrovias, que está atrapalhando as exportações brasileiras lá no porto de Santos. Eu vou inaugurar um trecho de obra que estamos fazendo na Ferrovia Norte-Sul, um trecho da rodovia Pantanal, que já tem 90 quilômetros prontos, e vou fazer um estudo da recuperação das ferrovias no Brasil, porque não tem vergonha maior do que este país ter acabado com as ferrovias na década de 60, como aconteceu em quase todo o território nacional. Eu passei agora e vi um resto de ferrovia. Eu vi uma ponte de ferro que deveria



ser forte e muito nobre há 30 anos atrás.

Quando eu terminar o meu mandato, eu não vou morar no estrangeiro, eu vou morar e morrer no meu país e, portanto, recuperar as ferrovias brasileiras é um compromisso nosso com os nossos filhos e com os nossos netos.

Também ouvi, Senador e Prefeito, uma reivindicação de um porto. Um porto que começou no tempo do império e que não está pronto ainda. Eu, como nós estamos numa política muito forte de recuperar os portos brasileiros, estamos recuperando 11, eu vou levar a demanda, porque eu vi gente com faixa dos portos. Eu vou estudar com muito carinho, já está no Ministério dos Transportes e eu vou querer saber o que é que pode ser feito pelo porto de Parnaíba.

Agora, eu quero terminar, porque vi lá no fundo uma faixa dos garimpeiros de Serra Pelada. Tinha um monte de placa ali de garimpeiros. E eu quero te dizer uma coisa: depois de muitos e muitos anos, depois dos garimpeiros serem tratados como bandidos durante décadas neste país, possivelmente em março ou em abril eu vou a Serra Pelada fazer um ato com os garimpeiros, porque nós estamos dando condições aos garimpeiros de voltarem a trabalhar e para que a profissão do garimpeiro, se bem ordenada, seja vista como uma profissão igual a outra qualquer, porque garimpeiro não pode ser visto com bandido a vida inteira neste país, não pode ser visto como marginal.

Nós estamos com o Ministério de Minas e Energia tratando do garimpo de Serra Pelada e nós vamos dar um tratamento nisso, civilizado, como precisa ser feito.

E para terminar eu quero dizer, Prefeito: saio daqui com a alma lavada, saio daqui com a consciência tranqüila da respeitabilidade que você tem deste povo, saio daqui feliz da vida com o carinho que vocês tem com o Wellington. Saio daqui com a certeza que vocês podem ter – embora eu seja pernambucano, more em São Paulo, e agora resida em Brasília – quero dizer



para vocês que o meu velho coração é repartido com o estado do Piauí, que sempre me tratou com um carinho excepcional.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês. Vamos trabalhar para que o Piauí continue crescendo e melhorando a vida do seu povo. Tchau!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao campus da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, no âmbito do programa de expansão do Sistema Federal de Ensino Superior Imperatriz-MA, 22 de fevereiro de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Maranhão,  
Meus queridos companheiros e companheiras da cidade de Imperatriz,  
Meu caro governador José Reinaldo Tavares, governador do Maranhão,  
Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Meu querido companheiro Tarso Genro, ex-ministro da Educação,  
Senhores senadores Edison Lobão e João Alberto,  
Deputados federais Terezinha Fernandes, Ribamar Alves, Luciano Leitoa e Wagner Lago,  
Senhor Carlos Tadeu Silva Palácio, prefeito de São Luis,  
Senhor Fernando Guimarães Ramos, magnífico reitor da Universidade do estado do Maranhão,  
Senhor Ildon Marques de Souza, prefeito de Imperatriz,  
Dom Gilberto Pastana, bispo de Imperatriz,  
Pastor Raul Cavalcante, presidente da Assembléia de Deus,  
Deusdedith Sampaio, Domingos Dutra, Fortunato Macedo, Helena Barros Heluy, Paulo Neto e Reginaldo Nunes, deputados estaduais,  
Prefeitos da região,  
Minhas senhoras, trabalhadores, trabalhadoras,  
Estudantes de Imperatriz,  
Meus queridos companheiros da área da Educação,  
Educadores e funcionários da área da Educação,



Meus queridos representantes dos portadores de deficiência física que estão sentados aqui na minha frente, meus agradecimentos por ficarem esse tempo inteiro no sol. Recebi o documento de vocês e vou ler com carinho.

Alunos,

Mas eu queria me dirigir também a um público especial aqui, em Imperatriz, que são os nossos queridos garimpeiros.

Possivelmente, ainda no final do mês de março ou no começo do mês de abril, nós iremos fazer um grande ato em Serra Pelada com os garimpeiros para dar sentido humanitário e humanista ao trabalho dos garimpeiros, reconhecer o trabalho que vocês já fizeram, e o trabalho que vocês têm por fazer lá ainda. E o meu ministro de Minas e Energia já me disse que possivelmente no final do mês de março ou no começo de abril eu estarei em Serra Pelada para uma grande festa com os garimpeiros e suas famílias.

Meus companheiros e companheiras da imprensa brasileira, da imprensa do Maranhão e da imprensa de Imperatriz,

Primeiro, eu queria ser muito breve, eu vi uma senhora passar mal agora e vi uma mulher com uma criança no colo. Eu que estou aqui em cima estou suado, eu fico imaginando vocês aí embaixo. Eu vou ser breve porque aqui já foram faladas muitas coisas que eu poderia falar.

Há uma coisa que nós precisamos levar em conta, de por que eu estou hoje à tarde em Imperatriz, neste sol. Nós começamos esta viagem por Juazeiro, na Bahia; depois nós fomos a Petrolina, em Pernambuco; depois nós fomos a Arapiraca, em Alagoas; depois nós fomos a Recife, em Pernambuco; ontem à noite eu estava em Parnaíba, no Piauí; agora estou aqui em Imperatriz e saio daqui, estou indo para Marabá, no estado do Pará. E o Fernando Haddad vai ter que continuar esta peregrinação por mais uns 30 ou 40 municípios.

Qual é o sinal que nós estamos dando ao mundo e ao Brasil? Primeiro,



no nosso governo é proibido utilizar a palavra “gasto” quando se trata de educação. Educação é investimento. Quando a gente diz que a gente vai gastar investindo na educação, é porque a gente não sabe o retorno à Nação, ao estado, à comunidade da cidade e à pessoa, de cada centavo investido na educação. Gasto é quando a gente deixa de investir em educação para ter que investir em cadeia depois para cuidar de pessoas que cometeram crimes ou delito neste país. Nenhum país do mundo virou país desenvolvido sem antes investir na educação. É por isso que nós estamos viajando pelo Brasil, porque estamos fazendo 41 extensões universitárias, tirando as universidades das capitais e levando braços delas para o interior. Não é o aluno do interior que tem que correr para a capital atrás da universidade, é a universidade que tem que estar aonde está o povo do interior deste país.

Mas não é apenas a universidade, como disse o companheiro Fernando Haddad, neste país – e os senadores que estão aqui sabem –, que uma lei que foi aprovada algum tempo atrás, em que só era possível fazer escola técnica se a prefeitura assumisse a responsabilidade de administrá-la ou o Estado. Acontece que os estados não tinham dinheiro, os municípios não tinham dinheiro e, portanto, não tinham escola técnica. Nós decidimos, este ano estamos fazendo 32 escolas técnicas, das quais 25 nós vamos inaugurar em junho. E por que fazer escolas técnicas? Porque nós precisamos capacitar a nossa juventude. Porque nós precisamos dar à nossa juventude a perspectiva de ter acesso a uma oportunidade de trabalho qualificado, para que ele possa ganhar um salário melhor, produzir melhor e dar ao Brasil vantagens comparativas tanto no preço, quanto na qualidade dos produtos que nós queremos produzir para consumir internamente e para exportar para o exterior.

Mas não é apenas isso. Nós estamos, e certamente contaremos com o apoio do senador Lobão e do senador João Alberto, nós estamos com o Fundeb, que foi aprovado na Câmara dos Deputados e agora vai ser aprovado no Senado. O Fundeb é a revolução do ensino básico neste país, porque vai



permitir o investimento a mais de 4 bilhões e 300 milhões de reais no Ministério da Educação, para que a gente possa cuidar, sobretudo, dos estados mais pobres do Brasil, para dar a eles a mesma igualdade que têm os estados do Sul e do Sudeste do país.

Mas este mês eu sancionei uma lei elevando os anos de escolaridade das crianças de oito para nove anos, garantindo que a criança entre na escola a partir de seis anos de idade, para garantir que a criança brasileira possa aprender mais e melhor. E estamos fazendo isso na educação porque não tem outro jeito. O Brasil, se quiser competir com os Estados Unidos, se quiser competir com a Alemanha, se quiser competir com a Inglaterra, se quiser competir com a China, se quiser competir com a Índia, se quiser competir com a Itália, se quiser competir com a França, a gente não pode ficar chorando que é pobre, a gente vai ter que levantar a cabeça e investir na educação para que a gente possa ser tão competitivo quanto esses países. E o Brasil tem qualidade para isso, o Brasil tem condições para isso.

É por isso, meu caro governador, meus caros amigos deputados e deputadas, senadores que estão aqui e prefeitos, essa passagem nossa é rápida, mas é uma passagem simbólica, é uma passagem para dizer para vocês: não tem retorno para o Brasil. O Brasil entrou num novo momento da sua história, a economia está crescendo, estamos gerando empregos. Aqui no estado do Maranhão, Governador, e o senhor sabe disso, aqui no estado do Maranhão só do programa Bolsa Família nós estamos garantindo a este estado 450 milhões de reais direto no bolso do povo pobre deste estado, para garantir a eles que tomem café, almocem e jantem todo santo dia. Aqui neste estado, nós já garantimos a 233 mil famílias, a 46 mil lares, ligações do programa Luz para Todos, tirando uma parte da população das trevas e levando energia elétrica, porque isso significa progresso e significa desenvolvimento.

Eu quero aproveitar para agradecer ao meu pessoal da área de Educação. Eu acho que em poucos momentos da história do Brasil se teve



uma equipe de Educação que trabalhe tanto quanto esta equipe trabalha. Eu vou contar uma coisa para os estudantes de Imperatriz e do Maranhão. Neste país que nós vivemos, não sei se vocês sabem, ministro da Educação não recebia reitor, tinha medo de conversar com reitor. Presidente da República não fazia reunião com reitor, muito menos entrar com o presidente da UNE no mesmo avião, porque presidente da República tinha medo de estudante. Este país não é meu, as coisas que estou fazendo não são minhas. Eu é que sou brasileiro, não o brasileiro é que é meu. Eu é que devo obrigação a este país. Portanto, nós temos que conversar com os reitores, nós temos que conversar com os estudantes, nós temos que conversar com os trabalhadores para a gente poder dizer...

Quando ganhei as eleições, meu caro José Reinaldo, este país gastava dois bilhões de reais com a agricultura familiar, hoje estamos gastando nove bilhões de reais. Quando eu assumi a Presidência da República, este país gastava sete bilhões em programas sociais, hoje estamos gastando 22 bilhões em programas sociais. E estamos fazendo isso não é por favor, não, é por direito, porque na hora em que os presidentes da República tiverem humildade e perceberem que o dinheiro que eles têm lá não é deles, é do povo, é apenas devolver para o povo, em forma de benefício, esse dinheiro que todo mundo vai ganhar. E nenhum benefício poderia ser melhor do que investir na extensão universitária.

Eu quero dizer para vocês, meu caro Governador, eu tenho uma frustração na minha vida, eu não tenho um diploma universitário, eu não pude fazer uma universidade. Não me orgulho disso não, não me orgulho disso. Eu quero é dar aos jovens de hoje a oportunidade que eu não tive na minha geração, eu quero garantir que esses jovens tenham o diploma que eu não tive, as oportunidades que eu não tive, porque eu sei que tendo um diploma e uma profissão, eles poderão garantir para as suas famílias, para o pai, para a mãe, para a mulher e para os filhos um mundo muito melhor do que aquele que eu e



você recebemos dos nossos pais.

Por isso, meus queridos meninos e meninas da cidade de Imperatriz, queridas mulheres e queridos homens de Imperatriz, saio daqui com a alma lavada. Não fiz tudo que ainda precisava fazer mas, certamente, já fizemos muito mais do que uma elite que governou este país durante quase 500 anos e esqueceu a parte pobre da população. Vamos continuar trabalhando, vamos continuar investindo na educação porque a educação é a base, é o fundamento para que este país se transforme numa grande Nação.

Muito obrigado a todos vocês e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de visita às obras do campus do Sul e Sudeste da Universidade Federal do Pará**

**Marabá-PA, 22 de fevereiro de 2006**

Eu queria, primeiro, pedir desculpas aos companheiros que estão aqui na frente, porque vocês viram que em algum momento eu estava inquieto, chamando a minha assessoria. Por que eu estava inquieto? Porque quando eu cheguei aqui, nós passamos no meio de um povo que estava ali na rua. E eu pensei que o ato ia ser ali porque tanta gente estava ali, que eu falei: o ato vai ser para o povo, então vamos fazer o ato ali, para o povo. Aí depois me trouxeram para cá, eu vi um pouco de gente aqui e a maioria lá fora, gritando. Eu falei: espera aí, algo está errado. Então, eu quero pedir desculpas se algum erro foi cometido pela minha assessoria.

Eu vi lá fora garimpeiros, que nós pretendemos ajudar e, talvez, no mês que vem ou em abril, eu estarei no garimpo de Serra Pelada. Eu vi motoqueiro que está pedindo a regulamentação da sua profissão, já tem projeto no Congresso Nacional. Eu vi dona-de-casa com criança no colo tomando sol às 3h da tarde. E vi também gente que não queria ouvir, porque tem gente que veio com apito para não ouvir. São um tipo de gente que já foi derrotada aqui pelo nosso Reitor um tempo atrás e, certamente, são contra qualquer coisa que a gente faça que signifique melhora para a comunidade universitária e para o povo brasileiro.

Mas mesmo esses, quando Deus fez a gente com dois ouvidos e uma boca é para a gente ouvir vaias e aplausos. Não é para a gente ouvir só as coisas que a gente gosta. Minha mãe dizia: aquilo que a gente gosta, a gente ouve e entra na cabeça; aquilo que a gente não gosta, entra num ouvido e sai no outro ouvido e fica tudo por isso mesmo.



Então, eu quero dizer para vocês que, se houve algum engano da parte da minha gente, eu quero pedir desculpas, porque eu acho que o pessoal estava há muito tempo no sol.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que o Petta está ficando desaforado, porque o Presidente da UNE, ele... Vocês sabem de uma coisa: coçar e reivindicar é só começar, principalmente quando você é atendido na reivindicação. Eu acho isso extraordinário, porque muita gente acha que o governo e eu, particularmente, achamos ruim algumas reivindicações. Não acho. Eu nasci, na minha vida política, fazendo pauta de reivindicação, fazendo protesto. Nunca fui grosseiro com ninguém. Mas todo mundo sabe que a minha vida nasceu das lutas dos trabalhadores brasileiros, reivindicando, cobrando de governo, cobrando das pessoas. Então, eu jamais vou achar ruim que alguém reivindique alguma coisa para mim. Eu só pretendo ser honesto com eles como eu sou com meus filhos. Quando meu filho quer uma coisa que eu não posso dar, ao invés de ficar enganando: não, espera, a semana que vem, o mês que vem, eu prefiro dizer: não tem, não dá para dar, vamos esperar o momento. É melhor ser franco.

Eu estou dizendo isso porque eu vi aqui o reclamo do Prefeito, e com razão, reivindicando coisas para a sua cidade. Mas é importante lembrar, Prefeito, que era quase proibido criar escola técnica neste país, porque o governo passado criou uma lei em que só era possível criar escola técnica se fosse administrada pela prefeitura ou pelos estados. Como os estados não tinham dinheiro, nem as prefeituras, não tinha escola técnica. Nós, agora, revogamos a lei e estamos fazendo 32 escolas técnicas, das quais 25 nós vamos inaugurar até junho deste ano. Além do Proep, que estava praticamente paralisado na maioria dos estados brasileiros, com um problema seriíssimo, com o BID praticamente ameaçando não colocar mais dinheiro, e nós assumimos a responsabilidade de quase 270 escolas de formação profissional. Então, eu acho que nós estamos vivendo um momento no Brasil em que a



gente não tem que ter preocupação com as reivindicações do povo, porque este Brasil está vivendo um momento excepcional.

A democracia no Brasil está se consolidando de tal forma, as instituições estão tão sólidas que as reivindicações só fazem crescer a sustentabilidade que uma democracia precisa para que ela se transforme numa democracia forte, uma democracia respeitada.

Muitas vezes, eu fico chateado quando eu não vejo lealdade na relação humana, eu fico chateado. Eu quero dizer para vocês que a coisa mais triste que um governante, e não eu, pode viver, é ele saber que nas obras para as quais ele deu dinheiro para fazer, sequer é citado o nome dele na maioria das cidades e na maioria dos estados brasileiros. Então, é o pior dos mundos, porque quando a coisa está boa, “fui eu que fiz.” Eu aprendi na minha vida com chefe de fábrica. Eu durante muito tempo trabalhei e tinha muito chefe me olhando. Era um peão trabalhando e três em cima, olhando trabalhar. Bem, mas eu não me preocupava. Agora, quando saía uma peça boa, o chefe batia no peito e falava para o outro chefe: “nós fizemos a peça boa”. Quando, por azar, a gente estava cansado e estragava uma peça, ele dizia: “ele estragou a peça, não fomos nós, foi ele só”.

Então, eu queria dizer uma coisa para vocês. O nosso governo pode ser acusado de qualquer coisa, menos do nosso comportamento republicano no tratamento dos entes federativos, independentemente de a que partido pertença um prefeito, um deputado, um vereador e um governador. Eu não pergunto para que time as pessoas torcem, não pergunto que religião elas freqüentam, não pergunto de que partido elas são. Até porque, quando eu faço uma coisa para uma cidade ou para um estado, eu não estou pensando no prefeito ou no governador, eu estou pensando é se o povo vai se beneficiar com aquela medida que nós estamos fazendo.

E eu queria dizer uma coisa, aqui. O governo federal passa para o estado do Pará 5 bilhões, passou o ano passado 5 bilhões e 547 milhões. Só em programas sociais nós passamos, na transferência voluntária aos estados e



municípios, 288 milhões, isso em 2004, não está computado 2005. Nós passamos para aplicações em investimentos (inaudível) do governo federal, 902 milhões; para o Programa de Transferência de Renda, 706 milhões; em repasse do FNDE para estados e municípios, em 2004, 676 milhões, fora o dinheiro constitucional que nós somos obrigados a mandar para os estados.

Só no estado de São Paulo, que é o mais rico da Federação, nós gastamos em programas sociais, em São Paulo, 2 bilhões de reais por ano. Neste país, governo não tinha o hábito de cuidar de pobre, não tinha o hábito de tratar o pobre com nenhum programa. Eu vou deixar isso claro porque eu, de vez em quando, recebo notícias, de vez em quando eu recebo matérias de jornais, de pessoas dizendo coisas que não são verdadeiras a respeito do governo federal. Então, é importante que a gente diga isso.

Eu vou dar um dado para vocês só do programa Bolsa Família. O programa Bolsa Família atende no estado do Pará 341 mil famílias. Nós passamos, só para cuidar das famílias que vivem abaixo da linha da pobreza nesse estado, 282 milhões de reais, passamos o ano passado. Portanto, eu quero dizer que nenhum governo, nenhum prefeito recebe menos ou mais por ser do PT ou por não ser do PT. As pessoas recebem pelo grau de população que tem a sua cidade e pelas necessidades.

A segunda coisa que eu acho importante, vocês sabem que nós criamos o programa Luz para Todos. Este é um programa gerado pela ministra Dilma Rousseff, gerado, aquilo saiu das entranhas dela, porque era uma paixão. Agora, eu chego na maioria dos estados e o Programa tem outro nome. Eu chego nos estados, muitos governadores não deram um centavo ainda e o Programa é deles, nem citam o governo federal. E aqui neste estado, só de pessoas atendidas já foram 158 mil pessoas, com praticamente 32 mil ligações, e nós queremos chegar aos 12 milhões de brasileiros que vivem nas trevas, até 2008. E nós estamos colocando a grande maioria do dinheiro.

Esses dias eu cheguei num estado, nós colocamos 184 milhões, o cidadão colocou 14 e é dele o Programa! Em outros estados ele muda de



nome: não é o Luz para Todos, é o nome dele! Esses dias teve uma festa, num estado aí, do programa São José, ou seja, é o programa Luz para Todos, com o nosso dinheiro!

Então, não é só na intelectualidade que tem plágio, na literatura, nos livros, nas músicas, não, na política também tem. As pessoas se apoderam. Então, eu acho, companheiros, eu queria dizer isso porque eu fico muito chateado porque eu duvido que vocês tenham ouvido da minha boca, nesses três anos de Presidência, eu fazer uma crítica a algum governante de qualquer estado ou mesmo dos meus adversários. Não faço, porque o papel do presidente da República é tão importante que ele não pode ser pequeno, ficar batendo boca com qualquer outra pessoa neste país.

Mas veja, no ProJovem, eu vou dar um exemplo. O ProJovem é um programa que nós criamos para atender às crianças da periferia de 18 a 24 anos que tinham desistido da escola e que não trabalham. É um programa que está sendo hoje coordenado junto à secretaria da Presidência da República e que nós vamos juntar tudo isso no MEC ou em qualquer outro Ministério. Pois bem, nós demos para Belém nove mil vagas. É só para capitais, para jovens da periferia. Nós demos nove mil vagas para Belém; demos 35 mil para o Rio de Janeiro; 356 mil para São Paulo; 10 mil não para sei para onde. Pois bem, eu estou sabendo aqui, agora, que só foram matriculados em Belém 1.750. Mas tem nove mil vagas disponibilizadas. E nós pagamos ainda 120 reais para cada jovem que sair da periferia, voltar a estudar, e nós pagamos um salário. Pagamos uma renda de 120 reais para ele voltar a estudar. Eu não entendo porque não estão completos aqui os nove mil. O ideal era que os prefeitos tivessem pedindo mais, querendo mais, exigindo mais e não tem. Eu não entendo. Tem cidade que nós demos 30 mil vagas, até agora só tem 12, como se não tivesse jovem sem formação, como se não tivesse jovem desempregado. É o que mais tem no Brasil.

Então, eu acho que nós vamos andando para consolidar uma relação, eu diria, mais honesta, mais leal entre nós, porque nenhum prefeito pode



atender melhor um bairro do que outro, porque um bairro tem mais eleitor dele ou não. Nenhum governador pode atender uma cidade melhor do que outra e nenhum presidente da República pode ficar escolhendo a quem fazer as coisas. Eu fui eleito para atender a 180 milhões de brasileiros e eu não quero saber se é corintiano, são paulino, palmeirense, flamenguista, se torce para o Paysandu, se torce para o Remo. Agora, eu estou “assim” com o Paysandu porque o Corinthians contratou o Moura, do Paysandu, e está jogando bem lá em São Paulo.

Então, eu queria dizer isso aqui porque eu vou dar um dado para vocês do Pronaf, aqui no Pará. O Pronaf, aqui no Pará, na safra 2001/2002 tinha 2.590 contratos; na safra 2004/2005 pulou para 39 mil contratos; na safra deste ano, 2005/2006, pulou para 82 mil. Vejam, saímos de 2.500 contratos na safra de 2002 e pulamos para 84 mil contratos na safra de 2006. Nós passávamos, o governo federal daquela época, passava para o Pronaf, meu querido companheiro sindicalista, aqui, nós passávamos naquela época 15 milhões para o estado do Pará, hoje são 455 milhões de reais. Um crescimento de apenas 2.780%. E sabem por quê? Porque o Pronaf era uma coisa para o Sul do país. Quando o governo federal anunciava tantos bilhões para o Pronaf, Rio Grande do Sul e Santa Catarina ficavam com 80%, que era onde tinha mais organização. O Banco do Brasil tinha desaprendido, os gerentes do Banco do Brasil não sabiam mais atender pobre, era melhor atender um só com um charutão na boca pedindo muito, do que atender muitos de sandália havaiana pedindo pouco.

Então, nós precisamos de um processo de educação do gerente do Banco do Brasil, gente boa, mas que estava desorientado. A ordem não era atender pobre, a ordem não era atender pequeno. E isso foi um trabalho. E hoje, graças a Deus o Pronaf está nacionalizado. Você vai no Acre, você vai na Paraíba, você vai em Roraima, você vai no Amapá, você percebe que triplicou, quadruplicou ou quintuplicou o número de pequenos produtores que estão tendo acesso ao dinheiro do Pronaf. E isso não é nenhum favor. É apenas



obrigação de fazer justiça a quem quer tomar dinheiro emprestado do Banco do Brasil. Portanto, esta é uma coisa que eu acho importante dizer para vocês.

Aqui em Marabá também dobrou bastante, gente. Aqui em Marabá nós tínhamos, do Pronaf, apenas 71 contratos. Na safra de 2004/2005 já pulou para 1.520. Eu não tenho a safra 2005/2006 em Marabá, mas se dobrou, se saiu de 71 para 1.520, deve ter hoje aí uns quatro ou cinco mil contratos do Pronaf. Mais do que justo, porque este estado aqui é um estado de extensão territorial muito grande, de gente muito batalhadora, de gente trabalhadora. Então, é justo que o Pronaf venha para cá e traga dinheiro.

Bem, só de habitação a União passou para este estado 173 milhões de reais. Então, eu não vou dizer, não vou ficar dizendo números aqui porque o prefeito de Marabá sabe que tem dinheiro do governo federal aqui, e bastante. Eu só queria que as pessoas colocassem uma placa bem grande com o nome deles e colocassem pelo menos um adesivozinho do governo federal. Só isso. Eu já ficaria satisfeito. Mas me esconder, me negar, eu fico chateado, confesso a vocês que eu fico chateado.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é o seguinte: eu não cumprimentei ninguém porque a nominata normalmente é tão grande que se eu for falar o nome de todo mundo, todo mundo aqui vai se achar no direito de ser candidato a vereador na próxima eleição, porque já se acha popular depois que a gente citar os nomes aqui.

Mas eu queria fazer uma alusão especial ao nosso Alex Fiúza de Mello, reitor da Universidade Federal do Pará. Gostaria de fazer, porque sabem o que acontece gente, neste país, para fazer as coisas tem que se ter coragem. Nós temos uma tendência a não gostar de reforma. Tudo que é novo na nossa vida a gente tem medo, por isso que esquerda e direita têm medo de reforma, porque tudo que é novidade as pessoas se assustam, e é normal que se assustem. Mas vejam, eu fui à China, eu cheguei na China e a coisa mais importante era a ligação entre a universidade pública e as empresas da China, transformando o seu conhecimento teórico em produtos que poderiam ser



industrializados, gerar riqueza para aquela empresa e uma contrapartida para a universidade. Isso é a coisa mais fantástica que eu vi. E eu voltei para o Brasil convencido de que a gente tem que fazer isso, afinal de contas, nós não podemos ficar a vida inteira produzindo teorias, guardando numa gaveta, e não tentar fazer aquilo gerar riquezas para um país. Eu acho extraordinário isso. E esta parceria da Vale do Rio Doce com a Universidade Federal do Pará é uma coisa genial. Quero dar os parabéns à coragem de vocês e ao que vocês estão fazendo aqui.

E tem gente que fala: “ah, mas vai produzir mão-de-obra para a Vale do Rio Doce”! É lógico que se você tem um pólo como este aqui de mineração, extraordinário, você não vai ficar produzindo só nutricionista aqui, você vai ter que produzir coisas que atendam às necessidades da população, mas também que atendam ao mercado de trabalho, às novas opções do mercado de trabalho. O que adianta a gente fazer hoje escola de ensino médio se a gente for ensinar qualquer profissão e não ensinar computação? O cidadão vai sair analfabeto do ensino médio. Então, hoje, a multifuncionalidade profissional neste país exige que o cidadão seja eclético, ele tem que saber fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Então, eu quero dar os parabéns.

Se alguém criticar você, meu caro Alex, diga o seguinte: não critique a mim, critique o presidente Lula que concorda comigo e que gosta da idéia. E digo isso, Alex, porque tem gente que pensa que eu tenho orgulho de não ter diploma universitário. Não tenho. Também não tenho frustração, já passou a idade da frustração. Aos 60 anos, ficar frustrado já é demais também. Mas eu gostaria de ter feito um curso superior. Não pude fazer no momento certo, mas eu não quero que nenhum jovem chegue aos 60 anos, como eu cheguei, sem um diploma. Eu quero que todos tenham acesso a um diploma universitário. Um diploma universitário nada mais é do que a qualificação da nossa juventude, sabe, é a formação profissional, nós estamos qualificando as pessoas para o mercado de trabalho. Eu sei o que é uma pessoa que não tem profissão procurar emprego. Você chega numa fábrica procurando emprego



sem profissão e as pessoas falam: “não tem vaga”. Às vezes a gente espera das seis da manhã às duas da tarde e eles nem pedem a carteira profissional da gente. Agora, quando você tem uma profissão, não. O cidadão olha a carteira e fala: “espera aí, esse aqui tem profissão, aguarde um pouco”. Mesmo não admitindo, vai fazer uma fichazinha e vai dizer: “espera aí, tem um Robinho aí, tem um Cacá aí que está na reserva agora, mas vamos deixar a ficha dele, porque daqui a pouco a gente vai chamar”. E ele tem mais facilidade de emprego. É isso que eu quero para o meu país, é isso que eu quero para os meus filhos e é isso que eu quero para os filhos de 180 milhões de brasileiros. É dar a eles a igualdade de oportunidades neste país.

Lógico que a gente não pode fazer tudo com a rapidez que gente gostaria de fazer. Mas eu fico pensando assim: muitas vezes, se a gente não tomar cuidado, quando as pessoas conseguem chegar a uma mesa, fazer o seu prato e ter feijão, arroz, carne e ainda uma salada de cebolinha, se for como eu, gostar de um ovinho frito, a pessoa começa a esquecer que tem outros sem comer ali do lado. E um governante, toda vez que ele se sentar à mesa, ele tem que lembrar como é que está o outro que não está na mesa com ele. Tem gente melhor, mas tem gente pior.

Então, a universidade brasileira, o ensino técnico, é a possibilidade que nós temos de colocar o Brasil com vantagens comparativas com nossos concorrentes diretos no mercado globalizado, é a chance que nós temos. Até porque vocês sabem que não tem estado, nem cidade, nem povo que se desenvolva pela ignorância, não tem. Só vai se desenvolver se tiver acesso ao conhecimento, e o conhecimento não tem milagre. Eu posso dizer: mas tem autodidata, mas autodidata é um no meio de um milhão. E às vezes é preciso saber se é autodidata mesmo. Às vezes as pessoas pensam que são, e não são autodidas. Agora, se a gente quiser dar conhecimento mesmo, não tem outro jeito: é acreditar e investir numa coisa chamada escola de qualidade, do fundamental à universidade brasileira. Está aqui o companheiro Tarso Genro, que foi ministro da Educação, e está o Fernando Haddad. Nas reuniões que



vão discutir dinheiro da educação eu digo sempre: aqui é proibido utilizar a palavra gasto em educação. Salário de professor não é gasto, criação de escola não é gasto, criação de faculdade não é gasto, criação de escola técnica não é gasto, é investimento. Investimento que traz retorno imediato para o país. Gasto vai ser o dia em que eu não investir na educação e depois tiver que investir na construção de uma cela para segurar um jovem que não teve oportunidade de estudar. Aí é gasto.

É por isso que nós estamos fazendo uma pequena revolução na educação. São, ao todo, 42 extensões; são quatro universidades federais novas; são faculdades que estão sendo transformadas em universidades; são 32 escolas técnicas, que inauguraremos agora, esta semana, porque também o Fernando Haddad aprendeu a reivindicar. Ele sabe que é bom reivindicar. Então, vira e mexe ele pede uma audiência comigo: “Presidente, eu fiz uma agendazinha com o senhor.” E como ele não é “macaco velho” na relação comigo, de 30 anos, como o Tarso... o Tarso me pedia, ficava na porta me esperando e a gente conversava. O Fernando é mais jeitoso, pede. Aí chegou lá para mim e falou: “Presidente, tem um negócio aqui, como é que chama lá, o Proep, que foi inventado, “não sei das quantas”, mas que cortaram o dinheiro e tem 18 que as comunidades não podem tocar.” Aí ele falou assim para mim: “Presidente, isso aqui para a gente assumir, para federalizar, custa 40 milhões. Presidente, com 40 milhões, o senhor precisa convencer o Palocci, Presidente.” Porque eu gosto do papel dele de reivindicar, mas também gosto do papel do Palocci, de negar. Porque aí eu fico como uma espécie de caminho do meio, o ponto de equilíbrio entre os dois, porque senão um nega demais e outro reivindica demais, desbalanceia.

Então, eu falei para ele: meu querido, vamos fazer o seguinte, eu não vou nem falar com o Palocci. Da verba da Presidência da República, nós tiramos 20 milhões e tiramos 20 milhões da verba do Palocci e nós vamos fazer, transformar os 18 Proeps em escolas técnicas federais para a gente não ficar brigando por pouca coisa neste país. É assim que eu penso a educação,



possivelmente porque eu não tenha chegado à universidade. Eu tenho medo... alguns que passaram e foram governo e foram fazer pós-graduação “não sei onde” esqueceram que os outros precisam ter chance, ter oportunidade.

Bom, os cientistas aqui sabem o que nós estamos fazendo em Ciência e Tecnologia. Nós tínhamos nos proposto a formar dez mil doutores nos quatro anos, já formamos 10.500 doutores em 36 meses. Ainda falta um ano e vamos formar muito mais doutores. Nunca se escreveu tanto sobre pesquisa como agora, nunca houve tanto investimento em inovação tecnológica como agora. Por quê? Porque ou nós entramos nessa, ou nós fazemos isso, ou daqui a pouco a gente é passado por outros países.

Quando nós criamos o programa PC Conectado, demorou um ano, e foi o César Alvarez que coordenou, mas a nossa idéia é colocar mais de um milhão de computadores financiados – para pagar 50, 60 reais por mês – na mão da gente pobre deste país para que eles tenham oportunidade. Nós temos lojas... estão tão felizes porque teve loja que vendeu 47 computadores por dia, para a gente pagar 69 reais a prestação, 60. E computador de qualidade, não é o chamado computador popular, porque no Brasil tem uma mania de: “vamos fazer as coisas populares.” As coisas populares, podem ver que são de segunda. E peão, é como dizia Joãozinho Trinta, quem gosta de luxo (inaudível), pobre gosta é de ter coisa boa, não tem mais porque não pode. Aliás, foi Joãozinho Trinta que disse isso no carnaval de 78.

Então eu quero, meus companheiros e companheiras, dizer para vocês que eu termino o meu dia feliz, termino o meu dia alegre. Já fizemos toda a peregrinação que disse o companheiro Petta. Vocês imaginem, neste país, presidente da República andar junto com o presidente da UNE? Nem o recebia. A UNE não foi recebida durante 23 anos de regime militar, eu não sei se foi recebida nos seis anos depois, eu não sei se foi recebida pelo Collor, depois eu não sei se foi recebida... Pelo Itamar eu sei que foi recebida. Mas depois também não foi mais recebida. Aliás, neste país não se reunia com reitor. Sabe com o que eu fiquei surpreso? Quando eu fiz a primeira reunião com todos os



reitores, me disseram: “Presidente, nós não mordemos, é a primeira vez que um presidente da República tem a coragem de se reunir com todos os reitores e ouvir dos reitores as reivindicações”. E é por isso que nós mandamos um projeto de reforma universitária. Na quinta-feira, se Deus quiser, fechamos todas as pendengas e vai o projeto de reforma universitária – que não é feito pelo governo, é importante dizer, que não é feito pelo governo, é feito pela sociedade – para ser votado no Congresso e dar autonomia para a universidade. E todo mundo sabe que autonomia significa mais responsabilidade, autonomia não é moleza, autonomia significa que quando tiver uma greve de 100 dias... Só fazem greve de 100 dias porque não se desconta o dia, se descontar não agüentam dez. Agora, é fácil ficar 100 dias de greve porque aí não é greve, são férias. Eu fico de greve, chega no final e recebo pagamento? Não.

Eu fui peão, fiz as maiores greves deste país, eu nunca fui ao estádio da Vila Euclides pedir dias parados. Eu dizia para a peãozada: greve é guerra, nós temos a nossa força de trabalho para poder negar ao patrão, para ele nos atender. Ele tem alguns direitos para executar sobre nós para a gente ceder. Agora, não. Esses dias, não sei quantos dias de greve... mas todo mês vai lá receber o pagamento. Isso é greve? Isso são férias, não é greve.

Então, quando tiver autonomia, meu caro, vai ser da responsabilidade dos reitores marcar quem está indo trabalhar e quem não está indo trabalhar, porque depois os estudantes perdem três meses. Dizer que a gente vai, em nove meses, ensinar o que tinha que ensinar no ano é balela. Dizer que a gente vai repor depois... Vamos ser francos. É a gente brincando de enganar uns aos outros e o país não comporta isso. Quanto mais sérios nós formos, quanto mais responsáveis nós formos, mais chance este país tem de se desenvolver, de dar um salto de qualidade e de virar uma Nação desenvolvida.

Por isso, meu caro Alex, eu saio daqui prazerosamente satisfeito, sei da sua coragem durante a greve, sei da sua coragem durante a reforma universitária, sei da sua coragem na reunião com as empresas estatais e eu



quero dizer para você o seguinte: todo mundo pensa que pode ser líder, mas líder é aquele que tem coragem de dizer não. Começar uma greve é a coisa mais fácil, é subir num caminhão de som e xingar a mãe de alguém, a mãe do governador, do prefeito, do presidente, a mãe do reitor, e está começada a greve. Agora, pare ela. Tenha coragem de ir numa assembléia falar: vamos parar com a greve. Não é todo mundo que tem coragem não. Tem covarde que prefere deixar a greve acabar por inanição. Quando não tem mais ninguém na assembléia, que ele fala apenas com os ouvidos moucos dele próprio, ele fala: acabou. Mas acabou porque acabou.

Eu acho que o Brasil está vivendo um momento excepcional. Se a gente não assumir a responsabilidade, porque a tarefa não é só do presidente, não é só do prefeito, do governador, do reitor, dos professores, a tarefa é de todos nós de definir que tipo de país nós queremos para nós, para os nossos filhos.

Então, meu querido Alex, obrigado. Obrigado ao povo de Marabá por me proporcionar este dia gratificante. Eu vou terminar lendo uma carta para mostrar como é que as coisas acontecem, às vezes, sem a gente saber quem é culpado, mas eu vou ler uma carta aqui. Eu pedi para a família entrar ali para conversar comigo, eu vou ler a carta para você ver que nós já poderíamos ter resolvido isso. A carta diz o seguinte:

“Senhor Presidente, meu nome – eu não sei se é Icina, Lívia – “estou lhe escrevendo para lhe pedir uma ajuda. Tenho 11 anos, tenho pai e mãe e três irmãos. Meu pai está desempregado, minha mãe sofre de inflamação nos ossos, por isso não pode trabalhar. Meu irmão de dois anos está muito doente da boquinha, a boca do meu irmãozinho está quase podre, não sabemos o que é, já consultamos duas vezes, mas não dá jeito.

Senhor Presidente, moramos de aluguel. A dona já pediu a casa porque não temos dinheiro para pagá-la. Fico muito triste com isso. Quando começou a minha aula eu não tinha nem um caderno para ir para a escola. Fomos na rádio pedir uma ajuda de um caderno, um lápis e uma farda, porque no meu colégio não permite entrar sem farda. Pedi essa ajuda porque eu queria que o



prefeito me ajudasse me dando um caderno para eu não faltar à aula. Mas não me ajudaram” – possivelmente o prefeito não tenha ouvido, como eu não ouvi.

“Passei uma semana sem ir à aula, por não ter caderno. Fiquei muito triste, Presidente, porque não gosto de faltar à aula. Nós temos o Bolsa Escola, mas não corta, porque a minha mãe não foi cadastrada e a moça disse que a minha mãe tem que ir a Belém” – quem disse que tem que ir a Belém está mentindo, porque não tem que ir a Belém, o cadastro é feito na cidade.

“Minha mãe não tem condições de ir até lá, por isso peço sua ajuda. Senhor Presidente, tem dias que não temos nem o que comer. Completei 11 anos domingo passado e nós não tínhamos nada, só o amor e a alegria. Por isso, peço que Deus toque no seu coração quando ler esta carta. Por favor, nos ajude. Este é um pedido de socorro. Eu sei que você tem filhos, por isso sei que vai me atender. Somos evangélicos com muito orgulho. Tenho fé em Deus que esta carta chegue em suas mãos. Em nome de Jesus, o Deus que serve, que Deus abençoe você, sua família, seus filhos, seu endereço.”

Este aqui deve ser como milhões de casos pelo Brasil afora, deve ter milhões de casos de pessoas que procuram, que não são atendidas, e as pessoas não dão importância. Então, eu acho que, primeiro, não tem coisa mais desagradável do que uma criança não ir à escola por causa de um caderno, não tem coisa mais desagradável. Eu, esses dias... está aqui o Ministro da Educação, nem sei (inaudível), mas nós vamos conversar com a mulher ali e ver o que se pode fazer, porque o que não pode é uma criança não ir para a escola por causa de caderno. E aqui, se tiver Samu, é importante que os médicos do Samu olhem a boca dessa criança, porque se tem uma criança que está com a boca, sabe... Eu sei que por onde eu ando tem sempre uma ambulância do Samu fazendo a segurança do Presidente. Se estiver aí, dr. Kleber, é importante chamar para assumirem de consultar essa criança, porque se a irmã de 11 anos está dizendo que a boquinha da criança está podre, alguma coisa tem que ser vista aí. E também a mãe que está com uma inflamação, nós temos que ver. No mais, gente, eu li esta carta porque a



menininha estava ali, eu não iria embora sem ler esta carta.

Eu quero dizer para vocês que, ou nós investimos na educação, de fato e de direito, muito mais, cada vez, muito mais... Eu sou agradecido à Câmara por ter aprovado o Fundeb. Agora, falta no Senado. Nós temos muita coisa, nós temos algumas dezenas de anos de atraso na educação. Então, nós temos que recuperar, e recuperar muito rapidamente para que a gente possa, daqui a 20 ou 30 anos, ser uma Nação altamente desenvolvida, competitiva e ter como material de exportação, como produto, não a soja ou minério de ferro daqui, mas além de tudo isso que nós queremos ter, o biodiesel, o álcool, produtos manufaturados, nós temos que exportar o nosso conhecimento, a nossa inteligência, porque isso tem valor agregado insubstituível, isso tem valor agregado extraordinariamente valioso.

Por isso, Alex, professores, vices-reitores, professoras, estudantes, companheiros e companheiras, muito obrigado, que Deus abençoe a todos nós e nos dê coragem para continuar lutando.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lido pelo  
Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, durante a Conferência  
de Paris sobre Fontes Inovadoras de Financiamento**

**Paris-França, 28 de fevereiro de 2006**

Gostaria de poder participar pessoalmente da abertura desta Conferência muito importante, ao lado do Presidente Chirac, de outros colegas e do Secretário-Geral Kofi Annan. Este evento permite fazer avançar a iniciativa que os Presidentes Chirac e Lagos, o Secretário-Geral e eu próprio lançamos em Genebra. Ela dá seguimento aos compromissos assumidos por 110 países por ocasião da Cúpula de setembro de 2004, em Nova York.

Naquela ocasião, concordamos em buscar novos mecanismos – eficazes e imediatos – para combater a fome, esse flagelo que afeta centenas de milhões de seres humanos.

A realização desta Conferência é prova de que a persistência pode vencer a inércia e o ceticismo. Demonstra também que nossos esforços conjuntos podem levar-nos além das palavras e das boas intenções.

No Brasil, comprometemo-nos a implementar a contribuição solidária sobre as passagens aéreas. Meu Governo já tomou medidas visando a sua adoção definitiva. Até que essas medidas estejam em vigor, contribuiremos por meio de fundos orçamentários, correspondentes à receita que se espera obter com tal mecanismo. Nesse sentido, um projeto de lei será submetido muito proximamente ao Congresso Nacional.

Apoiamos com entusiasmo a criação de uma Central Internacional de Compra de Medicamentos. Trata-se de projeto que representa uma resposta concreta ao desafio da fome e da pobreza. Como se sabe, o acesso à saúde é elemento indispensável do desenvolvimento humano, da educação e do



trabalho digno. A luta contra a pobreza nos países em desenvolvimento passa pela luta contra enfermidades como a AIDS, a malária e a tuberculose. Nesse mesmo espírito, estamos dispostos a apoiar outras iniciativas, como o Mecanismo Internacional de Financiamento da Imunização.

No Brasil, estamos engajados na superação de uma pesada herança de desigualdade e injustiça, e na criação das condições para promover a inclusão social. Isso não é uma utopia. O êxito dos programas que implementamos no Brasil, de que já podemos ver resultados tangíveis, nos permite acreditar que progressos semelhantes são possíveis no plano internacional.

O Brasil está pronto a sediar uma próxima reunião, em seguimento às discussões que se realizarão nestes dois dias em Paris, com o objetivo de aprofundar os aspectos técnicos das propostas e de encorajar outros países a se unirem a nós.

Os que têm fome não podem esperar. Eles precisam de respostas urgentes. Nossa tarefa é fazer com que tais respostas se materializem.